

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ROSE MARY DA FONTOURA RODRIGUES

UNIVERSIDADE
NA
...MEIA-IDADE...

**GRADUANDAS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UFRGS:
UM ESTUDO DE CASO**

PORTO ALEGRE

2017

ROSE MARY DA FONTOURA RODRIGUES

**UNIVERSIDADE NA MEIA-IDADE: GRADUANDAS DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DA UFRGS: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharela em
Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Lourdes da
Silva Moro

PORTO ALEGRE

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller.

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Rose Mary da Fontoura
UNIVERSIDADE NA MEIA-IDADE, GRADUANDAS DO CURSO
DE BIBLIOTECONOMIA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E
COMUNICAÇÃO DA UFRGS: UM ESTUDO DE CASO / Rose Mary
da Fontoura Rodrigues. -- 2017.
181 f.
Orientador: Eliane Lourdes da Silva Moro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Universidade na Meia-Idade. 2. Vivências e
barreiras das graduandas de meia-idade, Curso de
Biblioteconomia FABICO / UFRGS. 3. Informação e
Conhecimento. 4. Formação Acadêmica do Bibliotecário.
I. Moro, Eliane Lourdes da Silva, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana - Campus Saúde

Porto Alegre, RS - CEP: 90035-007 – Telefone: (51) 3308-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

ROSE MARY DA FONTOURA RODRIGUES

**UNIVERSIDADE NA MEIA-IDADE: GRADUANDAS DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DA UFRGS: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharela em
Biblioteconomia.

Aprovada em: Porto Alegre, 16 de janeiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro – UFRGS/DCI
Orientadora

Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty – UFRGS/DCI
Examinadora

Profa. Dra. Lizandra Brasil Estabel – IFRS/POA
Examinadora

*AOS MEUS PAIS,
BENITO E SILVA FONTOURA (In Memoriam),
PESSOAS ÍNTEGRAS,
MINHAS RAÍZES, MEUS AMORES,
CUJOS ENSINAMENTOS ASSENTARAM-ME AS BASES
DE UMA TRAJETÓRIA DE CONQUISTAS.
DEDICO!*

AGRADECIMENTOS

À DEUS, ÁRVORE DA VIDA, PRESENÇA que ilumina, guia e abençoa amorosamente todas as etapas de minhas vivências. MUITO OBRIGADA!

Aos amados pais, Benito e Siva Fontoura (*In memoriam*), minhas raízes, meus amores, cujos ensinamentos serviram de alicerces a uma trajetória de conquistas, saberes, família, arte, cores, livros, poesia, pessoas, sonhos, intensos e felizes. MUITO OBRIGADA!

Aos amados entes que transcenderam a outra dimensão na esfera de luz, em especial minha sogra, Tirzá Torres Rieger, meus Avós, maternos e paternos, tios e tias, primo, amigos, e outros tantos lindos (*In memoriam*). MUITO OBRIGADA!

Ao meu amado e querido marido, Newton Rieger Rodrigues, por dividir, somar e multiplicar tantas bênçãos a nós concedidas no decorrer de nosso crescimento familiar, principalmente, filhos e netos, amados, queridos e muito bem-vindos. MUITO OBRIGADA!

Ao meu muito amado e querido filho, em especial, Marco da Fontoura Rodrigues (primogênito), que me foi agraciado por DEUS e que tanta felicidade soma junto à nossa família e a quem amo do Tamanho do Universo. Que nos ensina diariamente a arte de lutar e conquistar pela força do bem, e cuja persistência e garra aos objetivos da vida seguem firmes. Que é paciente, sensível e discreto aos cuidados com a família, estando sempre presente, e com quem aprendo sobre a verdadeira essência de ser mãe e, por seu intermédio, avó dos amados bebês, Nalu e Gustavo Rodrigues, que somam em alegrias e bênçãos ao nosso lar. Pela ajuda prestada, meu Querido “Cheiro de Natureza”, filho abençoado, nos vários aspectos de minha Faculdade, particularmente, quanto às Tecnologias de Informação e Comunicação”, barreira esta que vivenciei no decorrer de minha formação acadêmica no Curso, dentre outras. E também por me ouvir as dúvidas com sua percepção inteligente e ponderada, possibilitando a solução de diversas questões a respeito de minha caminhada na Universidade e na vida. Que nos momentos difíceis deste percurso, através de seu incentivo firme e amoroso, proibiu, terminantemente, que eu desistisse. MUITO OBRIGADA!

Ao meu filho muito amado e querido, em especial, Fernando da Fontoura Rodrigues (caçula), que me foi agraciado por DEUS e a quem amo do Tamanho do Universo, e que amplia nossa felicidade em família, e com quem aprendo sobre

paciência, discrição, foco, persistência, força de vontade e amizade em tantos momentos. Que ama o Futebol e a prática do esporte, sendo vitorioso em várias competições na determinação e especiais habilidades. Que é leal e verdadeiramente Amigo da família e dos amigos, sendo agraciado pela força dos sentimentos e sensibilidade para com todos. Além de me ensinar constantemente, filho abençoado, a verdadeira sintonia de ser mãe. Pelo apoio e dedicação à nossa família, meu Querido, “Cheiro de Orvalho”, e por ser um leal e amado filho, sempre junto a nós. MUITO OBRIGADA! A vocês minha família linda, por tudo, principalmente pelo amor incondicional, incentivo imprescindível e ajuda constante, sem os quais dificilmente eu teria chegado onde cheguei. Unidos somos fortes. MUITO OBRIGADA!

À minha “Grande Família”, irmãos amados e queridos, Flora Celina (Linda), Beny Stewson (Inteligente), Benito Zaroni (Sensível) e Benício Osiris Siqueira da Fontoura (Versado), pelo amor, carinho, apoio e força em muitos momentos, e por dividir sorrisos e abraços repletos de ternura. Especialmente pela felicidade de termos sido filhos dos abençoados pais, Benito e Siva Fontoura, pois junto deles apreendemos a aprender sobre a verdadeira essência da vida, o AMOR. MUITO OBRIGADA!

À minha amada, querida e bela “Amarelinha”, Flora, em especial, irmã-amiga-confidente, sempre carinhosa, amorosa e presente em minha jornada, minha GURU, física e espiritual, pela paciência em me ouvir nas certezas/incertezas da vida e do TCC, ampliando com sabedoria as minhas expectativas e visão de mundo. MUITO OBRIGADA!

Aos amados e queridos Marcelo Genta, cunhado-irmão, e sobrinhos, jovens lindos e especiais, Dennis (meu filho do coração), Carolina (minha florzinha delicada e de força espiritual), Pâmela (meu sorriso encantador e de olhinhos belos), Rodrigo (meu querido), Joice (minha bonequinha linda) e a minha amada afilhadinha Isabelle (minha delicada, sensível e BELLA Princesa), por vocês todos se fazerem presentes em minha caminhada. MUITO OBRIGADA!

À Ana Paula, em especial, querida e amada cunhada-irmã-amiga, companheira de caminhada e que também escutou em diversos momentos do desenvolvimento do TCC, e com sua grande delicadeza, atenção, perspicácia, ponderação e amor foi acrescentando em apoio e ensinamentos motivadores. MUITO OBRIGADA!

Aos meus queridos e amados parentes, amigos e colegas, Tirce, Júlio, Jones, Cláudio, Cristina, Beatriz, Artur, Carolina, Gabriela, Bibiana, Júlio, Larissa, (minha querida norinha), Rosmari, Dileu, Viviane e família, Cícero, Dima, Leonardo, Guilherme, Luiza, Márcia, Fernando, Felipe, Dulce, Paulo, Camila, Bruna, Rejane, Gabriel, Rafaela, Thereza, Rosa, Suelena, Crismara, Natasha, Kátia Rossatto, Pollyana, Rafaela Conterno, Natália, Larissa, Monique, Vitória, Carolina, Sissi, Marlise, Ricardo, Géssica Bueno, Patrícia, Paula Martini, Ana, Amanda Gularte, Ana Alice, Enise, Fabíola, Lucy, Camila, Marta de Oliveira, Ediane, Vanessa Likosky, Manoela, Paola, Carmem, Amanda Mattos, Ângelo, Vanessa, Anaida, Vólia, Verônica, Andresa, Luciana, Leandro, Luna, Vinícius, Cristina, Angiel, Gabriela Nora, Alex Santana, Tuany, Gilberta, Stella, Magali Rosa, Lucimara, Patrícia, Luciano, Dieine, Andresa Marques, Maria, Osmar Weyh, Uilliam Terra, Gregory Argiles (*in memoriam*), Paulah, Júlio, Larissa Cruz, Polyanna, Gabriela, Fernanda, Jê Duarte, Laura Larissa, Júlia, Janete, Andréa, Michele, Maria, Kátia, Fátima, Aline, Rosa Cauduro, Tereza, e tantos outros das mídias digitais, E-mail, Facebook, WatsApp, Instagram, por fortalecerem os laços de amor e amizade. Também aos outros tantos queridos que passaram pela minha vida deixando sua marca, seu carinho e seu amor, e que me possibilitaram auxílio e crescimento, dividindo sonhos neste percurso. MUITO OBRIGADA!

Aos queridos, amados e lindos Amigos e colegas, em especial, Deuzenise da Silva, Carla Nunes e Estêvão Trindade, que juntos nestes anos de academia formamos o grupo dos “4 Mosqueteiros”, da Graduação e da vida, em companheirismo, amizade, brincadeiras, risadas, tristezas, angustias, incertezas e vitórias. MUITO OBRIGADA!

À Amiga e colega Amanda Gularte, em especial, que auxiliou prontamente em diversas questões no decorrer do Curso. MUITO OBRIGADA!

À Amiga e colega Claudina Romero Tosi, em especial, que acrescentou ricas e sensíveis contribuições ao meu percurso e ao trabalho. MUITO OBRIGADA!

À minha querida, amada Mestra e Orientadora, Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro, em especial, pessoa linda por dentro e por fora, nossa “Bela e Fera”, que acolhe, abraçando a todos como a grande mãe que é, cujos braços são os elos de uma corrente quilométrica e poderosa de força, união, sensibilidade e amor. A Ela que influencia positivamente seus alunos e a Universidade ao demonstrar, além das palavras, em atitudes éticas, dignas e respeitadas, o verdadeiro caminho à

competência, eficiência e visibilidade à profissão Bibliotecária. A ela, pelo amor à Docência, que com sabedoria e paciência direcionou meus passos em busca de um universo de oportunidades por meio do ensino e aprendizagem nos diversos ambientes físicos e digitais da UFRGS, e igualmente das Bibliotecas e seus diversos tipos. Lugares estes por onde circulam e interagem uma diversidade de pessoas em busca dos saberes e novas construções de conhecimentos. Ela, que com seu jeito especial e firme trouxe luz à minha formação, orientando, auxiliando, apoiando, corrigindo, incentivando e felicitando cada novo aprendizado e conquista. A Ela que me oportunizou especial e afetiva vivência, além de crescimento, na incumbência de bolsista pela UFRGS, na mediação junto aos pacientes queridos e amados, em especial, Gregory Argiles (*In memoriam*), junto ao importante PROJETO DE PESQUISA COR@GEM: a interação entre adolescentes com fibrose cística, acessibilidade e a inclusão social no uso das tecnologias de informação e de comunicação. Projeto importante à sociedade que perfaz em trajetória mais de 10 anos, consolidados, sendo premiado como vencedor em 1º lugar, com o Prêmio de Pesquisa Emerald/CAPES - Edição 2015 na categoria Ciência da Informação. Tendo como responsáveis os profissionais, Drª Eliane Lourdes da Silva Moro - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dr. Paulo José Cauduro Marostica - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (HCPA-RS), Drª Lizandra Brasil Estabel - Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Câmpus Porto Alegre.

À Mestra, Eliane Moro, que se tornou uma Querida Amiga, em cujas interações tanto dividimos, somamos e multiplicamos em felicidades, preocupações e bênçãos, sendo filha e irmã, assim como, mãe e avó, de uma bela e maravilhosa família. Por saber ouvir, falar e recomendar às novas direções benfazejas em horas determinantes em nossas relações de amizade. Por tudo, minha QUERIDA AMIGA. MUITO OBRIGADA!

Às queridas e amadas Mestras e Dras. que aceitaram fazer parte de minha Banca Examinadora e que acredito, acrescerão conhecimentos importantes para torná-lo melhor e mais ajustado: Lizandra Brasil Estabel, cuja competência profissional e modo de ser justo e ético de pessoa íntegra, amiga e afetuosa acolhe a todos com paciência e amor, além do constante esforço ao ajuste dos espaços do conhecimento à Acessibilidade, e, Jeniffer Alves Cuty, que da altura de sua juventude se manifesta em equilíbrio, maturidade, sensibilidade, afetividade e

sabedoria na resolução de questões do Curso de Biblioteconomia, e outras. MUITO OBRIGADA!

A todos os Mestres queridos e amados da FABICO / UFRGS, Ana Maria Dalla Zen, Martha Kling Bonotto, Maria Lúcia Dias, Valdir Morigi, Álvaro Paveto Neto, Lizete de Oliveira, Ivete Tazima, Maria do Rocio Teixeira, Rodrigo Caxias de Sousa, Rita Laipelt, Rafael Rocha, Ana Maria Mielniczuc de Moura, Jackson Medeiros, Ana Celina Silva, Glória Sattamini Ferreira, Samile Vanz, Rene Faustino, Helen Rozados, Thaís Mossy, Ketlen Stueber, Luis Fernando Herbert Massoni, Tânia Marques, Paulo Slomp, e demais professores, por iluminarem minha caminhada com seus saberes Biblioteconômicos em meios às subjetividades próprias de cada um, tornando meu aprendizado amplo e rico. MUITO OBRIGADA!

Aos Bibliotecários queridos, Miriam Moema Loss e Ismael Bernini (FABICO/UFRGS); Eliane Gonçalves, Lillian, Edna, Sandra, Felipe, André, e a funcionária demais profissionais e colegas da (FCE–BIBECO/UFRGS); Cristina (BPE RS); Felipe Xerxenesky (IFRS); e tantos outros que iluminaram minha jornada com diferentes e importantes saberes a respeito da BIBLIOTECA, “Aqui Lugar de Barulho, Muito Barulho”. MUITO OBRIGADA!

À Bibliotecária da Faculdade de Ciências Economias da UFRGS, Vívian Carravetta, em especial, por ter aceito com carinho e competência vir em auxílio à revisão normativa de meu trabalho. MUITO OBRIGADA!

Aos amigos, colegas e funcionários queridos da UFRGS, que auxiliaram e alegraram à minha caminhada. MUITO OBRIGADA!

À Diretora e Bibliotecária da BPE RS, minha orientadora no Estágio Obrigatório, Morganah Marcon, que carinhosamente abriu as portas da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, possibilitando um novo olhar para este ambiente de informações repleto de Arte, por onde movimentam-se pessoas de inúmeras regiões em busca dos saberes, visando desenvolvimento. MUITO OBRIGADA!

À Profissional do Instituto de Psicologia da UFRGS, Clary Milnitsky Sapiro, em especial, que aceitou em consideração e competência responder as questões acerca da meia-idade da mulher. MUITO OBRIGADA!

Às minhas entrevistadas, Graduandas de Meia-Idade do Curso de Biblioteconomia, pela atenção e carinhosa disponibilidade às questões do Curso de Biblioteconomia da UFRGS. MUITO OBRIGADA!

À Secretaria da FABICO, por meio do competente e atento trabalho de seus profissionais e funcionários, em especial, Ana Maria e Josi. MUITO OBRIGADA!

À Empresa APPLAUSE, em especial, Pedro, responsável pela formatura do pessoal da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, pela competência, disponibilidade, paciência e bom humor ao atendimento às questões das formandas. MUITO OBRIGADA!

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por abrir os portais oferecendo a oportunidade de graduação em sua Instituição de excelência, juntamente à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, amada FABICO, e ao Curso de Biblioteconomia, em especial, como ao Departamento de Ciências da Informação, que no decorrer das atividades acadêmicas proporcionaram, todos, generosa recepção, ensino e aprendizagem, portanto, crescimento em muitos aspectos, com vistas em oportunidades melhores e desenvolvimento, individual, profissional e coletivo. MUITO OBRIGADA!

Àqueles que por esquecimento deixei de inserir nesta lista, mas que de alguma forma fizeram parte de meu percurso, seja no passado, presente e quiçá no futuro, influenciando meu crescer para que eu seja uma pessoa melhor, modificando assim o meu contexto, e neste fluxo, o de outras pessoas. MUITO OBRIGADA!

Aos Amigos e Orientadores, “Presenças Espirituais” que iluminam, acompanham e abençoam minha jornada no UNIVERSO. MUITO OBRIGADA!

À TODOS VOCÊS, REFORÇO MEU CARINHOSO, AMADO E ESPECIAL,

MUITO OBRIGADA!

“Não pretendemos que as coisas mudem, se sempre fazemos o mesmo. A crise é a melhor benção que pode ocorrer com as pessoas e países, porque a crise traz progressos. A criatividade nasce da angústia, como o dia nasce da noite escura. É na crise que nascem as invenções, os descobrimentos e as grandes estratégias. Quem supera a crise, supera a si mesmo sem ficar “superado”. Quem atribui à crise seus fracassos e penúrias, violenta seu próprio talento e respeita mais aos problemas do que às soluções.

A verdadeira crise, é a crise da incompetência. O inconveniente das pessoas e dos países é a esperança de encontrar as saídas e soluções fáceis. Sem crise não há desafios, sem desafios, a vida é uma rotina, uma lenta agonia. Sem crise não há mérito. É na crise que se aflora o melhor de cada um. Falar de crise é promove-la, e calar-se sobre ela é exaltar o conformismo. Em vez disso, trabalhemos duro. Acabemos de uma vez com a única crise ameaçadora, que é a tragédia de não querer lutar para superá-la.”

Albert Einstein

“Ao Meu Pai”

*Jaz inerte no caixão
Toda vida, toda ilusão...*

*Jaz inerte no caixão
Toda vaidade, toda paixão;*

*Jaz inerte no caixão
Todo sonho, toda ambição;*

*Jaz inerte no caixão
Um corpo sem pulsação;*

*Jaz inerte no caixão
Toda mentira, toda a razão;*

*Jaz inerte no caixão
Um homem, um coração...*

Benito Orlando Marchiori da Fontoura (1977).

In Memoriam (1932 - 2005).

BIBLIOTECA AQUI LUGAR DE BARULHO, MUITO BARULHO...

BARULHO DE PORTAS QUE RANGEM E DE PASSOS DESLIZANTES

BARULHO DE BIBLIOTECÁRIO, DE BIBLIOTECÁRIA, DE INCENTIVO, DE TRABALHO IMPORTANTE

BARULHO DE LIVROS QUE SE TROCAM, MÃOS QUE SE CHOCAM, DE LETRAS E DE PALAVRAS DANÇANTES

BARULHO DE PROCURA DE TEXTOS, INFORMAÇÃO, PÁGINAS VIRADAS E DE LEITURA INTERESSANTE

BARULHO DE USUÁRIO, DE CRIANÇA, DE VELHO E DE ALGAZARRA DE ESTUDANTE

BARULHO DE PROFESSOR, DE ENSINO, DE SABERES E DE TAREFAS A TODO INSTANTE

BARULHO DE ESTUDOS, DE CONTEÚDOS, DE TORMENTO E DE ALUNO SONOLENTO

BARULHO DE PESQUISA, DE CIÊNCIA, DISCUSSÃO E DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

BARULHO DE DISCIPLINAS, DE HUMANIDADES, DE OLHAR O OUTRO, DE INTEGRIDADE

BARULHO DE PÚBLICO, DE PERGUNTAS, RESPOSTAS, DE APROXIMAÇÃO A TODO INSTANTE

BARULHO DE BIOGRAFIA, DE VIVÊNCIAS, DE EMOÇÃO E DE CORRESPONDÊNCIAS

BARULHO DE ASSUNTOS, DE AUTORES, DE INDICAÇÃO E DE ESTANTES

BARULHO DE INCLUSÃO, DE ACESSO, DE BRAILE E DO SOM DO CADEIRANTE

BARULHO DE REDE, DE TECLA, E-BOOK E DA DESCOBERTA DO NAVEGANTE

BARULHO DE HISTÓRIAS, DE AVENTURAS E DA IMAGINAÇÃO DO VIAJANTE

BARULHO DE CONTAÇÃO, DE SARAU, DE POEMAS E DO NERVOSISMO DO DECLAMANTE

BARULHO DE FICÇÃO, DE ROMANCE E DA COBIÇA DOS AMANTES

BARULHO DE GRUPOS, DE VISITANTES E DE BIBLIOTECA ITINERANTE

BARULHO DE LACUNAS, DE SIGNIFICADOS E DA FILOSOFIA DO SER
PENSANTE

BARULHO DE IDADE, DE SAUDADE E DE MEMÓRIA QUE É ERRANTE

BARULHO DE UNIVERSIDADE, DIVERSIDADE, DE DESENVOLVIMENTO E DE
SOCIEDADE

BARULHO DE PESSOAS, DE VOZES, DO VENTO E DA LUZ DO PENSAMENTO

BARULHO DO ENTARDECER, DE PRESSA, DE DESPEDIDA E DE LAMENTO

BARULHO DE ESPERA, DE HORAS...ATÉ O PRÓXIMO ATENDIMENTO

BARULHO DO AMANHECER, DE PREGUIÇA, DE CAFÉ E DE NOTÍCIA

BARULHO DE PORTAS SEMPRE ABERTAS, DE SORRISOS, DE CALOR E DE
CUMPRIMENTO

BARULHO DO SILÊNCIO...CHEIRO DE LEITURA, DE INFLUÊNCIA DO LIVRO A
TODO O MOMENTO

BARULHO DE BIBLIOTECA, DE NOVAS DEMANDAS E DE POSSIBILIDADES DE
CRESCIMENTO

BARULHO DE ESPAÇOS QUE JÁ NÃO TOLHEM, DO MEDIADOR QUE ACOLHE
E DA ALEGRIA DE UM RECOMEÇO...

Rose Mary da Fontoura Rodrigues

15/11/2013

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso abrange o contexto do Curso de Biblioteconomia, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e apresenta os sujeitos do estudo como sendo as Graduandas de Meia-idade. Tem por objetivo verificar as barreiras vivenciadas pelas graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, do ingresso à diplomação, correspondente as oito etapas, considerando as limitações desta fase específica da vida, com diminuição da memória, visão e audição, aparecimento da menopausa, doenças da idade e outras. Aborda seu referencial teórico com o intento de responder ao problema de pesquisa, acerca de informação e conhecimento, inclusão social e digital, o ciclo do desenvolvimento humano: meia-idade e formação do Bibliotecário. Expõe o Curso de Biblioteconomia, por onde transitam e interagem os sujeitos do estudo, experienciando os ambientes do conhecimento, em idades entre 45 a 59 anos, aproximadamente. Explica a metodologia utilizada em uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica e caráter exploratório e utiliza o estudo de caso. Investiga a questão com os sujeitos nos dados coletados por meio de entrevista e após procede em seu exame e análise. Apresenta Cases dos relatos de histórias de vida das graduandas de meia-idade, a fim de agregar riqueza ao estudo. Com base na análise verifica-se os resultados com a identificação de barreiras vivenciadas pelas graduandas de meia-idade no decorrer da formação acadêmica de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS. Resultam, dentre outras, barreiras, acesso e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, como computador com entrada à internet, compreensão de leitura e produção textual. A sugestão proposta neste trabalho, para favorecer as vivências das alunas no período de formação do Curso de Biblioteconomia, diz respeito à criação de disciplina Obrigatória e Eletiva, como suporte, que contemple auxiliar à superação das dificuldades, facilitando o percurso na Universidade no período específico da meia-idade.

Palavras-chave: Universidade na meia-idade. Vivências e barreiras das graduandas de meia-idade, Curso de Biblioteconomia FABICO / UFRGS. Informação e Conhecimento. Inclusão Social e Inclusão Digital. Formação Acadêmica do Bibliotecário.

ABSTRACT

This Course Completion Work covers the context of the Library Science Course, Faculty of Library and Communication, Federal University of Rio Grande do Sul, and presents the subjects of the study as the Mid-Graduation. The objective is to verify the barriers experienced by middle-aged undergraduates of the FABICO / UFRGS Librarianship Course, from the entrance to the diploma, corresponding to the eight stages, considering the limitations of this specific phase of life, with reduced memory, sight and hearing, onset of menopause, age diseases and others. It addresses its theoretical framework with the aim of answering the research problem, about information and knowledge, social and digital inclusion, the cycle of human development: middle age and the formation of the Librarian. It exposes the Biblioteconomy Course, through which the subjects of the study travel and interact, experiencing the environments of knowledge, in ages between 45 and 59 years, approximately. It explains the methodology used in a research of qualitative approach, of basic nature and exploratory character and uses the case study. It investigates the question with the subjects in the data collected through interview and after proceeds in its examination and analysis. Presents Cases of the stories of life histories of the middle-aged graduates, in order to add wealth to the study. Based on the analysis, the results are verified with the identification of barriers experienced by middle-aged undergraduates in the course of the academic formation of FABICO / UFRGS Librarianship. They result, among others, barriers, access and use of Information and Communication Technologies, such as computer with Internet access, reading comprehension and textual production. The suggestion proposed in this work, to favor the experiences of the students in the period of formation of the Librarianship Course, concerns the creation of compulsory and elective discipline, as a support, which contemplates helping to overcome difficulties, facilitating the course in the University in the specific period middle age.

Keywords: University in Middle age. Experiences and barriers of middle-aged undergraduates, FABICO / UFRGS Librarianship Course. Information and Knowledge. Social Inclusion and Digital Inclusion. Academic Background of the Librarian.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	80
Figura 2 –	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS	82
Figura 3 –	Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	BRASIL: Esperanças de vida às Idades exatas. Sexo Feminino - 1991 e 2000	46
Gráfico 2 –	BRASIL: Ganho na esperança de vida ao nascer expresso em número de anos no período de 1991 - 2000	47
Gráfico 3 –	População de Porto Alegre por sexo e grupos de idade	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sujeitos do Estudo	84
Quadro 2 – Apresentação dos Cases	172
Quadro 3 – Case Graduanda de Meia-Idade 1	172
Quadro 4 – Case Graduanda de Meia-Idade 2	174
Quadro 5 – Case Graduanda de Meia-Idade 3	175
Quadro 6 – Case Graduanda de Meia-Idade 4	176
Quadro 7 – Case Graduanda de Meia-Idade 5	177
Quadro 8 – Case Graduanda de Meia-Idade 6	178
Quadro 9 – Case Graduanda de Meia-Idade 7	180
Quadro 10 – Case Graduanda de Meia-Idade 8	181

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ABL	Academia Brasileira de Letras
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BIB/FBC	Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
CDD	Classificação Decimal de <i>Dewey</i>
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CONSUN	Conselho Universitário da UFRGS
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
CRCS	Centros de Recondicionamento de Computadores
CVU	Concurso Vestibular Unificado
DCI	Departamento de Ciências da Informação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FABICO	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MOODLE	<i>Modular Object Oriented Distance Learning</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
PDF	<i>Portable Document Format</i>
PDI/UFRGS	Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRGS
PPP	Projeto Político Pedagógico
SABi	Sistema de Automação de Bibliotecas
SBUFRGS	Sistema de Bibliotecas da UFRGS
SIC	Sociedade da Informação e do Conhecimento
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
WWW	<i>World Wide WEB</i>
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO – A PARTIR DAS TECNOLOGIAS	26
3	INCLUSÃO SOCIAL – POSSIBILIDADES DE DIMINUIR AS DESIGUALDADES	39
4	INCLUSÃO DIGITAL – OPORTUNIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO	51
5	CICLO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO / MEIA-IDADE	57
6	FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO: GRADUAÇÃO	68
7	METODOLOGIA DO ESTUDO	75
7.1	INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS	78
7.2	ENTREVISTA	78
8	CONTEXTO DO ESTUDO: CURSO DE BIBLIOTECONOMIA – FABICO / UFRGS	80
9	SUJEITOS DO ESTUDO: GRADUANDAS DE MEIA-IDADE DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA – FABICO / UFRGS	83
10	COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	85
10.1	ENTREVISTA GRADUANDAS MEIA-IDADE BIBLIOTECONOMIA UFRGS ..	86
10.2	ENTREVISTA PROFISSIONAL INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UFRGS	137
11	RESULTADOS	140
12	CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
	REFERÊNCIAS	153
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO SUJEITOS	162
	APÊNDICE B – ENTREVISTA SUJEITOS	163
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO PROF. PSICOLOGIA	164
	APÊNDICE D – ENTREVISTA PROFISSIONAL PSICOLOGIA	165
	ANEXO 1 – DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS ...	166
	ANEXO 2 – CASES GRADUANDAS MEIA-IDADE	172

1 INTRODUÇÃO

Certo dia ao “acordar” e perceber os filhos crescidos, adultos, senti medo. Sobreveio uma sensação de vazio, junto à certeza de não ser mais tão necessária. Observando-os em diferentes momentos na busca de seus objetivos, faz surgir a ânsia de um sentido novo para vida. Encerrava-se assim um ciclo para dar início a outro em que as necessidades por mudanças, imposições da meia-idade, impelia às novas perspectivas, embora a soma dos anos tornasse menos amplas minhas opções. Levantei, então, alguns questionamentos. Quais os meus interesses? E as motivações para realizar? O que fazer? Como? Porque? Onde? Eu amo os Livros, leitura; a Arte, pintura. Refleti...– **QUEM SABE VOLTAR A ESTUDAR?**

A questão da Meia-Idade no contexto social, ainda que tratada em diversos segmentos do conhecimento humano, como Psicologia, Sociologia e outros, apresenta-se como um universo em discussão considerado recente na literatura, cujo início sucedeu por volta da década de 1960. Desta forma, sendo um fenômeno de ocorrência relacionado ao indivíduo em fase adulta, período que abrange “maturidade e velhice”, se pretende um recorte para tratar exclusivamente, com respeito às mulheres de meia-idade em entorno de 45 e 59 anos.

Tendo como base o exposto e, haja visto os estudos acerca da meia-idade resguardarem algumas características relevantes e singulares associadas, unicamente ao sexo feminino, se ousa pensar que, os saberes ao colocar em destaque à condição da mulher, vem ensejar transições benéficas que repercutem na pauta de uma nova era da história individual e social delas, agregando maior clareza e valor as suas circunstâncias no mundo.

Neste argumento, embora possa ter sido “negligenciado”, por certo intervalo de tempo, importante é perceber que o evento da meia-idade é de fato significativo e se fundamenta plenamente em concepções científicas acerca de transições físicas e psíquicas que ocorrem nesta fase peculiar da vida, razão pelo qual carecia do debruçar mais atento por parte dos estudiosos. Entretanto, foi somente a partir dos anos 90 que investigações mais específicas relativas à meia-idade feminina ganharam força. Com relação às pesquisas não terem sido iniciadas anteriormente possa ser explicado possivelmente na hipótese a seguir. No passado, pelo percurso de suas vidas, boa parcela das mulheres tinha por costumes da cultura em práticas perpetuadas por gerações, uma quase que integral dedicação à família, tornando-se,

neste sentido, praticamente esquecidas e, conseqüentemente, esquecendo-se de si mesmas. Cria-se assim, uma sucessão de acontecimentos que continuamente se reproduzem, ficando sua significância de certa forma um tanto quanto preterida. Em tal caso, pode ser compreensível o tempo tardio de tais reflexões, e mesmo que a produção científica deixe de ser abundante neste campo específico, conforme visto, se faz evidente que os conhecimentos então acessíveis, a partir do esclarecimento do contexto feminino, lhes possibilitaram maior visibilidade social.

À vista destes saberes, passa a meia-idade a ser compreendida, resguardadas certas particularidades, entre os conceitos dentro de cada área, como uma fase de importantes mudanças, conforme vem sendo argumentado, tanto físicas, como psíquicas, em especial na vida das mulheres. Em decorrência, as perturbações que surgem, à medida que envelhecem, lhes provocam sensíveis alterações no corpo, mente, emoções e sentimentos, como exemplo, as hormonais, desencadeando a menopausa, e antes, o climatério, significando a passagem de seu ciclo fértil ao não reprodutivo. Com efeito, ao se ocupar de uma das fases entre juventude e velhice, o processo de meia-idade é representado por ocorrências de certa forma precisas, impelidas tanto por “desaparecimentos”, em meio a outros, o viço da juventude, como também conquistas, ainda que imprevisíveis, tal e qual, experiências de mundo. Confirmado em Nunes e Silva (2015, p. 123), “... consideramos a meia-idade um momento da vida humana em que os sujeitos começam a sentir/refletir/reagir com as marcas do tempo impressas no corpo”. Em tal característica, a época da meia-idade pode ser de abalo ao universo da mulher, pois atinge um ponto nevrálgico, como sua aparência, que segue em compasso de desgaste visível e inexorável a sua juventude.

Em tais perspectivas se manifestam as “tramas” da meia-idade, com suas “urdiduras” do tempo e em meio aos embates e necessidades íntimas de realizações, que serão impulsionadas, ou não, em conformidade com o propósito de cada mulher. Nesta coerência, algumas vão se “acomodar”, outras, entretanto, seguirão seus desejos instigadas por expectativas diferentes. Ambas situações, de acordo com Sapiro (2017), “dependem dos desafios pessoais que cada mulher se propõe a vencer ou adaptar-se.”. No contexto deste estudo, o foco se volta ao grupo que apresenta estado de ânimo suficiente para ressignificar seu enredo, modificando, em algum aspecto, o rumo de suas vidas.

Logo, para colocar em prática efetivamente este “cutucar” de “secretas” imposições, uma das escolhas pode ser o ingresso à Universidade, visto que nesta direção está a possibilidade de alcançar a partir da graduação, a realização, com crescimento pessoal, junto à busca de uma nova alternativa profissional.

No entanto, diante destas “exposições” representativas da vida feminina, a Universidade pode se tornar tarefa um tanto árdua. Primeiramente, porque é preciso administrar satisfatoriamente a decisão de voltar aos estudos, uma vez que não envolve somente a elas, mas toda família, logo, é preciso seu apoio e incentivo, neste momento, imprescindíveis. Há de se considerar conjuntamente, como vem sendo discorrido, o “custo” de seu processo de envelhecimento, posto que as interferências que se anunciam são bem expressivas, embora nem todas perceptíveis, e aparecem de maneiras diversas, com diminuição da memória, agilidade, visão e audição, aparecimento da menopausa, doenças da idade, entre outras.

Além disso, a definição do curso que pretendem se torna relevante, pois devido a sua idade avançada, nem todos são viáveis, razão pela qual é possível buscar informações, mas que deem conta de suas preferências. Nesta lógica, o estudo tem como enfoque as mulheres de meia-idade que optaram pelo Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, cujas escolhas suscitam e/ou suscitaram inúmeras vivências na Universidade.

Sem demora, com o ingresso na Instituição, outras questões surgem e não menos inquietantes, como um certo constrangimento em ocupar os espaços destinados aos jovens, uma vez que “já passaram da idade de estudar”. Nem todas as pessoas vão ter o mesmo entendimento em relação ao retorno da meia-idade às salas de aula, haja visto ter sido, não de longa data, um ambiente reconhecidamente da adolescência. Também as graduandas de meia-idade principiam a enfrentar na academia prováveis barreiras quanto à adaptação às diferentes situações no andamento das disciplinas, a cargo da pouca familiaridade com a informática, quanto à linguagem técnica do Curso e em relação à complexidade de leitura, interpretação e escrita, que podem prejudicar a sequência de aprendizagens.

Em meio aos dilemas desta emblemática “estação” da vida porque perpassam, há julgar pelas limitações que vão aparecendo, que não são “meros” obstáculos da idade, bem ao contrário, se ressaltam os desafios em meio às tecnologias do computador com acesso à internet. Embora lembrando que, em

decorrência delas a sociedade evolui e segue neste compasso, ainda assim, no que lhes concerne, algumas pessoas se sentem aterrorizadas em seus ambientes digitais. Porém, para as aprendizagens e interações no Curso, como na esfera profissional e social, é preponderante que as graduandas de meia-idade exercitem o cenário computacional da rede que circula e é alimentada em um fluxo extremamente veloz de informações no sistema da internet, compartilhada entre continentes. Esse contexto serve de alerta, cuja correnteza de acesso e uso aos meios se remodela rapidamente em novidades tecnológicas inteligentes, desse modo, é importante estarem atentas e constantemente atualizadas às inovações. É necessário, portanto, que venham a refletir sobre as tecnologias que há muito vem evidenciando mudanças nos comportamentos e nos contextos das pessoas, individuais e sociais, através da interação com a informação e a comunicação e seguem nesta direção alterando os “rumos da história”.

Para mais, é importante lembrar que, devido à juventude das graduandas ter ocorrido em outra época, sua linguagem, comportamento, experiências e compreensão sobre as “coisas” serão diferentes dos alunos mais jovens, motivo pelo qual as relações entre os grupos nem sempre se darão sem alguma espécie de resistência. No entanto, são as oposições que tornam tão ricos os convívios e fazem crescer e o justo reconhecimento e a aceitação das diferenças no “Outro”, junto à empatia, possibilitam a “filosófica compreensão” do sentido da existência à dimensão do humano.

Ainda, às experiências das alunas de meia-idade serão agregadas outras na Graduação e elas precisarão “caminhar” por conta própria em busca de instruções, vivenciando o Curso de Biblioteconomia na Universidade, em seus vários aspectos, a despeito de suas limitações e por incumbência de suas necessidades, esforçando-se plenamente por sua conclusão, próximas aos desejos de realização.

Do ponto de vista social, o tema desta pesquisa pode ser considerado de significado e contribuição, com possibilidades de fornecer resultados para posterior estudo, uma vez que trata da Universidade na Meia-idade, em que se pretende colocar a questão a seguir: **quais as barreiras vivenciadas pelas graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, no decorrer da formação acadêmica?**

No andamento, o objetivo geral é verificar a existência de barreiras vivenciadas pelas graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia da

FABICO / UFRGS, para a superação das dificuldades. Logo, são apresentados os objetivos específicos desta pesquisa: identificar os interesses e as motivações que levaram as graduandas de meia-idade à escolha do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS; identificar as dificuldades das graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia, na superação das barreiras no decorrer da formação acadêmica; analisar as experiências das graduandas de meia-idade, na superação das barreiras no ambiente da Universidade; sugerir a criação de disciplina, Obrigatória e Eletiva, como suporte e auxílio para a superação das dificuldades vivenciadas pelas graduandas de meia-idade no período de formação acadêmica.

Sendo assim, este estudo se justifica no cenário do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, tendo como personagens as graduandas, mulheres de meia-idade e o enredo fica ao encargo das possíveis barreiras vivenciadas na Universidade, nas etapas da graduação. Desse modo, é de interesse lembrar que, nas representações da sociedade as mulheres de meia-idade são percebidas comumente, a partir de certos estereótipos, como por exemplo, “velhas”, de forma a se estabelecer um padrão algo preconceituoso. Isto ocorra, entretanto, pois este é um período em que metade da “travessia” já foi percorrida e a juventude ficou para trás, em que os filhos estão frequentemente adultos e encaminhados e sem demora é tempo de se enfrentar os limites da idade, desafios da menopausa, de uma aposentadoria próxima e as doenças próprias desta fase. Algumas nunca exerceram uma profissão, optando pela completa dedicação à família, outras, a carreira profissional deixou de satisfazer as necessidades de crescimento, assim pensam em mudanças a fim de agregar às suas vivências uma trajetória ainda possível e diferente.

Para o embasamento do estudo “Universidade na Meia-Idade” pesquisou-se na literatura contribuições alicerçadas em autores das áreas de Biblioteconomia, Psicologia, Filosofia, Educação, Demografia e outras, visando à apreensão dos tópicos e algumas reflexões. Desta forma, os assuntos abordados que se enquadram à fundamentação teórica deste Trabalho de Conclusão de Curso são os relacionados à informação e conhecimento, inclusão social, inclusão digital, ciclo do desenvolvimento humano / meia-idade e formação do bibliotecário.

Quanto à abordagem metodológica, é apontada como pesquisa qualitativa de natureza básica, com caráter exploratório, cujo propósito é elucidar acerca das barreiras vivenciadas pelas graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia

da UFRGS, no decorrer da Graduação. Portanto, o *corpus* trata de um estudo de caso, visto que pretende expor respostas a um problema específico, com relevância ao contexto em que é estudado o fenômeno. Também tenciona que seja retratada uma situação recente e real, através de entrevistas como fontes de informação, empreendidas em momentos distintos na incumbência da formação universitária na meia-idade.

É preciso esclarecer, a partir desta exposição, que as motivações para o estudo surgiram das experiências da graduanda de meia-idade, autora deste trabalho, no Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, acerca das barreiras que estão sendo vivenciadas por ela na Universidade e, similarmente, com base em observações suas em alusão a outras alunas que enfrentam e/ou enfrentaram dificuldades relacionadas à sua formação acadêmica na meia-idade.

Neste sentido, o trabalho pretende contribuir para a melhoria do desempenho das graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, ao identificar prováveis barreiras enfrentadas e propor também sugestões que favoreçam as vivências no percurso da Universidade em suas etapas de Graduação e na formação profissional.

2 INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO – A PARTIR DAS TECNOLOGIAS

Para transitar com relativa segurança no complexo universo da “Informação” e do “Conhecimento” e perceber a conexão, a ocorrência e os possíveis desdobramentos, inicialmente se traz as definições dos termos. Segundo o Dicionário Aurélio (HOLANDA, 2008-2017), Informação, “1 Ato ou efeito de informar. 2 Notícia (dada ou recebida)”. Informação, portanto, pode ser compreendida como sendo a ação pela qual é gerada uma implicação, como também é a participação que se dá e apura de um assunto qualquer. Quanto à definição de Conhecimento, “Ato ou efeito de conhecer”. Logo, se tem por sentido perceber através do pensamento, ou ainda, mediante “experiências” aprendidas. (HOLANDA, 2008-2017). Verifica-se então que informação e conhecimento se articulam a partir do momento em que a informação é assimilada e por seu intermédio aproxima-se de saberes anteriormente adquiridos, em vias de conexões que se constroem de outras relações, ocorrendo um método de compreensão, e/ou construção e produção de novos conhecimentos.

Em relação a concepção de informação, segundo Capurro e Horjland (2007, p. 148), “O conceito de informação como usado na linguagem cotidiana, no sentido de conhecimento comunicado, tem um importante papel na sociedade contemporânea”. Quer dizer, devido a sua propagação mundial por meio do acesso e uso de computadores em rede.

Quanto ao conceito de conhecimento, Servin (2005¹ *apud* GOMES JÚNIOR, 2013, p. 34), afirma que o conhecimento “é derivado da informação, mas alerta que é o valor incorporado que dá o significado ao conhecimento”. Em outras palavras, o sentido de conhecimento reside na relevância do pensamento a ele acrescentado.

Por este raciocínio, em Platão (201d, p. 159² *apud* PESSOA JR. 2010, p. 5), conhecimento,

Uma definição, aceita ainda hoje, foi desenvolvida por Sócrates, e aparece em diferentes diálogos de Platão, como o Teeteto, o Mênon, a República e o Timeu. Segundo esta análise, chamada de definição

¹ SERVIN, G. **ABC of knowledge management**. NHS National Library for Health, 2005.

² PLATÃO (s/d), Teeteto ou Da Ciência, trad. F. Melro, Inquérito, Lisboa (orig.: c. 360-355 a.C.), p. 159 (201d). PLATÃO (s/d), Mênon, in Diálogos I: Mênon, Banquete, Fedro, trad. J. Paleikat, Tecnoprint (Ediouro), Rio de Janeiro, pp. 44-74 (orig. c. 387-380 a.C.), p. 72 (98a). Datas dos originais são estimativas apresentadas em BRICKHOUSE, T. & SMITH, N.D. (2006), “Plato”, The Internet Encyclopedia of Philosophy.

tradicional ou “tripartida” do conhecimento, o conhecimento seria uma opinião verdadeira justificada. Nas palavras de Teeteto, “a opinião verdadeira acompanhada de razão é conhecimento, e, desprovida de razão, a opinião está fora do conhecimento”. No Mênon, Sócrates diz que “o conhecimento se distingue da opinião certa por seu encadeamento racional de razão e conhecimento, e, desprovida de razão, a opinião está fora do conhecimento.”.

Assegura o autor então que conhecimento é diferente de “opinião”, visto que é necessário estar fundamentado no raciocínio. Na mesma questão, Morin (2006, p. 139³ *apud* MORO, 2010, p. 18) “... defende que o conhecimento “é sempre tradução e construção”. Tendo como suporte este argumento se compreende que informação desprovida de dimensão que a justifique, isto é, de percepção de mundo, não se torna eficaz enquanto geradora de conhecimento, uma vez que não há entre eles a ocorrência de inter-relações que configurem novas relações, que seriam possíveis se fossem elaboradas pela compreensão de uma nova significância, e/ou “tradução e construção”.

Entretanto, ainda que haja nas diversas áreas do saber diferentes conceitos e contextos outros a respeito de Informação e Conhecimento, em relação à sua utilização, Xavier e Costa (2010), considera uma aproximação entre os dois termos, possibilitando uma compreensão perceptível do debate. Principalmente ao reconhecer que, “A informação e o conhecimento são simultaneamente causa e efeito um de si mesmos, numa interação dinâmica em que a sucessão pode ser plenamente invertida, mas não gera nenhuma contradição.”. Desse modo, conforme expresso, se entende que os dois, Informação e Conhecimento, são geradores e produtores, e vice-versa, a exemplo de uma relação de simbiose, cujo processo se verifica por meio da comunicação evolutiva entre ambos.

Tendo como suporte essa exibição, se traz Almeida Junior (2004, p.75⁴ *apud* VALENTIM, 2010, p. 87), em outras palavras, ao afirmar que a “apropriação” da informação está na consideração da “Ciência da Informação”, visto que os profissionais da área, em especial a este estudo, os Bibliotecários, precisam vir em auxílio ao seu público, de qualquer idade, no acesso e busca da informação por

³ MORIN, Edgar. Partilhar uma Memória para uma Existência Poética. In: CASALEGNO, Federico. **Memória em Rede e Intercriatividade**. Trad. de Adriana Amaral, Francisco Rudiger e Sandra Montardo. Porto Alegre: Sulina, 2006. p.131-145.

⁴ ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. L. P (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p.41-54.

intermédio da leitura. Logo, para Valentim (2010, p. 87), “O ato de apropriação não deve ser percebido como uma ação passiva em que o indivíduo acumula as mais diversas informações, mas não as compreende nem utiliza em seu cotidiano. Pelo contrário, [...]”.

Nesta percepção se traz Retratos da Leitura no Brasil (2015), tendo como base uma amostra da população brasileira de 2007, 2011 e 2015, tendo 5012 participantes, no item “Barreiras para Leitura”, tópico “Dificuldades para ler”, apresenta que, “Não compreende a maior parte do que lê” em 2007 - 7%; 2011 – 8% e 2015 – 8%. Em outra amostra com 2798 leitores, em 2015, na questão, “Razão para não ter lido mais: entre os leitores”: 43% responde que foi por falta de tempo. A partir destes percentuais, cujas estimativas não devem ser consideradas baixas, pode-se ter uma ideia a respeito das dificuldades de pessoas quanto ao entendimento da leitura, em diferentes idades, constituindo assim, o grupo dos “analfabetos funcionais”. “A apropriação da informação, que fique claro, pressupõe uma alteração, uma transformação, uma modificação do conhecimento, sendo assim uma ação de produção e não meramente de consumo.”. (ALMEIDA JUNIOR, 2007, p.36⁵ *apud* VALENTIM, 2010, p. 87-88).

Em fundamento a esta reflexão, neste “novo tempo” voltado ao virtual, se pode afirmar, para além das mudanças de comportamento, sobre a importância do exercício das leituras e interpretações para que se evite e mesmo se erradique o analfabetismo funcional. Neste sentido, para Soares (1992, p. 8-9⁶ *apud* RIBEIRO, 1997, p. 147):

A ampla disseminação do termo analfabetismo funcional em âmbito mundial deveu-se basicamente à ação da Unesco, que adotou o termo na definição de alfabetização que propôs, em 1978, visando padronizar as estatísticas educacionais e influenciar as políticas educativas dos países-membros. A definição de alfabetização que a Unesco propusera em 1958 fazia referência à capacidade de ler compreensivamente ou escrever um enunciado curto e simples relacionado à sua vida diária. Vinte anos depois, a mesma Unesco proporia outra definição, qualificando a alfabetização de funcional quando suficiente para que os indivíduos possam inserir-se adequadamente em seu meio, sendo capazes de desempenhar tarefas em que a leitura, a escrita e o cálculo são demandados para

⁵ ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. L. P (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

⁶ SOARES, Magda. B. “Língua escrita, sociedade e cultura: Relações, dimensões e perspectivas.” Revista Brasileira de Educação, (0) 5- 16, Belo Horizonte, Anped, set./out./nov./dez. 1995.

seu próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento de sua comunidade.

A partir deste contexto, se tem notícias do expressivo contingente de analfabetos funcionais que se encontram também no meio universitário. Foucambert (1994⁷ *apud* TEIXEIRA; SOUZA; FARIAS, 2012, p[?]) afirma que,

... o analfabetismo funcional envolve pessoas com vários anos de escolaridade que dominam essas técnicas de correspondência grafo - fonética em certo período de sua vida, mas perderam esse domínio por falta de uso e de exercício com elas. Nesse contexto, o papel da escola é questionado, como são questionadas as políticas públicas, que primam pela alfabetização da população, mas não por uma efetiva capacitação do sujeito a ler de forma competente e crítica.

Portanto, muitos são os que não tem condições, ou muito poucas, de fazer as leituras de forma “competente e crítica”, com “apropriações”, interpretações e novas construções de conhecimentos pela prática da escrita refletida. O autor confirma que

... a escrita é o instrumento do pensamento reflexivo e só o contato com ela pode favorecer o desenvolvimento de um pensamento abstrato, complexo e de natureza diferenciada daquele permitido pela linguagem oral. É a escrita que permite a construção de pontos de vista e de uma visão de mundo, e a atribuição de sentido a este mundo. Já a leitura é aquela que vai em busca desses pontos de vista, verificando-os, questionando-os e investigando os meios de sua elaboração. Só a leitura, entendida como uma atividade social e reflexiva pode propiciar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se como um desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva. (FOUCAMBERT, 1994; 1997⁸ *apud* TEIXEIRA; SOUZA; FARIAS, 2012, p.[?]).

Logo, a “leitura reflexiva” instiga à relação com a “escrita criativa”, nesta compreensão, à reflexão, com possibilidades de mudanças e desenvolvimento da sociedade. Ainda para Foucambert (*idem*, *ibidem*)

... o aprendizado da leitura só é garantido quando se desvela ao seu aprendiz o poder de transformação e mudança que apenas o escrito (e não o inscrito!) possui; um poder que é capaz de livrar o sujeito-leitor das malhas da resignação, da obediência, da determinação e da impotência, já que só este tipo de relação com o escrito pode levá-lo a

⁷ FOUCAMBERT, J. A leitura em questão. Porto Alegre: Artmed, 1994.

⁸ FOUCAMBERT, J. A criança, o professor e a leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

perceber o mundo de uma outra perspectiva, permitindo-lhe a teorização da experiência cotidiana e uma nova organização dos fatos.

Entretanto, as mudanças nem sempre são possíveis a todos, visto que as dificuldades de leitura, interpretação e a produção da “escrita criativa”, por exemplo, em algumas situações se devem às dificuldades de acesso aos livros físicos e a outros suportes de leitura, como e-books e outros documentos que se encontram no computador com internet. Evidencia-se, assim, nas ausências de oportunidades, os excluídos sociais. Neste sentido, o Ministério da Ciência e da Tecnologia em “Programa de Inclusão Social e Digital”, publicado em (2016),

... tem promovido a inclusão digital com foco no social, proporcionando o desenvolvimento de competências nos municípios brasileiros, o acesso à tecnologia e o incentivo à pesquisa em ciência e tecnologia, permitindo o desenvolvimento local e social a partir da inclusão digital de uma forma completa e multidisciplinar, causando impacto nas realidades mais carentes e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população. (BRASIL, 2016).

É válido dizer então que, ao tornar as leituras uma prática exercitada constantemente, seja possível a interpretação dos sentidos dos diversos conteúdos, em seus suportes variados e, desse modo, a escrita reflexiva. Especialmente porque nem sempre são tornados claros os enredos, podendo o subtexto conter bem mais do que o exposto em palavras, levando o leitor a perceber na interação autor-leitura-leitor, perspectivas outras com possibilidades de reflexões mais profundas, portanto, de modificações interpretativas.

Neste entendimento se pode afirmar, portanto, que a informação está no universo que rodeia os seres e do qual todos fazem parte, em particular no contexto das “leituras” que do mundo são feitas. Nas possibilidades de acesso e uso da informação, se contemplam as aquisições, trocas, apropriações e, por conseguinte, novas “traduções e construções” que ampliam os conhecimentos. Confirmado ainda por Almeida Junior (2007, p. 34⁹ *apud* VALENTIM, 2010, p. 88), ao atestar que, “... a leitura está no cerne da apropriação da informação. Esta não existe a priori, não existe antecipadamente; por ser intangível, não concreta, apenas se concretiza no processo de mediação enfim, [...] a leitura é que possibilitará sua apropriação”.

⁹ ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. L. P (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p.41-54.

Assim, através das leituras que trazem mensagens de informação, explícitas ou não, se oportunizam os saberes, outras dimensões e diferentes olhares em relação à vida, aos seres, ao mundo. Por meio da leitura, informação e o seu resultante conhecimento, o homem cresce, modifica o seu contexto e evolui.

Para compreender um tanto a mais do que está sendo exposto se pode assegurar que, na vanguarda do que passou a ser intitulada “Sociedade da Informação e do Conhecimento” (SIC), surgem as tecnologias, como o computador e a internet, em meados do século XX, entre as décadas de 40 e 60, respectivamente. Tecnologia, então entendida por Broks e Bell (1971, p. 13¹⁰ *apud* CASTELLS, 1999, p. 67), como “... o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível.”. Dentre as diferentes tecnologias, a que se enfatiza neste estudo, especificamente, é da computação, *software* e *hardware*.

Nesta direção, nos anos 1970 realmente é que a computação se instala, principiando o que passa a ser denominado, conforme Le Coadic (1996, p. 1), “mercado da informação”.

O rápido desenvolvimento do consumo de produtos informacionais é um fenômeno recente. Eles surgem na esfera da produção e da troca mercantil, dando origem ao que se denominam indústrias da informação e mercado da informação, com seu cortejo de bens, serviços e produtos informacionais, todos com maior ou menor grau de informatização. É, portanto, inegável que a informação se industrializa ao se informatizar cada vez mais.

Com base nesta perspectiva, o autor identifica a Informação, como “... o objeto de uma ciência, de uma tecnologia e uma indústria “de ponta” [...]”. (LE COADIC, 1996, p. 1). Sendo assim, era preciso segundo ele, que a informação fosse vista por “uma ciência da informação”, com “tecnologias” e “técnicas”, frutos deste mesmo conhecimento. Entretanto, sobre ciência da informação, tecnologia da informação e sociedade surgem indagações, visto ser através da sociedade que resultam, convertendo-se em “Sociedade da Informação.”.

Esta nova fase possibilitou a abertura de espaço “democrático” que englobasse funções intelectuais da tecnologia, impelindo a sociedade por meio do grande volume de fluxo informacional disponibilizado em rede. Portanto, ao tornar a informação o objeto de estudo, Le Coadic (1996), assegura que foi impulsionada

¹⁰ Brooks (1971:13), de texto não publicado, citado com ênfase acrescentada por Bell (1976:29).

com o surgimento da “tecnologia da informação” em progressivas imposições de domínio “científico, técnico e industrial”, e do compartilhamento entre milhares de pessoas, sendo estes conhecimentos a base em que a Ciência da Informação se edificou.

Conseqüentemente, o “rápido” aumento da “indústria da informação” traz transições consideráveis, confirmado por Recuero (2000), ao afirmar que muitas mudanças ocorreram, principalmente a partir da internet, meio de comunicação que possibilita às pessoas através da informação, a “interatividade e a massividade”.

O fluxo astronômico de informações que se foi formando, de acordo com Castells (1999, p. 82)¹¹, teve seu início na Internet, com sua decorrente evolução, e as “... últimas décadas do século XX foram consequência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural.”.

A Internet teve origem no trabalho de uma das mais inovadoras instituições de pesquisa do mundo: a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Quando o lançamento do primeiro Sputnik em fins da década de 1950 assustou os centros de alta tecnologia estadunidenses, a ARPA empreendeu inúmeras iniciativas ousadas, algumas das quais mudaram a história da tecnologia e anunciaram a chegada da era da Informação em grande escala.

Deste modo, a crescente expansão dos meios de comunicação e dos equipamentos eletrônicos como computador em conexão com a internet são resultados da ampliação do fluxo de acesso e uso “democrático” à população, cujo *boom* se verifica nos últimos dez anos do novo milênio. Confirmado por Castells (1999, p. 69)¹², ao assegurar que,

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação em um ciclo de realimentação entre a inovação e seu uso.

¹¹ Dizard (1982); Forester (1985); Hall e Preston (1988); Saxby (1990).

¹² Ver excelentes histórias da Internet em Abbate (1999) e Naughton (1999). Ver também Hart *et al* (1992), sobre a contribuição da cultura “hacker” para o desenvolvimento da Internet, ver Hafner e Markoff (1991); Naughton (1999); Himannem (2001).

Em vista disso, a correnteza veloz de informação e de conhecimento se concretiza em contatos que se verificam em “redes de relacionamentos virtuais”, a partir de interações e trocas, ocasionando mudanças de comportamentos individuais, confluindo, desta maneira, à comunidade global.

Diante deste contexto, se traz ao estudo para reflexão, um relevante questionamento: como pode ser compreendido os rumos que estão tomando a Educação Superior no mundo, a partir da era da SIC? A resposta para esta questão pode ser compreendida na percepção de Takahashi (2000, p. 45):

A educação é o elemento-chave na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado. Parte considerável do desnível entre indivíduos, organizações, regiões e países deve-se à desigualdade de oportunidades relativas ao desenvolvimento da capacidade de aprender e concretizar inovações. Por outro lado, educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para “aprender a aprender”, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica.

Tendo como alicerce este argumento, se pode pensar em termos de Brasil, em que a Universidade, com o auxílio da Sociedade, precisa possibilitar na educação aos alunos, a “criação de competências” às TIC, ofertando auxílio no seu acesso e uso de ferramentas da WEB, para que sejam geradas oportunidades de procederem de maneira eficiente na sociedade. Mas, para tanto, é importante democratizar a educação brasileira para todas as idades, dentre as quais, do jovem adolescente, jovem adulto, meia-idade e idoso, sendo, portanto, uma das maneiras determinantes de favorecer o acesso à informação para população, com finalidades de crescimento. Contudo, para tornar a rede de informação e comunicação disponível em todos os âmbitos, em especial das tecnologias da internet é preciso reformas nas “Políticas Públicas” do país. Nesta ótica, considera-se acionar a “... geração de conhecimento, que por sua vez produzirá mais informação e assim sucessivamente;

[...]” com “... uma política nacional de desenvolvimento em ciência e tecnologia, [...]”, em que “... viabilizar-se-á manutenção desse fluxo.”. (XAVIER; COSTA, 2010).

Tal assertiva é ratificada ainda em Takahashi (2000, p. v), ao afirmar que,

O conhecimento tornou-se, hoje mais do que no passado, um dos principais fatores de superação de desigualdades, de agregação de valor, criação de emprego qualificado e de propagação do bem-estar. A nova situação tem reflexos no sistema econômico e político. A soberania e a autonomia dos países passam mundialmente por uma nova leitura, e sua manutenção - que é essencial - depende nitidamente do conhecimento, da educação e do desenvolvimento científico e tecnológico.

Nesta compreensão, é verdadeiro dizer que, para minimizar o desequilíbrio social entre as pessoas, particularmente no contexto da Universidade, é preciso abrir o portal da Instituição, possibilitando por meio de educação da SIC que se assimile e construa saberes outros, tendo em vista que o acesso à informação via ensino superior tem como decorrência a produção de conhecimentos científicos e tecnológicos em favor da emancipação dos diversos grupos sociais. Confirmado por Assmann (2000¹³ *apud* MORO, 2010, p. 24) que:

... caracteriza a Sociedade do Conhecimento calcada na esperança de uma nova harmonia social, no alargamento e generalização do acesso à educação e formação ao longo da vida e nas medidas que visam reduzir as desigualdades pelo acesso ao conhecimento e Moro e Estabel (2004) acreditam que os efeitos do uso da informação compartilhada entre os educadores, os bibliotecários, os alunos, pode encaminhar para uma rede integrada de comunicação, permitindo o estabelecimento de novas relações entre os mesmos (inter-relação de pessoas) e destes com a comunidade.

Por este caminho, se reflete em relação às medidas necessárias que visam possibilitar a diminuição do desequilíbrio social entre os grupos, podendo ser alcançado, na ótica desta pesquisa, por meio do acesso à informação, conforme assegurado por Carrascosa (2003, p. 14¹⁴ *apud* MORO, 2010, p. 17),

... a Sociedade da Informação, como tem sido descrita, é uma condição prévia e necessária para o advento da Sociedade do

¹³ ASSMANN, Hugo. A Metamorfose do Aprender na Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

¹⁴ CARRASCOSA, José Luis. **Comunicación: de la Sociedad de la Información a la Sociedad de la Comunicación**. Madrid: Ed. Arcadia, 2003.

Conhecimento, mais propriamente definida como “Sociedad del Aprendizaje” uma vez que as TICs “requieren no solo um esfuerzo educativo sino una nueva pedagogía social” com uma profunda implicação dos sistemas educacionais e um novo planejamento empresarial para a difusão do conhecimento na sociedade atual.

Logo, a Sociedade da Informação é premissa à Sociedade do Conhecimento, asseguradas pela “Sociedade da Aprendizagem”. Assim, para Carrascosa (2003, p. 14)¹⁵ *apud* MORO, 2010, p. 18), “Na sociedade atual a economia mundial avança para um modelo baseado no conhecimento acima dos demais fatores tangíveis.”. Sendo, portanto, esta evolução alicerçada em conhecimento superior, Acuña (2003, p. 156)¹⁶ *apud* MORO, 2010, p. 18), indica dois os tipos de conhecimento, “explícito” e “tácito”. O primeiro “... transmitido e compartilhado em forma de procedimentos codificados, [...]”, e o segundo, “... composto por idéias, instituições, habilidades, [...] internamente arraigado nas pessoas influenciando em sua maneira de comportamento.”. Sintetizando, as práticas se modificam por meio de associações de conhecimentos, tanto de “códigos”, como de “ideias”. Logo, “Os dados carecem de sentido e significado se não fazem parte de um contexto. O conhecimento surge quando uma pessoa considera, interpreta e utiliza a informação de maneira combinada.”. (MORO, 2010, p. 18). Então se pode pensar que é necessário haver um arranjo e, por vezes, rearranjo da informação dentro de um contexto, sendo examinada, aclarada e operada para que o conhecimento aconteça.

Assegura ainda Corrêa *et al.* (2014, p. 17), que, a “... Sociedade da Informação e do Conhecimento (SIC) pode ser entendida como o atual momento vivenciado pelas sociedades, e se configura a partir das profundas transformações vivenciadas pela economia mundial nas últimas décadas.”. É evidente, posto isso, que o cenário mundial que se via no passado é bem diferente do que se observa hoje na dinâmica de atuação das pessoas, no contexto individual e social, em presença das interações tecnológicas da internet. Em que continuamente os inúmeros segmentos sociais, como economia, política, cultura, saúde, e outros, vão sendo alterados em novas direções na medida do fluxo constante de informações. Logo, devido a estas circunstâncias “... presencia-se a uma reestruturação de ideias,

¹⁵ CARRASCOSA, José Luis. **Información: de la Sociedad de la Información a la Sociedad de la Comunicación**. Madri: Ed. Arcadia, 2003.

¹⁶ ACUÑA, Luis Alvarado. Modelos de Gestión del Conocimiento. In: CARRASCOSA, José Luis. **Comunicación: de la Sociedad de la Información a la Sociedad de la Comunicación**. Madri: Ed. Arcadia, 2003. P.155-166.

condutas e conceitos na organização social vigente, sintomas de uma revolução caracterizada pela inserção e utilização maciça de informações na vida cotidiana dos indivíduos.”. (MESSIAS, 2005, p. 9). Contudo, muito se ouve na contemporaneidade sobre informação, que começou a ser difundida entre a população global em grande fluxo a partir das tecnologias.

Atestada em Santos (2003), ao explicar que a partir da informação é possível construir conhecimento e desta forma, oportunizar desenvolvimento social, pois, na “... Sociedade do Conhecimento, o conhecimento é a grande moeda de troca. Investir hoje em educação e na produção do conhecimento significa investir na soberania e no desenvolvimento do país.”. (SANTOS, 2003, p.10). A tecnologia é portanto, nesta visão, propulsora do conhecimento, visto que a partir da informação se possibilita mudanças e crescimento, junto às novas maneiras de se entender e relacionar-se com o mundo.

Hoje, indiscutivelmente, o conhecimento em ciência e tecnologia constitui o principal fator de agregação de valor ao desenvolvimento. Quem dominar a geração de tecnologia será capaz de produzir inovações de ponta, e, ao final, mais divisas, mais desenvolvimento, empregos, educação, saúde, e assim por diante. (SANTOS, 2003, p.10).

Ou seja, quanto mais supremacia em produções de conhecimento por meio das tecnologias da internet, melhores serão as oportunidades ao alcance das pessoas para mudarem seus contextos.

Contudo, para que se mantenha a “correnteza” do conhecimento, por meio da informação, muito há de ser feito, como vem sendo expresso, em termos de Políticas Públicas, Programas, Ações Afirmativas, atividades, por exemplo, possibilitando mudanças sociais. Confirmado por Lastre (1999), ao assegurar que nos seguimentos da sociedade se verificam “novas práticas” fundamentadas na informação e no conhecimento com “... uma série de inovações sociais, institucionais, tecnológicas, organizacionais, econômicas e políticas, a partir das quais a informação e o conhecimento passaram a desempenhar um novo e estratégico papel.”. (LASTRE, 1999, p. 8). Ou seja, a SIC consolida-se em tecnologias que estão inclinadas aos veículos informacionais na internet.

A Educação e, neste estudo se enfatiza a Universitária, deverá funcionar como um plano promissor para a produção e o desenvolvimento de conhecimento e

novas tecnologias, a partir da dita “Sociedade da Aprendizagem”, com sua consequente divulgação à sociedade, almejando a evolução e o aperfeiçoamento individual e coletivo das pessoas.

Outro ponto importante a se considerar acerca da SIC, na percepção desta pesquisa, é o que deve estar relacionado à Ética na sociedade, mais particularmente, “Ética em Informação”. Principalmente,

Partindo-se da concepção filosófica de ética enquanto área de estudo que trata dos valores e da conduta do homem na sociedade, notadamente no que tange às regras de conduta que preconizarão os direitos e deveres no contexto social, chega-se aos conceitos de bem, ação correta, dever, obrigação, virtude, liberdade, racionalidade e escolha e das características subjetivas neles envolvidas, [...]. (BLACKBURN, 1997¹⁷ *apud* GUIMARÃES, 2008, p. 138).

Por este entendimento, sem uma conduta individual e social de valor ético nas relações entre as pessoas, podem haver conflitos em diversos âmbitos por onde circulam.

Para Valls (1994, p. 7), “A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento.”. Portanto, diz respeito à atuação correta da pessoa, a partir de regras estabelecidas que visam o bem comum. Por se dedicar ao estilo de vida abarca campos como sociologia, psicologia, antropologia e outros, referindo-se aos valores morais e princípios, leis, que regulam o certo ou errado, legal ou ilegal, aceito por consenso em cada cultura nas diferentes partes do mundo.

Cortina e Martínez (2005, p. 139¹⁸ *apud* GUIMARÃES, 2008, p. 142):

[...] ao se referirem à ética (ou Filosofia Moral) enquanto reflexão sobre as questões morais, atribui-lhe a função de explicar o fenômeno moral, dando conta racionalmente, da dimensão moral do homem. Observa-se, desse modo, que a ética tem por objeto tanto a conduta humana (seus juízos de apreciação, normas/princípios e problemas) quanto a moral propriamente dita (seus valores, comportamentos e objetos).

Verifica-se, portanto, que “valores consagrados” de liberdade e igualdade entre os homens, influenciam seriamente na trajetória da humanidade em que se

¹⁷ BLACKBURN, S. Dicionário Oxford de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

¹⁸ CORTINA, A.; MARTINEZ, E. Ética. São Paulo: Loyola, 2005.

encontram presentes importantes valores e princípios de caráter justo e honesto que constantemente devem ser aperfeiçoados no dia a dia de interações entre as pessoas e grupos. Valores estes, imprescindíveis, de respeito próprio, tolerância e compreensão que dão sentido a uma vida harmônica em sociedade, sendo, neste sentido, uma das formas, dentre a diversidade dos grupos que compõem o contexto social, considerando sua totalidade, de possibilitar, sem qualquer desvio de seu fim principal, a Inclusão Social. Tenciona, desse modo, minorar o desequilíbrio na sociedade e mais, intentando assegurar o profuso desenvolvimento do todo, em direção às mudanças, mas a partir de práticas individuais, para que se estendam à coletividade, objetivando ademais, a garantia do desenvolvimento e o bem estar social.

3 INCLUSÃO SOCIAL – POSSIBILIDADES DE DIMINUIR AS DESIGUALDADES

Inicialmente se pretende, como ponto de partida, uma compreensão abrangente acerca da significância de Inclusão Social, portanto, para iluminar a questão, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que foi “Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948”. (ANEXO 1). Especifica em seu Preâmbulo sobre a importância de reconhecer em todas as pessoas a “dignidade” e os “direitos” idênticos e também “intransferíveis”, como princípios alicerçados na “liberdade” e “justiça” resultando em “paz” ao redor do mundo.

Considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que todos gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do homem comum, Considerando ser essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo império da lei, para que o ser humano não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra tirania e a opressão, [...]. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 1998).

Embora a Declaração assegure os direitos universais da pessoa, ainda assim a história da humanidade vem demonstrando, nas evidências de seu percurso, o quanto a falta de consideração, menosprezo e afronta entre os seres imperam nas relações até os dias atuais em desrespeito às garantias dos direitos. Atitudes como a falta de “reconhecimento”, são como armas desprezíveis que mais ou menos dia se voltam contra sua própria raça, fato comprovado em crises, revoltas, batalhas e guerras que destroem a tudo e a todos. Confirmado por Jovchelovitch (2008, p. 212), “O reconhecimento do Outro é um problema difícil e mesmo uma análise rápida da história de nossas relações com a alteridade irá mostrar que ela é feita de medo e segregação, dominação, exclusão e violência.”. Reforçado pelo mesmo autor, especialmente, em “Nossa tendência para construir o Outro em termos negativos se evidencia em práticas sociais, na vida cotidiana, na mídia e em instituições, algumas delas construídas exclusivamente para segregar e disciplinar o Outro.”.

Assim, no somatório dos medos, em ações vis do homem contra o “Outro”, nas injúrias e na falta de respeito intoleráveis, encontram-se os impedimentos à “liberdade e justiça”, conseqüentemente, insurreições. Portanto, o respeito aos

direitos humanos, o reconhecimento e a aceitação do Outro, seu igual, é, antes de tudo, uma necessidade para a pacífica coexistência, bem estar e crescimento dos seres. Confirmado igualmente em Silva, Hahn e Tramontina (2011, p. 219-220):

... é forçoso reiterar que o objetivo maior da educação deve ser a inclusão, estímulo e respeito à interatividade do outro e nada disso se alcança violando ou ignorando sua realidade. Aceitar o multiculturalismo e respeitar as necessidades, prestigiando o saber local, sem reducionismos populistas, é tarefa que requer coragem e preparo adequado, porquanto infinitamente desafiadora.

Nesta consideração, a Educação tem por mérito o respeito em reconhecer pela aceitação e tolerância, à diversidade entre os grupos em possibilidade à Inclusão Social. Nesta direção, a Assembleia Geral da Nações Unidas adota e proclama em 1948, a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 1998),

... o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

Tendo em vista que a instrução deve ser um direito proporcionado pelo dever do Estado, com seus governantes, em seriedade e competência a cada mudança da gestão pública, que poderão abranger os grupos diversos da sociedade, com vistas à diminuição das desigualdades sociais, a partir da abertura de oportunidades adequadas. No entanto, ao refletir sobre o contexto brasileiro, no que tange à Declaração, se verifica a dimensão de seu descumprimento, visto que milhares de pessoas estão em situação de abandono, em verdadeiro contraste entre os grupos sociais, “sobrevivendo”, portanto, em miseráveis e sub-humanas condições, configurando-se autêntica ausência, tanto de dignidade humana, como do Estado, que dirá usufruir do direito à instrução. Como também se tem evidências quanto aos direitos iguais de educação que deveriam alcançar todas as pessoas, considerando neste estudo, especificamente, a universitária, mas que deixam de ser assegurados

em sua totalidade à boa parcela da população. Jovchelovitch (2008, p. 213), afirma que:

Grupos, instituições e comunidades se definem pelo engajamento e pela vida com outros. A cooperação e a comunicação, sem as quais a vida humana não seria possível, pressupõe o reconhecimento do Outro bem como o aprendizado de como levar em consideração a perspectiva desde onde ele propõe sua verdade história, social e psicológica.

Na contribuição aos direitos à educação, amplamente reconhecidos e atendidos, conforme a Declaração Universal, se sucederiam maiores possibilidades de diminuir as desigualdades sociais, aspirando melhores condições de vida às pessoas. O mesmo acontece em relação a Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), que em Preâmbulo declara, “Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça[...]”.

... como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil. TÍTULO I DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político. Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Portanto, a Constituição Federal Brasileira, assegura “o exercício dos direitos sociais e individuais”, nesta deferência, nenhuma pessoa deverá ser excluída. Todavia, nos Estados e entre regiões do país milhares se veem excluídos. Confirmado por Moro e Estabel (2007), ao esclarecer que a Exclusão Social se inicia pelos atores, protagonizando os espaços da sociedade, e, “Os excluídos sociais significam “o outro” na literatura de todos os tempos. E o “outro” representa aquele que é excluído em uma sociedade que não inclui.”. Sendo eles, o “negro, o velho, o pobre, o analfabeto, o deficiente.”.

Por isso, as ações que propiciam na conjuntura social condições de vida melhores às pessoas está na prática da Inclusão Social e o consequente “reconhecimento do Outro”. Nesta lógica, se impossibilita, pois, a Exclusão Social.

O encontro das diferenças, o diálogo, que só ocorre quando nos descobrimos não iguais e nos dispomos a trabalhar com essas diferenças. Se for possível resgatar isso na educação, nem que se tenha que reinventar a escola, ou inventar algo totalmente novo, esse será um passo fundamental para a construção de uma sociedade, globalizada ou não, que dignifique a todos e a cada ser humano. (FRANCO, 2000, p.13¹⁹ *apud* MORO, 2010, p. 24).

Para favorecer este raciocínio, Benakouche (2003), afirma que a Exclusão Social está relacionada às diferenças sociais, seja de classes, idade, raça, sexo, entre outros.

Nesta consideração se traz o IBGE (2016), que demonstra em “Síntese de Indicadores Sociais”, lançado em 98, com objetivo de

... traçar um perfil das condições de vida da população brasileira a partir de diversas fontes de informações, sendo a principal delas a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, do IBGE, proporcionando um conhecimento mais amplo da realidade social do País e servindo de insumo para elaboração e monitoramento de políticas públicas. Procurou-se retratar, ao longo desta série de publicações, o nível de bem-estar das pessoas, famílias e grupos sociais, adotando a perspectiva das desigualdades sociais como eixo norteador. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016).

Conseqüentemente, por meio de dados coletados se pode analisar a realidade em que vivem as pessoas para assim conhecer a sociedade, tendo como parâmetro as desigualdades entre os grupos. Também confirmando esta afirmativa, Pedrosa (2013), assegura que “Aqui está a chave para se compreender a educação superior brasileira atual, como ela se desenha em nível de Graduação. Hoje, apenas cerca de 10% da população adulta brasileira (25-64 anos) completou um curso superior.”. Ou seja, um percentual considerado baixo para um país das dimensões do Brasil.

¹⁹ FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. As Construções Cognitivas do Adulto e suas Repercussões no Processo Educativo. In: **Reunião Anual da ANPED, 23**, Caxambu/MG, set. 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1810t.PDF>

Em relação a Universidade, por meio de Ações Afirmativas, pretende ela alterar a realidade das pessoas em situação de exclusão. Visto que,

A queda de participação dos alunos ricos no total de matrículas representa uma redução de cerca de um terço no período. Ao mesmo tempo, a proporção, entre o total de universitários, dos estudantes que estão entre os 20% com menor renda mensal familiar per capita, cresceu mais de seis vezes, de 1,2% em 2004 para 7,6% em 2014. O ensino superior ainda tem, porém, quase cinco vezes mais estudantes da camada mais rica da população do que alunos com renda mais baixa. (PROPORÇÃO..., 2015).

No entanto, mesmo havendo diminuição na participação de estudantes com renda maior, a Universidade continuamente os absorve em maior número em relação aos estudantes de menor renda. Porém, como Instituição Pública, deveria desenvolver diferentes graus de criticidade em relação a parcela de alunos com menor renda *per capita*, por exemplo, ampliando as vagas e facilitando o ingresso, a fim de absorvê-los em números mais elevados. Seria uma maneira de propiciar com mais tenacidade ensejos favoráveis a estes grupos específicos, beneficiando-os em maior número em um verdadeiro exercício de Inclusão Social, considerando adequar oportunidades e melhores condições de vida a eles. Pois “Com efeito, os especialistas em educação já demonstraram de modo convincente que as desigualdades sociais reproduzem e ampliam as desigualdades escolares, que, por sua vez, geram desigualdades de oportunidade.”. (BENAKOUCHE, 2003, p. 132). Pode-se afirmar sobre esta reprise de práticas, portanto, que “[...] toda exclusão começa pela falta de conhecimento, mas também pela negação da compreensão e da crítica daquilo que é diferente de nós mesmos.”. (DIAS SOBRINHO, 2003, p.113).

Confirmado em Sapiro (2005, p. 4), ao sustentar que,

O Brasil é um país altamente burocratizado com enorme disparidade de condições econômicas entre as classes sociais. No contexto brasileiro, comportamentos como nepotismo, suborno, e corrupção, estão disseminados envolvendo em algum nível, a participação indireta da maior parte da população. Tais comportamentos ainda representam conflitos cognitivos de caráter sócio-moral para a maioria dos indivíduos; porém o sistema parece inviabilizar uma mudança de comportamento, convocando à adaptação e conformidade.

Entretanto, apesar deste panorama social crítico, é preciso modificar a difícil realidade que vivencia a população em desonra aos importantes valores éticos universais de solidariedade, honestidade, lealdade e outros, que deveriam influenciar os comportamentos gerando mudanças benígnas no contexto social. Contudo, para se encaminhar às transições é preciso que os valores éticos sejam ensinamentos fortemente conduzidos desde os anos iniciais da Educação, estendendo-se a todos os níveis, e a rigor, à Universidade, que retornará à sociedade ações benéficas de caráter firme e ético. Portanto, se faz necessário que o Estado direcione suas estruturas visando conceber possibilidades de acesso à informação, viabilizando, desse modo, afastar a ignorância das pessoas. Mas buscando a conduta ética nas relações, com conseqüente mudanças de comportamento individual e social, pois tendo como alicerce a compreensão entre os grupos se poderá facultar a igualdade na aceitação do outro para o justo acolhimento às diferenças.“. ... inclusão social [...] é uma agenda de ação e de mobilização social; é um programa de ação com objetivos políticos determinados, que consistem, em última análise, a estender a cidadania para todos os membros da sociedade.”. (BENAKOUCHE, 2003, p. 131-132). Portanto, incluir parte do agir, com foco em objetivos sociais, para garantir iguais condições de acesso às pessoas cujas oportunidades não alcançam, propiciando modificar de forma favorável sua história e da sociedade.

Nesta compreensão, verifica-se a possibilidade de a Universidade desenvolver, como vem sendo apresentado, políticas voltadas aos grupos que fazem parte de seu contexto, em particular as mulheres de meia-idade. Esse público mais maduro que ingressa na Universidade, que devido ao longo tempo que passou, ficando ausente dos ambientes de ensino e aprendizagem, tem enfrentado dificuldades na Graduação. Assim, a Universidade, como evidenciado em “Ações Afirmativas” expressas em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI, 2016-2026), tem se direcionado a determinados grupos que necessitam ser incluídos, conforme segue,

... a implementação da Política de Ações Afirmativas pela UFRGS em 2008, modificada e ampliada pela Lei N o. 12.711, de 29 de agosto de 2012, resultou em aumento no número de pretos, pardos e indígenas, bem como estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A partir do ano de 2016, 50% das vagas na graduação estão destinadas para essas categorias.

(UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2000-2017a).

Não obstante, a UFRGS esteja ... “comprometida com a **Inclusão**”, (PDI, 2016–2026), ainda assim, se faz necessário que as políticas se tornem contundentes e colocadas em prática, prementemente, nas Universidades Públicas, direcionadas às questões como estas, tendo em vista trabalhar para que seja modificada a situação de exclusão vivenciadas pelos diversos grupos no ambiente acadêmico, pois as “... desigualdades de oportunidade de acesso ao ensino superior, por exemplo, devem-se principalmente às desigualdades sociais. Se assim for, não é exagerado dizer que a Escola não age natural e fortemente em prol dos menos favorecidos socialmente.”. (BENAKOUCHE, 2003, p. 132).

... o acesso destes grupos sub-representados a todos os cursos de graduação da Universidade, redimensionando teorias e metodologias acadêmicas na produção de conhecimento; promover um espaço plural, resultado de diferentes trajetórias; garantir a permanência dos alunos ingressantes por esse sistema, por meio de programas de bolsas, ampliação de vagas de moradia estudantil e aumento do acervo bibliográfico, entre outras ações. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2000-2017a).

Por se configurar as “Ações Afirmativas” um importante Programa da Instituição deveria se pensar, como vem sendo discorrido, em sua ampliação ao grupo das mulheres de meia-idade. A exemplo do que foi realizado pela Lei de cotas, nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012), que, conforme demonstrado, é voltado, especificamente, aos jovens, já que,

... reafirma o compromisso da UFRGS com políticas que colaborem para a redução das desigualdades sociais e econômicas, permitindo uma igualdade de oportunidades para que mais jovens oriundos de escola pública possam ingressar no ensino superior público. (UFRGS 2000-2017).

Sendo assim, este é um debate entre Universidade e sociedade, para que se estabeleçam prioridades que sejam revertidas às mudanças sociais benéficas, a fim de que se venha possibilitar a um maior número de pessoas no contexto da meia-idade, uma vida produtiva que importe a sua manutenção, dentre outras, profissional e econômica. O objetivo seria a busca de crescimento via Universidade, em que

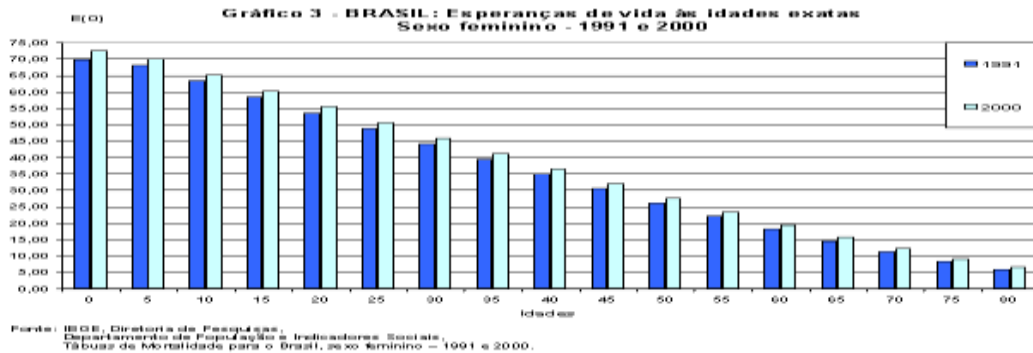
possam se preparar para o mercado de trabalho que se torna cada vez mais exigente em razão também das tecnologias.

A UFRGS, dentre outras Instituições Públicas de Ensino Superior, deve desenvolver um olhar mais abrangente aos grupos que compõe a sociedade, e neste sentido, se preparar por meio de políticas que visem incluir a faixa etária da meia-idade, dentre outros. Principalmente, porque segundo dados científicos, a população mundial está com uma longevidade maior, ou seja, vivendo por mais números de anos, ficando a média de vida entre 70 e 80 anos, de acordo com os índices. Especificamente em relação à população brasileira, conforme levantamento de dados do IBGE, em “Tábua da Vida, Evolução da Mortalidade - 2000 – Brasil, a evolução da esperança de vida no Brasil na última década do século XX: os ganhos e os diferenciais por sexo”.

De acordo com as estimativas oficiais, a esperança de vida ao nascer da população brasileira experimentou um ganho de 2,6 anos, ao passar de 66,0 anos, em 1991, para 68,6 anos, em 2000. [...] para ambos os sexos, homens e mulheres mostram que os aumentos na esperança de vida deram-se em todas as idades, sendo que os mais expressivos incrementos foram observados na população feminina [...]. No caso particular da esperança de vida ao nascer, [...] resume o comportamento evolutivo dessa medida do nível da mortalidade. Vale destacar que o diferencial entre os sexos experimenta um ligeiro incremento: em 1991, as mulheres possuíam uma vida média ao nascer 7,2 anos superior à dos homens, enquanto que em 2000 esse diferencial é de 7,8 anos. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000).

Os dados do IBGE apresentam que tanto os homens como as mulheres brasileiras estão tendo maior longevidade em relação a faixa etária, ou seja, vivendo maior número de anos na escala de tempo. Chama-se atenção especial à população do sexo feminino que está vivendo alguns anos a mais em relação ao sexo masculino, conforme o Gráfico 1.

**Gráfico 1 – BRASIL: Esperanças de vida às Idades exatas.
Sexo feminino - 1991 e 2000**



Fonte: IBGE (2000).

O Gráfico 2, demonstra também que no Brasil as mulheres estão vivendo por mais tempo, alguns anos, em relação aos homens.

Gráfico 2 – BRASIL: Ganho na esperança de vida ao nascer expresso em número de anos no período 1991 – 2000



Fonte: IBGE (2000).

Particularmente, acerca das mulheres de meia-idade, estão sendo atingidas pelos impactos da crise que o Brasil vem atravessando nos últimos anos, que tem gerado mudanças sociais, políticas, econômicas, na educação, saúde e outras, assolando o país em grande velocidade. Portanto, as modificações imprescindíveis que dizem respeito as pessoas estarem vivendo por mais tempo, está a necessidade de perceber os diferentes grupos na sociedade, nomeadamente, para um novo pensar do Poder Público, dentre outros, importante às circunstâncias de inclusão social, devido as alterações nos modos de vida da população.

Ademais, ainda em Benakouche (2003), Inclusão Social na Universidade significa identificar as capacidades nos alunos, visando propiciar espaços de acesso “iguais aos diferentes”, isto é, proporcionar meios necessários ao desenvolvimento, eliminando, desta maneira, o desequilíbrio entre os grupos e possibilitando se tornar

um ambiente propício ao crescimento e ao exercício da cidadania. Em outras palavras,

... inclusão social via universidade pressupõe reconhecimento de competências do excluído, sistema de ensino diferenciado, pedagogia apropriada e demais soluções correlatas. Todos esses mecanismos permitem construir, na melhor das hipóteses, um sistema de ensino compatível com as demandas sociais e educacionais do excluído. No entanto, essas soluções não serão suficientes se elas não forem acompanhadas da inserção profissional do excluído social e (embora) incluído universitário; [...]. (BENAKOUCHE, 2003, p. 137).

Neste argumento, se pode pensar que para incluir via Universidade é preciso levar em conta os grupos que compõem a realidade deste contexto, e, a partir dela, refletir sobre o que se pode fazer para propiciar mudanças que favoreçam inserir a diversidade no universo do conhecimento. Confirmado por Silva; Hahn; Tramontina (2001, p. 220), ao assegurar que,

... é prevista uma educação universal, para todos, mas cuja prática deve observar os saberes locais, de modo a constituir efetivamente uma atividade de inclusão, que alcance as mentes e corpos de todos, liberta da acomodação ou covardia de homogeneizar tratamentos e conteúdos que limitem o homem a uma dada realidade, que não se coadune com a sua. A universalidade é da prestação do direito social subjetivo à educação, os sujeitos educandos desse processo são, como salienta Geertz, essencialmente iguais em sua natureza, mas transversalmente individualizados por suas perspectivas locais, que merecem e devem ser consideradas pela arte e pelo dever jurídico de educar.²⁰

O Estatuto UFRGS (1994, p. 4), em TÍTULO II, DOS FINS apresenta,

Art. 5º - A UFRGS, comunidade de professores, alunos e pessoal técnico-administrativo, tem por finalidade precípua a educação superior e a produção de conhecimento filosófico, científico, artístico e tecnológico, integradas no ensino, na pesquisa e na extensão.

Art. 6º - Para consecução de seus fins, a Universidade deverá: I - promover, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, todas as formas de conhecimento; II - ministrar o ensino superior visando à formação de pessoas capacitadas ao exercício da profissão nos diferentes campos de trabalho, da investigação, do magistério e das atividades culturais, políticas e sociais; III - manter ampla e diversificada interação com a comunidade, traduzindo uma relação

²⁰ GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

orgânica entre Universidade e sociedade, pela articulação entre as diversas Unidades da Universidade e as entidades públicas e privadas de âmbito regional, nacional e internacional; IV - estudar os problemas socioeconômicos da comunidade, com o propósito de contribuir para o desenvolvimento regional e nacional, bem como para a qualidade da vida humana; V - **valer-se dos recursos humanos e materiais da comunidade, para integração dos diferentes grupos sociais e étnicos à Universidade;** VI - **constituir-se em fator de integração da cultura nacional e da formação de cidadãos, estimulando o desenvolvimento de uma consciência ética na comunidade universitária** (grifo meu); VII - cooperar com os poderes públicos, universidades e outras instituições científicas, culturais e educacionais brasileiras, estrangeiras e internacionais; VIII - desempenhar outras atividades na área de sua competência.

Portanto, a Universidade ao inserir os diferentes grupos em seus ambientes, está possibilitando desenvolverem suas potencialidades, para que, segundo Benakouche (2003), os graduandos, após o percurso na academia, tenham as mesmas oportunidades profissionais de trabalho, assim, renda e autonomia. Ou seja, a partir das engrenagens da Universidade, se pode modificar os fazeres, na atuação em conjunto, direção, professores, funcionários, alunos, sociedade. Entretanto, são necessárias, como vem sendo fortemente pontuado, ações em abrangência à meia-idade, como a busca de recursos que possibilitem reformas sociais com vistas ao acesso à educação, que venham garantir iguais oportunidades a todos.

Inserção profissional é hoje um problema difícilimo para o estudante em geral e mais ainda para o excluído social. Com efeito, quem - excluído ou não - passe pela universidade não tem necessariamente garantido seu ingresso no mercado de trabalho. Quer dizer é um “não incluído”. (BENAKOUCHE, 2003, p.137).

Neste entendimento, a Universidade evita a exclusão, de acordo com Santos (2003), ao promover a Inclusão, no entanto, precisa estar em acordo com a sociedade, trabalhando em equipe, lhe dando um retorno de seus fazeres, aspirando o crescimento social. Melhor expresso, “... deve estar em sintonia com a sociedade para entender a sua realidade e dela receber subsídios para suas ações.”. (SANTOS, 2003, p. 14), haja visto que a Universidade

[...] é um farol que deve estar voltado para fora, iluminando o entorno. Mas também deve deixar que a luz da sociedade a ilumine por

dentro. É nesse equilíbrio que repousa a base de uma relação sadia e crítica entre ambas as realidades: Sociedade/Universidade. [...].

Chauí (2003, p.67), afirma que há uma relação de interioridade, através de simbiose entre sociedade e Universidade, onde ambas são beneficiadas para a prosperidade. Uma vez que “... a universidade é uma instituição social e como tal exprime, de maneira determinada, a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo.”.

Logo, Santos (2003 p. 11), assegura que:

A universidade brasileira é muito jovem como instituição, pois tem menos de um século. A universidade pública é mais jovem ainda, com menos de setenta anos. Mas, no entanto, grandes contribuições já ofereceu à sociedade brasileira, em termos de produção do conhecimento para o desenvolvimento do país, na formação de profissionais e de quadros de qualidade e na inserção, cada vez maior, da comunidade, por meio de suas ações extensionistas.

Ainda assim, a Universidade, através da educação, ensino, pesquisa e extensão, que qualifica os alunos à formação acadêmica, é a mesma que visa prepará-los para a atuação profissional, possibilitando nesta direção, seu crescimento, ampliação da cidadania, democracia e o desenvolvimento da sociedade. Por isso, Universidade e Sociedade devem estar atentas também no sentido de estender sua amplitude à população, dentre os diversos grupos, quanto à viabilização da Inclusão Digital, considerando, especialmente, as mudanças que vem ocorrendo nos comportamentos a partir das tecnologias, computador e internet, se evidenciando, especificamente neste estudo, o contexto brasileiro, com vistas ao ensejo de evolução social.

4 INCLUSÃO DIGITAL – OPORTUNIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO

Na expectativa de gerar crescimento aos diversos grupos na sociedade, a partir do âmbito das tecnologias, está a concretude da Inclusão Digital que, de acordo com Cravo (2012), são os atos que possibilitam às pessoas em seu contexto social, o acesso à informática e aos seus recursos por meio do computador. Neste cenário,

É inegável que estamos vivendo, neste final de milênio, uma das revoluções tecnológicas mais significativas da experiência humana, comparável ao impacto provocado pelo surgimento da agricultura e da escrita. A informação, impressa e registrada em suportes tradicionais, virtualizou-se através dos sistemas digitais, interferindo diretamente nas noções de tempo e espaço. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2000, p. 9).

Portanto, a partir da conjuntura tecnológica que “interliga os computadores no mundo” possibilitando compartilhamento em rede, a internet é definida como:

The Internet is a global network enabling computers of all kinds to directly and transparently communicate and share services throughout much of the world. Because the Internet is an enormously valuable, enabling capability for so many people and organizations, it also constitutes a shared global resource of information, knowledge, and means of collaboration, and cooperation among countless diverse communities.²¹ (FLORES, 2003, p.143²² *apud* MORO, 2010, p. 25).

Para compreender a enormidade da complexa “rede” *Web*, ou *World Wide Web* (WWW), significando “Rede Mundial de Computadores”, de acordo com CONCEITO...(2005-2017), está a interface de espaço virtual em contexto digital que se tornou familiar a partir de 1991 e, cuja ocorrência se dá pela “interligação de documentos e recursos de forma geral”, através da internet. Nesta compreensão, em meio ao acesso dos conteúdos, circulam diferentes pessoas no mundo, logo, para Moro (2010, p. 32-33 *apud* CÁCERES, 2006, p.40),

²¹ Tradução: “A Internet é uma rede global que permite que computadores de todos os tipos se comuniquem de forma direta e transparente e compartilhem serviços em grande parte do mundo. Como a Internet é uma capacidade de enorme valor para muitas pessoas e organizações, ela também constitui um recurso global compartilhado de informação, conhecimento e meios de colaboração e cooperação entre inúmeras comunidades diversas.”

²² FLORES, J. Tomás Nogales. Los Usos Básicos de Internet. Servicios y Aplicaciones. In: SEBASTIÁN, Mercedes Caridad. **La Sociedad de la Información: política, tecnología e industria de los contenidos**. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces; Universidad Carlos III de Madrid, 2000. P.143-173.

O espaço virtual constitui também um novo tempo e o controle desta “espacialidade” supõe o emprego de energia e ação que configura o tempo social, a intenção e a atenção “invertidas em corpos sólidos movendo-se por um espaço concreto e definitivo”. Para mover-se no real, o ser humano se constitui no simbólico e “los mundos posibles quedaron inaugurados com el despegue semiológico de la relación entre language y tecnologia.”.²³

Nesta lógica, para que esta “relação” se torne possível é necessário utilizar as ferramentas da Internet na Web, através de “sistemas” ou “mecanismos de busca”, a exemplo do Site GOOGLE, e que acontecem entre *links* (ligações), que remetem de um a outro endereço. Ou seja,

Buscadores, ferramentas de busca ou mecanismos de busca são sistemas especializados utilizados na recuperação de informações na Internet. Eles coletam informações sobre os conteúdos dos sites e os armazenam em bancos de dados que estão disponíveis para consulta. Realizando uma busca, o usuário poderá descobrir a localização exata das informações que deseja. As informações são armazenadas em bancos de dados porque são flexíveis, fáceis de operar e manter. O acesso a estes bancos de dados em um ambiente Web é possível graças a uma interface especial, capaz de traduzir os dados armazenados para uma linguagem compreendida pelo Netscape, Microsoft Explorer ou outro navegador que estiver sendo utilizado. Entretanto, para que o usuário acesse o conteúdo que está por trás da Web, ele precisa visitar a página de interface e realizar uma pesquisa específica. (BRANSKI, 2004, p.72).

Face ao exposto, é importante perceber que Inclusão Social está voltada aos cidadãos, ou seja, aos membros da sociedade, para que usufruam dos direitos e desempenhem seus deveres. Neste aspecto pode-se destacar programas, ações e demais práticas voltadas, especialmente, à Inclusão Digital, dentre eles se verifica em “Computadores para Inclusão” (2016) do Ministério das Comunicações, em Governo Eletrônico (BRASIL, 2016), que aponta:

É uma rede nacional de reaproveitamento de equipamentos de informática, formação profissional e inclusão digital. É uma ação do Governo Federal e parceiros para colocar mais tecnologia a serviço da cidadania. Órgãos públicos, empresas e cidadãos podem doar seus equipamentos usados aos Centros de Recondicionamento de Computadores (CRCs). Esses centros são instalados em periferias

²³ Tradução: “... os mundos possíveis foram inaugurados com a decolagem semiológica da relação entre linguagem e tecnologia”.

de grandes cidades. Os jovens aprendem na prática a testar, consertar, limpar, configurar e embalar as máquinas. Os computadores prontos são doados a telecentros, bibliotecas e escolas públicas de todo o país.

Ainda assim, no Brasil existem milhares de pessoas em situação de exclusão, dentre elas, os excluídos digitais, ou seja, aqueles que não tem acesso às tecnologias, uma vez que não lhes é garantido os meios necessários que lhes assegurem por intermédio da informática, os direitos ao exercício da cidadania e, desse modo, melhores oportunidades e condições de vida.

Para Aun e Angelo (2007²⁴ *apud* MATTOS; CHAGAS, 2008, p. 72), “[...] a capacidade de compreensão e a possibilidade de se utilizar efetivamente todas as potencialidades oferecidas pelas TIC são bastante diferenciadas na população brasileira dado o alto grau de desigualdade na educação formal das pessoas.”. Neste sentido se faz um alerta em nome da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 48 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 1998), que assegura em seu Artigo 25:

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle.

Neste sentido, é necessário que a sociedade se mobilize, junto ao poder público a fim de pensar estratégias que visem o exercício de ações regulares para oportunizar em maior abrangência, a Inclusão Digital, àqueles que tal direito não alcança.

De qualquer maneira, segundo Lopes (2007), é difícil levantar dados quanto ao acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), e os que se tem não refletem a realidade, e isto acontece, conforme Gurstein (2003²⁵ *apud* LOPES,

²⁴ AUN, M. P.; ÂNGELO, E. S. *Observatório da Inclusão Digital*. In: AUN, M. P. (Org.). Moura, M. A.; SILVA, H. P; JAMBEIRO, O. (pesquisadores). ANGELO, E. S. ; ALBUQUERQUE, H. F. S.; CÂMARA, M. A. (alunos pesquisadores). *Observatório da Inclusão Digital: descrição e avaliação dos indicadores adotados nos programas governamentais de infoinclusão*. Belo Horizonte: Gráfica Orion, 2007.

²⁵ GURSTEIN, M. “Effective use: A community informatics strategy beyond the Digital Divide”. In *First Monday*, vol. 8 (12), 2003. Disponível em: <http://www.firstmonday.dk/issues/issue8_12/gurstein/index.htm>. Acesso em: 15 de dez. 2005.

2007), devido às diferenças em relação às formas de acesso à informação que acontecem diferentemente umas das outras.

Ou seja:

Primeiro, porque não temos apenas uma tecnologia da informação, mas várias. Segundo, porque há diferentes níveis de qualidade de acesso a cada uma dessas tecnologias. E terceiro, porque há uma diferença muito grande entre o simples “acesso” e o efetivo “uso”. (GURSTEIN, 2003 *apud* LOPES, 2007).

Um longo caminho a sociedade há de percorrer para proceder plenamente à Inclusão Digital, modificando consideravelmente a realidade da falta de acesso às tecnologias, visto que:

Três quartos da humanidade não têm as condições básicas para o acesso às tecnologias; calcula-se que metade da população mundial jamais fez sequer uma chamada telefônica. Ao analfabetismo clássico se soma agora o analfabetismo digital, que condena as suas vítimas à marginalidade, à pobreza e à miséria. O trabalho qualificado, diretamente vinculado à qualidade da instrução, acelera o desenvolvimento, mas, ao mesmo tempo, pode ser uma das fontes de desigualdade e exclusão social. (DIAS SOBRINHO, 2003, p. 114-115).

Prontamente é preciso refletir, para de algum modo criar oportunidades, através de um maior número de políticas públicas, possibilitando neste sentido, o acesso, em ações diversas, conforme vem sendo pontuado, seja por meio de programas, e outros tantos fazeres necessários, que visem e incentivem a Inclusão Digital.

Contudo, como afirmado por Estabel; Moro; Santarosa (2006, p.119),

O direito à educação, o exercício da cidadania, o acesso à informação, o desenvolvimento da linguagem, a autonomia, a construção do conhecimento, a comunicação e o compartilhamento entre sujeitos, a aprendizagem colaborativa entre outros, constituem-se ações recentes em nossa sociedade.

Logo, é necessário possibilitar à parcela excluída da população, mais que o essencial à sobrevivência, sendo imprescindível gerar oportunidades às pessoas sair de seus contextos “pequenos” e com ausência de recursos, visando ampliar os horizontes.

A Universidade, como Instituição Social, precisa, similarmente, estar atenta ao que pode vir a ser um problema de proporções consideráveis, uma vez que “... o

ingresso maciço de novas tecnologias nos serviços e na produção gera poucos empregos e os empregos criados exigem novas competências não ensinadas em universidades.”. (BENAKOUCHE, 2003, p. 133). Por este motivo, na ausência de “... competência profissional reside a principal causa da pobreza monetária. Cria-se assim um “círculo vicioso”: o pobre é pobre porque tem baixa qualificação profissional e, portanto, é excluído do emprego formal, da renda e, por extensão, da escola.”. Portanto, é crucial que a Universidade prepare os alunos, qualificando-os às competências do mercado, uma vez que, “Em termos de mercado de trabalho, a inadequação entre empregos ofertados e as qualificações exigidas pelo mercado explica fortemente as causas do desemprego, subemprego, emprego informal.”. (BENAKOUCHE, id., ibd.). Entretanto, também importante é que o futuro profissional em qualquer área, em especial ao estudo, da Biblioteconomia, não se acomode e busque uma requalificação, sempre que possível, por meio de atualização das capacidades, como através de oficinas e outros meios.

Neste andamento, conforme Estabel; Moro e Santarosa (2006), o Bibliotecário é o profissional habilitado a assegurar à Inclusão Digital ao público, guiando e encorajando o acesso e uso da informação, junto às TIC, visto que:

O papel do bibliotecário é o de mediador entre a leitura, a informação e o leitor. Este profissional, além de orientar o usuário no uso dos suportes informacionais, deve ser um promotor de leitura, um incentivador para o uso das TICs e, além de tudo, um bibliotecário educador. Além disso, a Sociedade da Informação tem como cerne principal o cidadão e o acesso e o uso da informação para todos. O bibliotecário é o profissional da informação que, através das TICs promove e propicia a inclusão social e digital através da leitura e da escrita. (ESTABEL; MORO; SANTAROSA, 2006, p.120).

Como consequência, a sociedade encontra no Bibliotecário um profissional que atua em seu benefício, por estar capacitado a orientar, a partir da organização da informação, direcionando o público na busca dos saberes, por meio do acesso às TIC, computador e informática, estendendo também sua disposição aos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), além é claro, do suporte impresso disponibilizado. Principalmente porque as TIC, segundo Moro (2010, p. 50-51),

... exercem um papel de significativa importância no processo do desenvolvimento da vida facilitando a aquisição de conhecimento, permitindo o acesso às fontes de informação, possibilitando o cruzamento de informação de diferentes fontes e áreas, propiciando

a comunicação em tempo real ou virtual com outras pessoas e disponibilizando meios rápidos e eficientes de processamento da informação.

Contudo, Buarque (2003, p.27), entende que para entrar em acordo com as novas tecnologias, é importante continuar produzindo conhecimento em ensino, pesquisa e extensão na Universidade, visando mudar a sociedade para então alterar os rumos de sua história. Porque,

Neste momento de encruzilhada, a esperança está na universidade. É necessário que ela se transforme e reinvente a si própria, para servir a um projeto alternativo de civilização. Quase oito séculos e meio se passaram desde a criação da universidade e, hoje, ela se encontra bem no meio da encruzilhada civilizatória que irá definir os rumos do futuro. A escolha será entre uma modernidade técnica, cuja eficiência independe da ética, ou uma modernidade ética, na qual o conhecimento técnico estará subordinado aos valores éticos, dos quais um dos principais é a manutenção da semelhança entre os seres humanos. A universidade tem de entrar em sintonia com esse novo rumo, corrigindo o descompasso gerado por essa turbulenta virada de século.

Deste modo, Universidade e Sociedade ao unirem esforços no sentido de possibilitar o acesso à Educação Superior Pública, evidencia os valores éticos como alicerces do ensino e da aprendizagem, “abraçando”, nesta relevância, a causa da Inclusão Digital. Na busca e acesso à informação em bases éticas, está a possibilidade, junto às TIC, de construção de novos conhecimentos, cujo fim, dentre outros, é propiciar mudanças nas regularidades dos padrões sociais que se reproduzem na sociedade em diversas dificuldades sociais, tentando abrir espaço à melhoria de oportunidades e condições de vida a todas as pessoas. Mais especificamente, ao grupo que está atravessando a fase de meia-idade, como mulheres no percurso da Universidade, que podem contribuir em grande parte para o desenvolvimento do Brasil.

5 CICLO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO / MEIA-IDADE

A trajetória do “Desenvolvimento Humano”, consoante a Psicologia, perpassa por ciclos, que por sua vez é dividido em fases, como infância, juventude e adulta, embora entre elas se encontrem outras subdivisões. Segundo Levinson (1990²⁶ *apud* SOUSA, 2008, p. 24):

... o ciclo de vida é múltiplo e complexo, dotado da possibilidade de mobilidade e da existência de uma diversidade de trajetórias. O conceito de trajetória de vida remete para uma visão global da mudança e promove a valorização quer dos pontos de viragem que assumem um estatuto definitivo quer das situações circunstanciais e pessoais que influem no destino do indivíduo.

Os períodos de vida, neste entendimento, seguem seus caminhos, viabilizando transformações no indivíduo que influem nas muitas esferas de sua vida, modificando sua condição no mundo. No entanto, para Papalia, Old e Feldaman (2006, p. 39), os “... domínios são inter-relacionados”, isto é, “... cada um deles influencia os outros.”. O que quer dizer que a passagem de fase não se dá com data e hora previstas com início e término, mas é contínua e os padrões se vão intercambiando. Boutinet (2000²⁷ *apud* SOUSA, 2008, p. 2), afirma que “... o estudo do adulto encontra-se marginalizado porque envolve um ‘incómodo’ exercício de desconstrução, isto é, exige que se conceba a vida adulta fora da sua ‘normalidade’.”. Ou seja,

A nível social implica o questionamento sobre o que é regular, imposto e proporcionado ao adulto. A nível individual envolve o confronto com o que se pensa, projecta e faz em relação a esta fase da vida. Por outro lado, porque são usualmente os adultos que “nomeiam” e “enunciam o mundo”, talvez os mesmos tenham dificuldade em se “retratarem”. Será que os adultos não conseguem distanciar-se e observar da sua própria realidade? (BOUTINET, 2000 *apud* SOUSA, 2008, p. 2).

Esta pode ser compreendida, segundo o autor, como uma indagação deveras importante e complexa, haja visto o impedimento que encontra o indivíduo em fase

²⁶ Levinson, D. J. (1990). A theory of life structure development in adulthood. In C. N. Alexander, & E. J. Langer (Eds.), *Higher stages of human development: perspectives on adult growth* (pp. 35-54). New York: Oxford University Press.

²⁷ Boutinet, J-P. (2000). *A imaturidade da vida adulta*. (1^o ed.1998). Porto: Rés-Editora.

adulta de manter um afastamento de si, na consideração de compreender sua própria situação no mundo.

No entanto, para Sousa (2008, p. 4):

Em particular, o aumento da probabilidade de se chegar a uma idade avançada permite imaginar o desenvolvimento de um ciclo de vida cada vez mais longo e diversificado, inclusive na adultez. É também o crescente interesse científico sobre o ciclo completo da existência humana que lança a Psicologia como ciência precursora no estudo das idades da vida. Neste sentido, as questões da Psicologia do Adulto são abordadas enquanto contextualização teórica e introdução ao estudo social da adultez.

Sendo assim, a Psicologia passa a compreender a “Adultez”, como um período específico de vida em que se encontra uma pessoa. Neste sentido, conforme Maturana e Varela (1995, p. 197):

... o fenômeno da mudança estrutural se manifesta com mais força entre os vertebrados, particularmente entre os mamíferos. Assim, toda interação, todo acoplamento afeta o operar do sistema nervoso devido às mudanças estruturais que desencadeia nele. Toda experiência particularmente nos modifica, ainda que às vezes as mudanças não sejam de todo visíveis.

Ao considerar a transição específica da meia-idade pode-se constatar, de acordo com Maturana e Varela (1995), que a trajetória de vida e as “bagagens” que com ela se vão acumulando, por meio de experiências e o compartilhamento, possibilitam especialmente elaborar os saberes que se tem sobre o universo. No entanto, similarmente faça o Universo o mesmo, ou seja, arquiteta em relação ao Ser suas compreensões próprias.

A partir deste entendimento acerca das alterações no desenvolvimento humano, cujas modificações se dão no percurso dos anos, se evidencia as “perdas”, como (carência física), no entanto, também “ganhos”, ou seja, (maturidade), e, tais mudanças ocorrem ao longo do período de amadurecimento e velhice, mesmo que aconteça gradativamente, sendo algumas ostensivas, como a aparência que vai decaindo, visto estar sofrendo com o “peso dos anos”.

O envelhecimento é um fenômeno biológico inevitável, mas vem assumindo um caráter indesejável do ponto de vista cultural

(MOREIRA; NOGUEIRA, 2008),²⁸ uma vez que vivemos em uma sociedade na qual predominam o imperativo da juventude e o culto ao corpo (SANT'ANNA, 2001). Ao conviver com a expectativa moderna de longevidade que reforça visões estereotipadas sobre a velhice, incentivadas pelas indústrias da publicidade, da beleza, da nutrição e da saúde, as pessoas na meia-idade passam pelas transformações corporais características desse momento da vida, como o aparecimento de rugas e cabelos brancos, redução da tonicidade da pele e musculatura e da mobilidade corporal, e as estranham ou rejeitam, como se fosse possível a manutenção permanente do corpo jovem com investimento e ações voltados para ele. (NUNES; SILVA, 2015, p. 124).²⁹

Para clarear o “fenômeno”, Antunes e Silva (2013, p. 124), asseguram sobre a “... concepção da Meia-Idade, conceito que expressa um momento de vida mais específico do ser humano dentro do intervalo chamado idade adulta, inserido no processo de envelhecimento humano.”. Quer dizer, no decurso da meia-idade, visto estar se levando em conta particularmente as mulheres, vão despontando evidências do envelhecimento, entre várias alterações alicerçadas em transições físicas e psíquicas.

Confirmado por Nunes e Silva (2015, p. 124),

A velhice caracteriza-se pelo declínio das funções biológicas, da resiliência e da plasticidade e pelo aumento da dependência dos recursos da cultura; contudo, é possível a manutenção e ganho gradativo em alguns domínios, como o intelectual e o afetivo.

Neste sentido, o fenômeno mental que se vai delineando pelo seu intelecto, no psicológico, emocional, sentimental e espiritual, é, pois, confirmado por Vygotsky (2001), “... um produto do desenvolvimento histórico-social”, por esta compreensão, é, pois, cultural. Em tal cenário, as “práticas sociais”, ou seja, formas de agir e expressar-se, os hábitos, os saberes, as crenças, as leis, os princípios, as formas de sentir e relacionar-se com o mundo, junto às tradições passadas de geração à geração, estão diretamente relacionadas à cultura. Não obstante, os “fazer” variam de cultura para cultura nos contextos e nas épocas em que estão inseridos e de acordo com as peculiaridades de cada um. Para Vygotsky (2001, p. 9)

²⁸ MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, v. 19, n. 1, p. 59-79, 2008.

²⁹ SANT'ANNA, D. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

... todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade [...]. Portanto, as habilidades cognitivas e a forma de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos. São, isto sim, resultado das atividades praticadas de acordo com hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve.

Tendo em vista esta abordagem, se reflete sobre o desenvolvimento cultural no Brasil, cuja ocorrência se deu da mistura de etnias, logo percebe-se nos hábitos das mulheres de meia-idade brasileiras determinadas características pertencentes a esta “pluralidade cultural”, diferentes, por isso, de outros países ao redor do mundo.

Neste aspecto, Diniz (1999, p. 179³⁰ *apud* MORI; COELHO, 2004), confirma “... os estudos de gênero têm contribuído para demonstrar que as características, os traços, os comportamentos e os papéis de homens e mulheres não são produtos da biologia e muito menos naturais e sim atribuição cultural feita a um e a outro sexo.”.

Em vista deste entendimento, as mulheres de meia-idade, como bem explicado, embora desenvolvendo um sentido de pertença ao meio em que vivem, não são “meras fabricações” deste, mas uma “valência”, digamos, da própria cultura, trazendo em seu conjunto, hábitos, costumes, moral, crenças, valores, entre outros, adquiridos em suas vivências. Por esta compreensão, em meio a própria cultura, é possível haver mudanças de comportamento, como das mulheres de meia-idade que nesta fase vão em busca de seus desejos, diferentes, portanto, daquelas que seguem com as tradições de gerações anteriores, relacionadas, por exemplo, à dedicação integral à família.

Após o exposto, se pensa acerca da definição de meia-idade, segundo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (MEIA-IDADE, 2008-2013), “1. Idade humana entre a idade adulta madura e a velhice, aproximadamente entre 40 e os 60 anos.”.

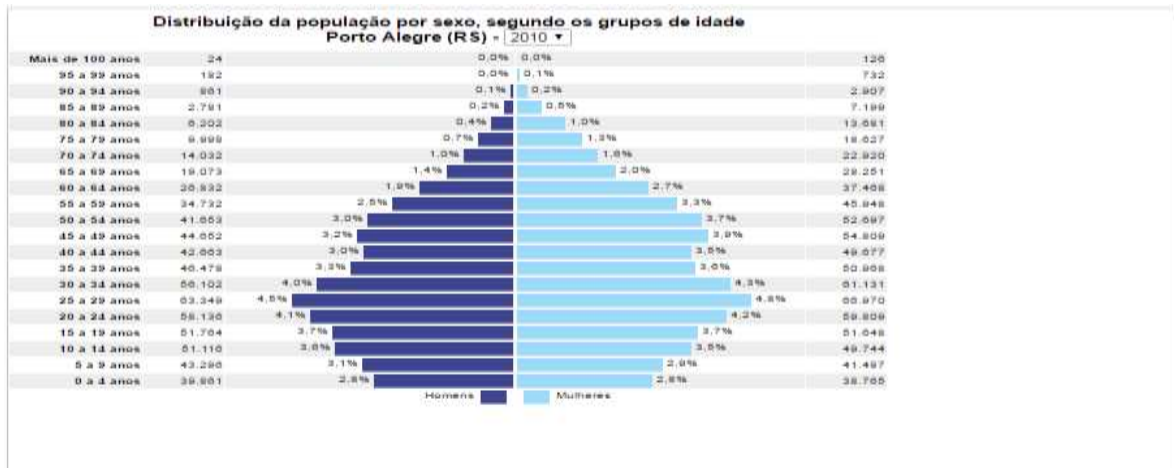
A partir desta elucidação, e com base em diversas consultas às fontes sobre o tema, indica-se, neste estudo, uma fase aproximada de início e término da meia-idade, em que se decidiu considerar inicialmente para o intervalo, mulheres entre 45 e 59 anos, aproximadamente. Igualmente a direção foi seguida, pois de acordo com

³⁰ Diniz, G. (1999). Condição feminina fator de risco para a saúde mental? Em M. G. T. Paz & A. Tamayo (Orgs.), Escola, saúde e trabalho: Estudos psicológicos (pp. 181-197). Brasília: EditoraUnB.

Antunes e Silva (2013, p. 126), é esta a “classificação etária proposta [...]” pela Organização Mundial da Saúde (OMS).³¹

Conforme a fase da meia-idade feminina, o último censo do IBGE (2010), aponta a distribuição da população por sexo e idade. (Gráfico 3). Solicita-se, assim, especial atenção ao grupo de mulheres entre 45 e 59 anos, de Porto Alegre.

Gráfico 3 – População de Porto Alegre por sexo e grupos de idade



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

Analisando os dados, e levando em conta somente as mulheres de meia-idade, sujeitos deste estudo, se pode perceber que os parâmetros da faixa etária entre 45 e 59 anos, oscilam para menos, e a “pirâmide etária” conforme se vai afunilando, também se eleva, segundo avançam os percentuais de idade da população feminina. Ou seja, nesta faixa etária estão contidas as mulheres em número maior, vivendo mais número de anos.

Dando prosseguimento, apresentou-se um fato curioso que chamou atenção no decorrer desta pesquisa, conforme as bibliografias em compreensão à meia-idade, foram sendo consultadas, também mencionado por outros autores, em evidência ao que se refere a relevante e ampla produção nas diversas áreas do conhecimento, em respeito às questões do Idoso, propriamente. Por este caminho, entendeu-se que seria pertinente para as reflexões do estudo da meia-idade, trazer Parente (2006), que relata com competência, o brilhantismo dos saberes nas

³¹ “OMS é a sigla para Organização Mundial da Saúde, que é uma agência especializada em saúde, fundada no ano de 1948 e é subordinada à Organização das Nações Unidas. A sede [...] é em Genebra, na Suíça. [...] foi criado logo após o fim das guerras do século XIX, como a do México e da Crimeia.” (SIGNIFICADO..., 2017).

atividades desenvolvidas pela UFRGS, junto ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares, ligado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), sobre as ações voltadas ao envelhecimento.

... a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) está representada pelo “Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento”. Este Núcleo, ligado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, iniciou suas atividades de forma sistemática em 1993. Anterior a esta data, professores, técnico e alunos da UFRGS já desenvolviam atividades e pesquisas relacionadas com a temática. Atualmente congrega professores e técnicos-científicos das áreas de antropologia, biblioteconomia, enfermagem, educação, educação física, farmácia, psicologia e odontologia. Constitui-se em um espaço de intercâmbio de produção de conhecimentos procurando incentivar e apoiar grupos formais e informais que desenvolvem atividades relacionadas ao envelhecimento. Publica a revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento desde 1999.

Assim, Parente (2006), afirma que, “A questão do idoso e do processo de envelhecimento é atual, preocupante e está recebendo cada vez mais atenção não só dos pesquisadores e profissionais da área da gerontologia, mas dos responsáveis pela formulação de políticas públicas.”.

A concentração por parte dos pesquisadores no que concerne ao envelhecimento, confirmado também pelos estudos da UFRGS, vem ocorrendo há bastante tempo e a passos firmes no Brasil:

... as universidades dedicam uma atenção especial ao idoso a exemplo da investigação que foi desenvolvida, entre 1993 e 1997, por 13 das 14 universidades do Estado do Rio Grande do Sul sob a coordenação do Conselho Estadual do Idoso, que resultou no relatório Os idosos do Rio Grande do Sul: estudo multidimensional de suas condições de vida. Este estudo não só subsidiou as ações dos governos estaduais, mas principalmente motivou as instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul a desenvolver e ampliar seus trabalhos na área. Um resultado concreto é a organização dessas instituições no “Fórum Gaúcho das Instituições de Ensino Superior com Ações voltadas ao Envelhecimento”, que se reúne semestralmente para troca de experiências. (PARENTE, 2006).

Por este caminho, em dedicação ao “objeto” de estudo do idoso, qual seja, a velhice, Carey (2003³² *apud* PARENTE, 2006, p. 48), confirma que “O

³² Carey, J. (2003). Theories of life span and aging. In P.S. Timiras (Ed). *Physiological basis of aging and geriatrics* (3rd ed., pp. 85-95). Boca Raton, FL: CRC Press.

envelhecimento pode ser definido em termos biológicos, como um declínio na habilidade de um organismo em responder a estímulos estressores, levando a uma disfunção na homeostasia e a um aumento na incidência de doenças.”.

Já sobre o envelhecer do intelecto em idosos, ou,

... envelhecimento cognitivo especificamente, sabe-se que a espécie humana compartilha com a maioria dos mamíferos padrões determinados de envelhecimento cerebral, que incluem a atrofia de grupos neuronais, a redução da atividade sináptica, o aumento da atividade glial, a diminuição de determinados grupos de receptores e o acúmulo de produtos metabólicos. A multiplicidade dos fenômenos associados ao envelhecimento tem levado pesquisadores a investigar não apenas uma causa isolada, como por exemplo, um gene responsável pela sensibilidade, mas a gênese de um processo considerado como o resultado de um somatório de fatores que interagem em diferentes planos, desde a biologia molecular até os sistemas reguladores. (FRANCESCHI et al., 2000³³ *apud* PARENTE, 2006, p. 48).

Com base no exposto, para ilustrar acerca da terceira idade, o Projeto Universidade para a Terceira Idade (UNITI), vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRGS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, [200?]) afirma:

... em seu XXII ano de atividade tem como princípios norteadores estudos realizados sobre velhice, envelhecimento e longevidade que dão conta que os idosos são cada vez mais numerosos e já buscam ocupar espaços significativos na sociedade contemporânea. Isto porque se recupera a imagem do idoso como produtor e com potencial para exercer atividades específicas importantes.

Sendo uma proposta em que fazem parte uma “equipe estagiários, bolsistas de extensão e de iniciação científica da PROPESQ e PROPESQ/CNPq”, que,

... vem proporcionando uma revisão no processo de socialização de pessoas idosas, permitindo e oferecendo experiências de aprendizagens sobre o ritmo e a sequência das mudanças evolutivas do curso de vida. Normas e papéis sociais, assumidos ou atribuídos, funcionando como agenda social aparecem como evidências que regulam as possibilidades de mudanças de estereótipos e visão do mundo, da dita terceira idade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, [200?]).

³³ Franceschi, C.; Valentin, S.; Bonafe, M.; Paolisso, G.; Yahin, A. I.; Monti, D., et al. (2000). The network and the remodeling theories of aging: historical background and new perspectives. *Experimental Gerontology*, 35 (6-7), 879-896.

Também Papalia, Olds e Feldman (2006, p. 630), afirmam que as transições ocorridas nesta fase são também permeadas de emoções e sentimentos. Assim como, “Mudanças de personalidade e estilo de vida durante o início a meados dos 40 anos costumam ser atribuídas à **crise da meia-idade**, período supostamente estressante desencadeado pelo exame e pela reavaliação de nossa vida.”. Ou seja, dentre as inquietações das mulheres de meia-idade, se evidencia que

... nessa época percebem que não serão capazes de realizar os sonhos de sua juventude ou que a realização de seus sonhos não trouxe a satisfação que esperavam. Sabem que, se quiserem mudar de direção, precisam agir rapidamente. [...] a turbulência da meia-idade é inevitável à medida que as pessoas lutam com a necessidade de reestruturar suas vidas. (PAPALIA, OLDS; FELDMAN, 2006, p. 630).

Em confirmação a chamada “Crise de Meia-Idade”, onde se configuram desejos e necessidades por mudanças, segundo Ferraria (2013), foi este um termo criado pelo canadense Elliott Jaques em 1965, psicólogo e psicanalista organizacional, “... usado para descrever uma forma de insegurança sofrida por alguns indivíduos que estão a passar pela “meia-idade”, no qual percebem que o período de sua juventude está a terminar e a idade avançada aproxima-se.”. Ou seja, as “desordens” que se vão ocorrendo na meia-idade feminina as impelem em busca de uma nova direção que as reanimem a seguir adiante.

Essa crise pode ser desencadeada por vários fatores relacionados com essa época da vida, como a morte dos parentes, casos extraconjugais, andropausa, menopausa, sensação de envelhecimento, insatisfação com a carreira profissional e saída dos filhos de casa. Normalmente quem passa por isso sente uma enorme vontade de mudar seu modo de vida fazendo gastos exagerados com aquisições fúteis, abandonando o emprego ou divorcia-se. Estudos indicam que algumas culturas podem ser mais sensíveis a esse fenômeno do que outros, um deles revelou que há pouca evidência que as pessoas sofrem crises de meia-idade nas culturas japonesa e indiana, levantando a questão se uma crise de meia-idade é somente uma concepção cultural das sociedades ocidentais. (FERRARIA, 2013).

Ainda, segundo Ferraria (2013), alguns indícios podem desencadear a “crise de meia-idade”, como:

... busca de um sonho ou objetivo de vida indefinido; profundo sentimento de remorso por metas não cumpridas; desejo de voltar a se sentir como em sua época de juventude; vontade de ficar mais tempo sozinho ou apenas com determinadas pessoas. Comportamentos: abuso de álcool; aquisição de itens não usuais ou muito caros, como motocicletas, barcos, roupas, carros desportivos, jóias, piercings, tatuagens, etc.; depressão; responsabilizar-se pelos seus fracassos pessoais; cuidado exagerado com a aparência e tentativa de parecer mais jovem; procurar relacionamentos com pessoas muito mais jovens.

Em consequência, na fase da meia-idade há uma parcela das mulheres que apresentam mostras de sair de seu “conforto” ou inércia para esquadrihar e, possivelmente, encontrar a si mesmas. Mori e Coelho (2004, p.178), asseguram que

... as mudanças sociais estão influenciando o modo de envelhecer da mulher. Se antes o papel de passividade aprendido, o mandato de estar a serviço dos demais, com o desconhecimento dos próprios desejos, pôde levar a mulher mais velha a desempenhar fortemente o papel de avó, hoje o envelhecimento tem sido, para algumas mulheres, tempo de realização de sonhos e desejos postergados. Essas mulheres ocupam-se de si mesmas e saem do lugar de resignação que até então lhes era imposto. [...]. As mudanças corporais, previstas no processo de envelhecimento, impactam a auto-imagem feminina e potencializam um sofrer psíquico segundo a visão de cada sociedade em relação à mulher de meia-idade. Nas ocidentais, a história das mulheres tem passado pela história de seus corpos, cuja tríade da perfeição física - juventude, beleza e saúde tem trazido consequências psicológicas cada vez mais séria no enfrentamento do processo de envelhecimento.

Nesta compreensão, em condições da meia-idade, as mulheres do ocidente, como exposto, rastreiam meios de transformar sua realidade com realizações outras até então não alcançadas e, a partir delas, desvelam meios de efetivar desejos protelados em dedicação à família, ou em algum trabalho que não mais as motivam, embora, possam ponderar não serem mais tão jovens e tendo noção das alterações que a idade, por força do tempo, lhes reserva.

Logo, Faria (1995³⁴ *apud* MORI; COELHO, 2004, p. 178), também na mesma direção afirma que, “... são esses anos a mais, com sua variedade de opções que suscitam a necessidade de esclarecer melhor a problemática da mulher madura.”.

³⁴ Faria, M. M. (1995). Mulheres de meia-idade: Sua inserção nos serviços de saúde. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Dessa forma, a questão da meia-idade feminina pode ser abordada como uma temática fisiológica caracterizada pela não possibilidade de procriar, e como uma temática psicológica e social - início de grandes mudanças familiares como afastamento dos filhos, dos pais idosos, irmãos, viuvez, e culmina com a adaptação à aposentadoria, senão a própria, a do marido, além de uma aterradora dificuldade, no que se refere à Sobrevivência econômica e de participação no mercado de trabalho.

Assim, "... compreender então o fenômeno da maturidade feminina é fundamental, pois aproximadamente 1/5 da população feminina no Brasil pode chegar a vivenciar esta etapa da vida, com suas consequências biológicas, psicológicas e sociais.". (FARIA,1995 *apud* MORI; COELHO, 2004, p.178).

É esta, portanto, uma fase de questões relacionadas aos diferentes comportamentos, dentre outros, os femininos, em que "Muitas pessoas sentem e observam mudanças durante a meia-idade. Quer examinemos pessoas de meia-idade objetivamente, em termos de seu comportamento exterior, quer subjetivamente, em termos de como elas descrevem a si mesmas.". (PAPALIA, OLDS; FELDMAN, 2006, p. 630).

Na época da meia-idade as mulheres, para Papalia, Olds e Feldman (2006, p.633) tendem a reavaliar suas escolhas e a fazer um "balanço" de sua vida, pois "A meia-idade costuma ser uma época de revisão da história de vida [...]. Uma "crise de meia-idade" pode ser vivenciada como uma ruptura perturbadora na continuidade e na coerência do enredo.". Sendo assim, é um período da existência que pode significar para elas uma certa liberdade para ir em busca de outros horizontes, à procura de satisfação, seja através de sonhos, objetivos, necessidades, anseios, e outros, ainda não alcançados.

Elas eram suficientemente jovens para ter boa saúde e suficientemente velhas para já ter lançado os filhos e ter segurança financeira. A vida em casa era mais simples; a energia antes dedicada à criação dos filhos foi redirecionada aos parceiros, ao trabalho, à comunidade ou a si mesmas. Tendiam a se importar com os outros, demonstrando geratividade. Haviam desenvolvido maior confiança, envolvimento, segurança e amplitude de personalidade. (PAPALIA; OLD; FELDAMAN, 2006, p. 636).

Por este enfoque, as necessidades de mudanças surgem a partir de um novo "olhar" sobre a própria vida, em que os desejos deixados de lado até então, podem ser colocados em prática neste momento especial da meia-idade feminina.

Neste contexto, o ingresso dessas mulheres à Universidade, que se encontram então inquietas, ao decidirem alterar sua trajetória de vida, com a volta aos estudos, especialmente, à formação de nível superior no Curso de Biblioteconomia, principiam a sentir-se em condições psicológicas melhores, devido aos desejos de realização, em especial pessoal e/ou profissional, do que aquelas, talvez, que permaneceram dia após dia em suas onerosas e cômodas rotinas.

6 FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO: GRADUAÇÃO

Educação é, antes de tudo, o alicerce do aluno para a construção de novos saberes. Concomitantemente às várias etapas de educação porque percorre o educando, está a preparação aos desafios e escolhas que diariamente se defronta em suas vivências, assim como a criação de oportunidades de crescimento e melhores condições aos requisitos e parâmetros exigidos em seu contexto social.

O conceito de Educação pode ser compreendido de diferentes maneiras em conformidade com a cultura, as práticas sociais e a época em que se vive. Para Martins (2004, p. 13³⁵ *apud* VIANNA, 2006, p. 129), o conceito de educação

... sofreu influência do nativismo e do empirismo. O primeiro era entendido como o desenvolvimento das potencialidades interiores do homem, cabendo ao educador apenas exteriorizá-las, e o segundo era o conhecimento que o homem adquiria através da experiência.

No seguimento, a importância de trazer à atribuição de educação para facilitar o ingresso na Universidade Pública do grupo de mulheres de meia-idade, que apresentam dificuldades de ordens variadas. Conforme a Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu Art. 23, “É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: inciso V - proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação; [...]”.

A partir desta importante autoridade à nação brasileira, se considera dentre a diversidade no sistema de Ensino Superior, especialmente, acerca da Instituição Pública Federal, que se caracteriza pela gratuidade no ensino. Segundo Schwartzmsan (2006³⁶ *apud* STALLIVIERI, 2006, p. 6),

As instituições públicas federais colocadas nessa categoria utilizam recursos públicos para a sua manutenção, ou seja, o governo federal é o seu principal mantenedor, já que nelas o ensino é gratuito e somente cerca de 3,5% do orçamento global é constituído por recursos diretamente por elas arrecadados.

Sendo assim, é nesta conjuntura que se traz atenção específica ao Bibliotecário, cuja Formação Superior está voltada ao cenário do Curso de

³⁵ MARTINS, Rosilene Maria Sólton Fernandes. Direito à Educação: aspectos legais e constitucionais. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004.

³⁶ SCHWARTZMSAN, Jacques. O Financiamento das Instituições de Ensino Superior no Brasil. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: www.iea.usp.br/observatórios/educação – acessado em dezembro de 2006.

Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Conforme esclarece Valentim (2000, p. 8), “A formação deste profissional é abordada por diferentes autores.” Logo, “No caso brasileiro a formação passou por fases técnicas e fases humanistas [...]”.

Atualmente, as estruturas dos cursos, estão na sua maioria, direcionadas para o paradigma da informação, buscando um profissional dinâmico e competitivo que de fato atenda os anseios da sociedade brasileira. No entanto, apesar de a formação estar apoiada no paradigma da informação, a maioria dos cursos ainda evidencia mais a formação técnica do que a formação humanista. (VALENTIM 2000, p. 8).

Portanto, Valentim (2000), ao reconhecer que os cursos estão voltados em destaque à formação técnica do que humanista, dá visibilidade a um debate deveras preocupante. Ou seja, mesmo que o direcionamento do curso se reverta ao modelo da informação, e que o profissional atue por estes moldes e seus fazeres venham ao encontro dos interesses das pessoas que claramente se beneficiam, é preciso raciocinar em abrangência à coletividade. Isto é, na importância do modelo da informação se voltar também para a formação humanista dos cursos. Ao se trazer reflexões voltadas à valorização da natureza humana, se evidencia a relevância de pensar na situação das pessoas, enquanto seres dotados de subjetividades, “espaços íntimos”, em que o “eu interior”, se ambienta em meio ao realce de emoções e sentimentos, junto ao contexto externo que vivencia seus “enigmas”.

Por este entendimento, se pode afirmar que o Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, se volta, em grande parte, como se tem presenciado, à formação técnica, confirmado na Graduação acadêmica, ao longo da trajetória do Bacharelado, com base, principalmente, no contexto amplo de disciplinas obrigatórias ministradas nas oito etapas do Curso. Os estudos técnicos principiam a partir do ingresso na Instituição, que acontece a cada semestre letivo com a aprovação no Concurso Vestibular Unificado (CVU), oportunidade em que são oferecidas por ano, aproximadamente 70 vagas que devem ser ocupadas pelos candidatos aprovados no Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS. No último processo seletivo do CVU, em 2016, os inscritos eram em número de 159 e foram oferecidas 75 vagas, e a relação candidato/vaga foi de 2.12. Os candidatos, por

opção de escolha, como parte da nota, contam com a do ENEM, junto à da UFRGS, compondo um somatório das duas notas para o resultado final.

Conforme Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2012b, p. 50), outra forma de ingresso na Instituição é o extravestibular, no entanto, ambos “... são regulados por resoluções internas da Universidade.”. Assim, o Curso de Biblioteconomia totaliza oito etapas com disciplinas e atividades distribuídas nas matrículas semestrais em uma “seriação aconselhada”, sendo “... a melhor forma do estudante concluir o curso na duração prevista e evitar problemas em sua matrícula.”. Logo, para qualificar-se ao diploma, o graduando deve frequentar integralmente o conjunto de disciplinas de caráter obrigatório, eletivo e complementares que fazem parte do currículo do Curso.

A formação do Bibliotecário se dá através de curso de nível superior, ou seja, bacharelado em Biblioteconomia, com tempo de duração médio de 4 anos. Trata-se de um fazer profissional que remonta a idade antiga, a exemplo da famosa biblioteca de Alexandria. Porém, a educação formal desse profissional só aparece no Século XIX. (PAIVA et al., 2017, p.13).

Assim, há um número de disciplinas obrigatórias que integralizam 114 créditos e estão voltadas com maior carga à formação técnica do Curso.

Em relação as disciplinas de caráter eletivo, somam 30 créditos em que os alunos devem cursar, e são ofertadas em diferentes semestres compostas de aproximadamente 35 disciplinas eletivas, sendo cerca de oito, aproximadamente, dentro da formação humanista. Portanto, diante desta análise é relevante uma reflexão acerca do Curso e as imposições que direcionam o aluno às de caráter quase que exclusivamente técnico. Quanto as disciplinas Complementares, perfazem um total de 12 créditos, embora se possa ultrapassar este número, podendo ser distribuídas em no mínimo duas atividades, dentre as quais, bolsas fornecidas pela Instituição, participação em projetos de extensão e pesquisa, congressos, seminários, estágios e outros. Pode-se afirmar que estas são disciplinas de escolha do aluno que poderá se constituir, de acordo com seus interesses.

Logo, em razão desta fragmentação do conhecimento no ensino de Biblioteconomia que vem sendo reproduzido, ano a ano, se torna difícil possibilitar ao aluno “vez e voz” para expor seus pontos de vista, interesses e necessidades.

Neste sentido, o ensino superior da UFRGS segue os mesmos fazeres, com poucas mudanças, no entanto,

Disso decorre que, para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes...(MORIN, 2000, p.48).

Por este entendimento, é preciso olhar à frente, e perceber a importância de alterar as práticas no Ensino Superior da UFRGS, especialmente no Curso de Biblioteconomia. Principalmente tendo em vista o que vem acontecendo pela separação dos saberes, ou seja, um em detrimento do outro, sendo que se pode perder a visão do todo em esquecimento ao lado humano das questões do homem, também para que seja evitado, neste sentido, a evasão no ensino. No entanto, segundo Morin (2000, p. 48):

As ciências humanas são elas próprias fragmentadas e compartimentadas. Assim, a complexidade humana torna-se invisível e o homem desvanece “como um rastro na areia”. Além disso, o novo saber, por não ter sido religado, não é assimilado nem integrado. Paradoxalmente assiste-se ao agravamento da ignorância do todo, enquanto avança o conhecimento das partes.

Nesta direção, a formação acadêmica abrange atividades relacionadas ao somatório das aquisições teorias e práticas do Curso, cujos conhecimentos, habilidades e atitudes desenvolvidas ao longo do percurso na Universidade, possam ter, posteriormente, um direcionamento à reflexão do exercício da profissão, entretanto, que seja pleno e eficiente, voltado, especialmente, às pessoas e seu valor humano.

Ao final da Graduação, a formatura, com o título de Bacharel e Bacharela em Biblioteconomia. Academia Brasileira de Letras (2004)³⁷. Logo, o titulado deverá, para o exercício legal da profissão, proceder sua inscrição no Conselho Regional de Biblioteconomia da 10ª Região (CRB-10), vinculado como unidade regional ao Sistema do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB).

³⁷ De acordo com a Academia Brasileira de Letras (ABL), o singular feminino de Bacharel é Bacharela.

O profissional de Biblioteconomia precisa estar voltado ao exercício competente e atual de suas atividades que poderá concretizar-se em lugares diversos. Neste sentido, ao tratar e disponibilizar à informação em diferentes suportes, o Bibliotecário está apto às atribuições de planejamento, implantação e implementação de diversas unidades, sistemas e serviços de informação e documentação, bancos e bases de dados, além de promover o acesso às fontes de informação sob diferentes suportes; difundir a importância da leitura e os benefícios do uso da informação; acolher e orientar o usuário para a leitura, a pesquisa e a produção textual.

Não obstante, com o surgimento da era da informação no Brasil, a partir das TIC e seu efetivo acesso da população, percebe-se o debate acerca do profissional e suas práticas, confirmado em Santos (2000, p. 113):

O final da década de 80 trouxe para a Biblioteconomia uma indagação que ainda não encontrou resposta definitiva: quem é o profissional da informação capaz de enfrentar os desafios e dificuldades provocados pelas grandes mudanças ocorridas com a chegada da era da informação? As discussões afirmavam, de um lado, que o profissional da informação bibliotecário, com o chamado perfil tradicional, voltado para gestão de documentos, estava sob a ameaça da perda de seu espaço profissional. A vivência desse profissional achava-se restrita ao espaço físico da unidade de informação, constituindo-se um administrador dos processos envolvidos no ciclo documental.

Porém em meio às interações e aos diferentes comportamentos nos ambientes do conhecimento,

O desenvolvimento das tecnologias da informação, "eliminando" as paredes das bibliotecas e disponibilizando informações abrigadas em sistemas distantes, de modo quase instantâneo, foi o grande argumento utilizado para exigir do profissional, além de um corpo de conhecimentos especializados na área do tratamento da documentação, outros conhecimentos e habilidades para a gerência de informações em suportes e locais diversificados. Além dessas, outras características profissionais e pessoais passaram a ser fundamentais: ser curioso, proativo, criativo, voltado para o cliente e, principalmente, dedicado ao acesso às informações. (SANTOS, 2000, p. 107).

Assim, neste contexto tecnológico informacional, o Bibliotecário precisa estar atento, imprescindivelmente. Confirmado em Silva (2004, p. 15) ao afirmar que "... as mudanças provenientes desse novo contexto tecnológico, afetaram também o

bibliotecário, exigindo novo enfoque para a formulação de seus currículos.”. Desta forma, ao considerar a sociedade em relação às tecnologias, é imperioso rever o fazer Bibliotecário, para que seja possível compreender e acompanhar a evolução do “momento histórico” em grande parte voltado à internet. Já o profissional precisa constantemente estar vigilante às demandas de sua profissão, buscando atualização às novas competências seja em congressos, seminários, oficinas e outros.

A contínua formação dos bibliotecários é fundamental para a utilização das Tecnologias de Informação e de Comunicação - (TICs) e de orientação aos usuários das bibliotecas, [...]. Este processo de contínuo aperfeiçoamento e atualização propicia segurança para os profissionais que atuam na educação e permiti-lhes visualizar novas perspectivas e desafios na sua atuação. (ESTABEL; MORO; SANTAROSA, 2006, p.120).

É necessário que se dê a devida importância às competências na formação acadêmica que devem ser pautadas no fazer Bibliotecário em atuação à profissão, mas no contexto atual da informação, próximo às tecnologias e em meio às pessoas e seus interesses.

Além do aprimoramento das competências, o bibliotecário precisa desenvolver certas habilidades, confirmado em Mueller (1989, p. 63), “O perfil de um grupo profissional é determinado pelo conjunto de conhecimentos e competências necessários para o desempenho da função atribuída à profissão.”. Ou seja, neste sentido, também as competências devem se estender no que diz respeito ao uso das ferramentas *online*, uma vez que são demandas do público, embora com vistas ao constante melhoramento do profissional no manuseio das TIC. Sendo assim, deveria se entender indispensável e importante o público ter seu atendimento feito por um profissional da Biblioteconomia. Como mediador da informação, tem o bibliotecário acesso aos dispositivos que auxiliam a realização do seu fazer, como o acervo, os catálogos, físico e online, os espaços de comunicação na Web, sendo que, este conjunto torna possível a interação entre a biblioteca, usuário e acervo, propiciando a troca de informações e interatividade com maior facilidade e autonomia.

Um dos desafios dos bibliotecários na atualidade se diz respeito ao papel que ele deve assumir como agente transformador com o seu enfoque informacional e conseqüentemente com as mudanças ocorridas na sociedade. A representatividade do profissional da informação nesse contexto salienta como o mesmo pode atuar de forma promissora agindo como agente educacional de transformação,

onde ele assume a competência informacional, adotando e disseminando práticas transformadoras na sociedade. (PIRES, 2012).

Isto posto, é preciso que o Bibliotecário ocupe integralmente a Biblioteca e os demais espaços de informação, e que cumpra o seu papel de mediação, de acordo com as necessidades do público real e potencial. No entanto é necessário seu exemplo de conduta ética, a partir de relações, pessoais, profissionais e sociais, influenciando positivamente os comportamentos do público. Sapiro (2005, p. 4-5) assegura que,

A tônica da crise brasileira é a crise moral: os princípios de justiça e bem-estar social que deveriam estar acima das normas sociais, das leis menores de regulamentação e de aspectos de interesse particular, foram sobrepujados e aviltados como se uma sociedade pudesse efetivamente funcionar sem um paradigma ético. Os brasileiros sabem que estiveram por um tempo muito longo "adaptados", mas têm consciência de que é fundamental reafirmar-se eticamente; e para tal, há a preocupação de resolver um conflito predominantemente moral que reside na re-significação das relações sociais do Brasil que viabilize a compatibilidade entre julgamento sociomoral e ação.

Ademais, é inevitável ao Bibliotecário estar atento, buscando respostas às questões de seu público nas fontes de informação, a fim de atender as demandas, com eficiência e economia de tempo. Aí reside a importância do profissional, como facilitador do acesso à informação, no papel de mediador para a aquisição dos saberes, construções outras e o crescimento abundante e valioso de uma sociedade singular alicerçada na postura ética.

7 METODOLOGIA DO ESTUDO

Este estudo, segundo Minayo (2001, p. 16), representa “... o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade ...”. Por outra forma, também em Ludke; André (1986), a metodologia está correlata às ideias que vão sendo estruturadas de maneira a permitir ao investigador elaborar neste processo um percurso para a construção do estudo, em que, a partir de sua visão de mundo, conduzirá seus trabalhos utilizando métodos e técnicas, a fim de que conhecer a realidade e refletir sobre ela. Ou seja, “... os fundamentos para compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe suas pesquisas ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa.”. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 3). Logo, o estudo ganha, através da “lupa” do pesquisador, contornos com dimensões de pesquisa.

O estudo se caracteriza por ser de natureza básica, uma vez que “... objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.”. (MORESI, 2003, p.8). Sua relevância se dará em resultados de questões precisas, como as barreiras vivenciadas pelos sujeitos participantes, no percurso de formação acadêmica.

Quanto ao método de estudo, dado o caráter social do problema de pesquisa, apresenta uma abordagem qualitativa, uma vez que “... a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.”. (GODOY, 1995a, p. 21). Nesta compreensão, o estudo pretende o recorte de uma etapa específica, qual seja, das graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia em suas vivências na Universidade, nos diversos ambientes, levando em conta suas representações sociais, relações e subjetividades.

A pesquisa é de cunho exploratório, e, no contexto deste estudo, “... este tipo de investigação parece ser o mais adequado”. (GODOY, 1995b, p. 63). Neste sentido, para um entendimento mais aprofundado do estudo, o interesse se volta à exploração das experiências deste grupo específico de graduandas, cujas questões são percebidas de forma insuficiente nos ambientes da Universidade. Assim, para Lakatos e Marconi (2003, p. 189), “O interesse da pesquisa de campo está voltado

para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade.”.

Na continuação, o desenvolvimento da pesquisa consiste em três fases, segundo Lüdke; André (1986):

1ª Fase: Aberta ou Exploratória: com o surgimento de questões ou pontos críticos iniciais que podem originar-se em exame de literatura, ou podem ser frutos também de observações e depoimentos feitos por especialista sobre o problema, ou podem surgir de um contato inicial com a documentação existente e com as pessoas ligadas ao foco estudado, ou podem ser derivados de especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador. Pretende-se, portanto, partir de uma visão que não seja pré-determinada da realidade, para apreender aspectos que envolve uma determinada situação, logo a fase exploratória se coloca como fundamental para uma definição mais precisa do objeto de estudo.

2ª Fase: Coleta de dados: identificados os elementos-chave e os contornos aproximados do problema, procede-se a coleta sistemática de informações, utilizando-se como instrumentos de coleta a entrevista semiestruturada, sendo sua escolha determinada pelas características próprias do objeto estudado.

3ª Fase: Análise Sistemática e a Elaboração do Relatório: está a necessidade de se juntar a informação, analisá-la e torna-la disponível aos informantes para que manifestem suas reações sobre a relevância e perspicácia do que é relatado, por meio da elaboração descritiva do relato científico.

Assim, a partir das três fases de pesquisa, o estudo se consolida nas experiências das graduandas na Universidade no decurso de sua formação acadêmica. Nesta compreensão, se utilizou do expediente de um Estudo de Caso, pois segundo Yin (2001):

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. (YIN, 2001, p. 19).

Considerando esta perspectiva, o problema deste estudo foi traçado pela pesquisadora, considerando as próprias barreiras que estão sendo vivenciadas até a sua formação na Graduação do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS. Em razão de Yin (2001), afirmar que,

Em grande parte dos estudos de caso existentes, a elaboração de explanação ocorreu sob a forma de narrativa. Uma vez que as narrativas não podem ser precisas, os melhores estudos de caso são aqueles em que as explicações refletem algumas proposições teoricamente significativas. (YIN, 2001, p. 140-141).

Desse modo, através das falas das graduandas de meia-idade, o estudo de caso pretendeu conhecer as vivências do grupo fora do ambiente acadêmico e no percurso da Universidade. Sobre a análise dos resultados, foi feita com base em informações reunidas dos sujeitos na entrevista. Após, procedeu-se em suas transcrições, organização e a interpretação dos resultados, em que se chegou à resposta ao problema de investigação proposto no estudo.

Para ilustrar o estudo são apresentados também a forma de método do caso ou (*Teaching Cases*), que de acordo com Cesar ([200-?]), "... deve propiciar o estabelecimento de conexão entre a experiência do profissional envolvido na situação e a teoria que embasa a resolução do caso ...". Neste sentido, se pretendeu uma ligação, a partir das experiências da pesquisadora deste estudo, também graduanda de meia-idade do Curso de Biblioteconomia, junto aos sujeitos da pesquisa, pois

[...] desta forma, uma situação deve ser escolhida para estudo quando se apresentar como um exemplo de um ou mais conceitos sob estudo dentro de uma ou mais disciplinas de uma grade curricular. Embora no Método do Caso não haja a preocupação de construção de conhecimento científico, a teoria deve estar por trás do desenvolvimento do caso, de modo que variáveis que sejam consideradas importantes para a análise do mesmo possam estar presentes no relato do caso. Isto significa que o desenvolvimento do caso deve seguir um protocolo para coleta dos dados (que é muito semelhante ao utilizado no Método do Estudo de Caso, com análise de documentos, entrevistas, etc.); deve contextualizar a situação de tal forma que, aos olhos do leitor, o caso possa se apresentar como uma situação vívida, da qual ele faz parte, o que justifica a inclusão de dados subjetivos relacionados à visão que as pessoas envolvidas na situação têm da mesma. (CESAR, ([200-?])).

No entanto, os *Cases* não são considerados instrumentos de coleta de dados, mas sua construção se constituiu de riqueza em relatos das vivências das graduandas, em que se possibilitou um novo "olhar" sobre as experiências do grupo no decorrer da formação acadêmica.

7.1 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS

Este estudo foi direcionado com a utilização de etapas precisas para a coleta de dados. Assegurado, portanto, em Lakatos e Marconi (2003, p. 79), ao afirmar que, “o conhecimento científico abrange fatos concretos, positivos, e fenômenos perceptíveis pelos sentidos, através do emprego de instrumentos, técnicas e recursos de observação, [...]”. Sendo assim, se usou como instrumento específico neste processo, a entrevista semiestruturada, visto apresentar um método de eficácia na pesquisa qualitativa.

7.2 ENTREVISTA

Gil (2002, p. 115), avaliza que a entrevista “[...], convém lembrar que ela possibilita o auxílio ao entrevistado com dificuldade para responder, bem como a análise do seu comportamento não verbal.”. Neste sentido, além da resposta propriamente dita, a entrevista possibilitou uma “leitura” do entrevistado, a partir de suas reações a cada questão formulada, em que se torna possível perceber também os sentimentos nas entrelinhas dos argumentos.

Nos levantamentos que se valem da entrevista como técnica de coleta de dados, esta assume forma mais ou menos estruturada. Mesmo que as respostas possíveis não sejam fixadas anteriormente, o entrevistador guia-se por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado em folhas próprias. (GIL, 2002, p. 117).

Na mesma proposta, é a entrevista mais flexível e “... guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso.”. (GIL, 2002, p. 117). Isto é, na interação entrevistador-entrevistado, está em “jogo” mais que pergunta e resposta, uma vez que o debate faz perceber as subjetividades do entrevistado nas entrelinhas dos argumentos. Assim, para Gil (2002, p. 118), “... a adequada realização de uma entrevista envolve, além da estratégia, uma tática, que depende fundamentalmente das habilidades do entrevistador.”. Ou seja, a presença do entrevistador, junto ao entrevistado, poderá servir de auxílio, ou ao contrário, então é preciso ao conduzi-la, com certos cuidados, além de algumas “habilidades”, evitando-se que o estudo seja prejudicado. Para uma melhor gerência, portanto, é

importante que o entrevistador tenha um roteiro com as questões da entrevista para que se evite fugir do tema proposto. Também é preciso que o entrevistador tenha, ou desenvolva um certo *feeling*, isto é, sensibilidade para perceber uma determinada situação em que o entrevistado não está disposto a responder de forma mais precisa à questão, e ele será um tanto evasivo. Seja por não estar seguro quanto a compreensão da pergunta, ou pela superficialidade de reflexão da resposta, ou ainda constrangimento em se expor. Então, em outro momento, o entrevistador deve procurar, com segurança e através de “suaves pinceladas”, retomar o tema de maneira intuitiva, para ter assegurado o retorno à questão.

Este estudo empregou na mesma configuração de instrumento de coleta de dados, a entrevista contendo quatro questões direcionadas por contato via e-mail, à Profissional da área de Psicologia da UFRGS, para compreender melhor o ciclo do desenvolvimento humano e, mais especificamente, a meia-idade. A devolução das questões com as respectivas respostas ocorreu dentro do prazo estipulado em benefício ao estudo.

8 CONTEXTO DO ESTUDO: CURSO DE BIBLIOTECONOMIA – FABICO / UFRGS

A UFRGS, importante Instituição Pública centenária do Estado, reconhecida dentro e fora do país, localizada em Porto Alegre foi “... instituída pelo Decreto Estadual nº 5.578, de 28 de novembro de 1934 e federalizada pela Lei nº 1.254, de 4 de dezembro de 1950, é uma autarquia dotada de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial.”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2015, p. 3).

... a serviço da sociedade e comprometida com o futuro e com a consciência crítica, respeita as diferenças, prioriza a experimentação e, principalmente, reafirma seu compromisso com a educação e a produção do conhecimento, inspirada nos ideais de liberdade e solidariedade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016b).

Figura 1 – Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Fonte: UFRGS (2017).

Assim, a UFRGS tem por Missão “Desenvolver educação superior com excelência e compromisso social, formando indivíduos, gerando conhecimento filosófico, científico, artístico e tecnológico, capazes de promover transformações na sociedade.”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016b).

Quanto às atividades ligadas à informática, a Universidade disponibiliza à FABICO, além de toda comunidade acadêmica, o ambiente virtual MOODLE, “(Modular Object Oriented Distance Learning) é um sistema de gerenciamento para criação de curso online. Esses sistemas são também chamados de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ou de Learning Management System (LMS).” (CLARO, 2008). Logo,

O moodle é um software livre de apoio à aprendizagem, pode ser instalado em várias plataformas que consigam executar a linguagem php tais como Unix, Linux, Windows. MAC OS. Como base de dados podem ser utilizados MySQL, PostgreSQL, Oracle, Access, Interbase ou ODBC. Seu desenvolvimento é de forma colaborativa por uma comunidade virtual, a qual reúne programadores, designers, administradores, professores e usuários do mundo inteiro e está disponível em diversos idiomas. A plataforma vêm sendo utilizada não só como ambiente de suporte à Educação a Distância mas também como apoio a cursos presenciais, formação de grupos de estudo, treinamento de professores. (CLARO, 2008).

Em relação aos cursos que fazem parte do contexto da UFRGS, está o de Biblioteconomia que funciona na FABICO, "... criada pela Portaria nº 714, assinada pelo reitor Eduardo Zaccaro Faraco em 1º de setembro de 1970, em sequência à Reforma Universitária implantada pela Lei nº 5540 de 1968.". (FABICO / UFRGS, [200-?]).

Sendo que:

Estão na sua origem o curso de graduação em Jornalismo criado em 1952, vinculado à antiga Faculdade de Filosofia, e a Escola de Biblioteconomia e Documentação, formada a partir do curso técnico de Biblioteconomia, de 1947, agregado à Faculdade de Ciências Econômicas e aprovado como curso superior em 1958. (FABICO / UFRGS, [200-?]).

Neste trajeto, a FABICO vem perpassando por mudanças, não somente em relação aos cursos, como em sua estrutura física, contando atualmente com um prédio de cinco andares em que se distribuem diversas salas partilhadas entre o corpo docente, discente e servidores. No mesmo pátio encontra-se o prédio Anexo I do Campus Saúde, hoje utilizado pela Faculdade, também com salas de aula, auditório, núcleos, laboratórios, entre outros.

Dentro deste parâmetro, o Plano da Faculdade tem por finalidade,

Identificar a Unidade universitária no que diz respeito à sua filosofia de trabalho, à missão a que se propõe, às diretrizes pedagógicas que orientam suas ações, à sua estrutura organizacional e às atividades acadêmicas que desenvolve e as que pretende desenvolver. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2012).

Figura 2 – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS



Fonte: UFRGS (2017).

A FABICO tem por Missão “a educação superior e a produção de conhecimento científico, integradas no ensino, na pesquisa e na extensão no campo da Comunicação Social e das Ciências da Informação.”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2012).

Quanto a Biblioteca Setorial da FABICO, está localizada no quarto andar do prédio da Faculdade de Biblioteconomia, e iniciou seu funcionamento em 29 de setembro de 1959, pertencente ao Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SBUFRGS), fazendo parte também da Instituição, o Sistema de Automação de Bibliotecas (SABi).

Figura 3 – Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS



Fonte: Rodrigues (2007).

9 SUJEITOS DO ESTUDO: GRADUANDAS DE MEIA-IDADE DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA – FABICO / UFRGS

Os sujeitos deste estudo são as Graduandas de Meia-Idade do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, também apresentadas na construção dos Cases. (ANEXO 2). A pesquisa realizada é, portanto, com o gênero feminino e faixa etária específica, assim, a escolha se deu por mulheres de meia-idade, entre 45 e 59 anos. Entretanto, este estudo considerou um aumento na idade de três anos para mais (62) no intervalo da faixa etária de meia-idade para que todas as etapas do Curso (da primeira a oitava), fossem contempladas, tendo em vista que na 4ª etapa não foi possível um sujeito dentro deste intervalo de idade. Nesta consideração, os resultados do instrumento de coleta de dados se constituíram dos relatos das vivências das graduandas na Universidade.

Procedeu-se, em vista disso, na escolha de oito graduandas e, para evitar qualquer tipo de influência na seleção das participantes, o critério utilizado foi a apuração de alunas de diferentes etapas do Curso, do 1º ao 8º semestre, por meio de indicação. Assim, o *corpus* apresenta amostra não probabilística uma vez que “[...] é obtida a partir do estabelecimento de algum critério de inclusão, e nem todos os elementos da população alvo têm a mesma oportunidade de serem selecionados para participar da Amostra.”. (BICKMAN; ROG, 1997³⁸ *apud* BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 332).

O Quadro 1 apresenta os Sujeitos deste estudo que, para preservar sua identidade são apresentados por numeração sequencial, ano e semestre de ingresso no Curso, etapa em ordem crescente e a faixa etária.

³⁸ BICKMAN, L. & ROG, D.J. Handbook of applied social research methods. Thousand Oaks, Sage, 1997.

Quadro 1 – Sujeitos do Estudo

Graduandas	Ano e Semestre de Ingresso no Curso	Etapa do Curso	Faixa Etária
Sujeito 1	2017/2	1 ^a	48 anos
Sujeito 2	2017/1	2 ^a	49 anos
Sujeito 3	2016/2	3 ^a	58 anos
Sujeito 4	2016/1	4 ^a	62 anos*
Sujeito 5	2015/2	5 ^a	58 anos
Sujeito 6	2015/1	6 ^a	56 anos
Sujeito 7	2013/2	7 ^a	54 anos
Sujeito 8	2013/1	8 ^a	54 anos

Fonte: dados da pesquisa (2017).

Nota: *Graduanda ultrapassa para mais a faixa etária estabelecida na pesquisa, entre 45 e 59 anos.

As oito graduandas participantes deste estudo, distribuídas nas oito etapas do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, foram algumas sugeridas pela Orientadora da pesquisa, por serem suas alunas, ou terem sido em semestres anteriores, e outras, indicadas por colegas de Curso.

10 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Através de pesquisa de campo foi feita a coleta de dados com a realização de procedimento específico, como a aplicação de um instrumento cuja técnica é demonstrada na forma de entrevista semiestruturada, visando alcançar os objetivos do estudo.

Assim, a partir da elaboração, se chegou a um roteiro de oito questões norteadoras (APÊNDICE A). Nesta consideração, o instrumento de coleta de dados se constituiu dos relatos das vivências, nas falas das graduandas de meia-idade na Universidade. Com a entrevista se pode, conforme Alves e Silva (1992, p.[?]),

... "evocar ou suscitar" uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados, surgindo então a oportunidade de investigar crenças, sentimentos, valores, razões e motivos que se fazem acompanhar de fatos e comportamentos, numa captação, na íntegra, da fala dos sujeitos.

Logo, os 8 sujeitos do estudo, graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, explanaram, conforme Alves e Silva (1992), seu montante de reflexões, emoções, sentimentos, razões, uma de cada etapa, compondo um total de 8 até a formação acadêmica. Houve na sequência para a participação no estudo, a preparação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), e nos dias agendados às entrevistas, se coletou as assinaturas de todos os sujeitos participantes.

Na subseção 10.1 ENTREVISTA GRADUANDAS MEIA-IDADE BIBLIOTECONOMIA UFRGS, contém a explicação mais detalhada de como se deu o andamento das entrevistas, bem como encontram-se as 8 questões com as respostas de cada um dos sujeitos, em um total de 64 retornos.

Quanto às análises, ocorreram após todas as transcrições das falas terem sido realizadas, literalmente, *ipsis litteris*, em itálico, por meio de gravação via celular, por se entender que seria pertinente ao estudo não deixar escapar os pensamentos e sentimentos das graduandas acerca da proposta do trabalho. Com o encerramento desta etapa, o procedimento escolhido foi, ao final de cada questão, após as respostas dos 8 sujeitos, ir listando resumidamente em anotações os pontos considerados pertinentes ao estudo em cada uma das falas. Razão pela qual se decidiu colocar ao término de cada questão de 8 respostas, a análise dos dados,

perfazendo um total de 8 análises de dados. Neste sentido, as fontes orais possibilitaram olhares pessoais e muito particulares delas sobre as próprias experiências e percepções acerca do tema, barreiras enfrentadas na Graduação na meia-idade. Razão pela qual se deu importância às vivências individuais junto as interações sociais, apresentadas nas exposições e argumentos de cada graduanda, no que concerne aos seus interesses e motivações para o ingresso na Universidade, e as vivências no percurso da formação acadêmica nos ambientes do conhecimento da UFRGS. Logo, nas análises foram observadas dificuldades e alternativas para a superação das barreiras vivenciadas pelas alunas no decorrer da academia, na meia-idade.

Considerando a importância de trazer à pesquisa uma profissional da área de Psicologia, procedeu-se em seu contato, tópico 10.2 ENTREVISTA PROFISSIONAL INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UFRGS, logo a entrevista realizada teve como finalidade a obtenção de um olhar de compreensão mais aprofundado sobre o processo de meia-idade das mulheres, assim confeccionou-se um roteiro com quatro questões (APÊNDICE C). Foi realizada somente uma (1) análise dos dados ao final das 4 respostas às questões, razão pela qual também foi redigido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. (APÊNDICE D).

Ademais, visando o processo ser abundante em informações, procedeu-se na construção de Cases com relatos de histórias de vidas das oito graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia, que ficaram livres para falar sobre suas vivências. No entanto, os Cases, mesmo sendo considerados interessantes ao contexto deste estudo, vindo acrescerem em enriquecimento à pesquisa, não foram computados como instrumentos de coleta dos dados, nem considerados nos resultados. Esta decisão foi pensada com base na sugestão dada aos sujeitos para que falassem livremente sobre suas vivências. Por esse motivo, e dada a importância dessas narrativas, decidiu-se integrar ao trabalho, como ilustração, tendo em vista que atenderam à temática proposta. (ANEXO 2).

10.1 ENTREVISTA GRADUANDAS MEIA-IDADE BIBLIOTECONOMIA UFRGS

Os primeiros contatos com as graduandas se deram por e-mail, visando a explicação a respeito do tema proposto no TCC, como também se procedeu ao convite à participação no estudo de caso. Após o aceite, a pesquisadora criou um

grupo no aplicativo *WhatsApp* e, como administradora, o nomeou de “Sujeitos da Pesquisa”. A escolha desta tecnologia ocorreu por se entender como um canal facilitador que possibilitaria agilidade à informação e comunicação entre as participantes e a pesquisadora, seja para troca de mensagens e combinação do local dos encontros, além dos dias e horários em que as entrevistas seriam realizadas com cada sujeito, e outros detalhes pertinentes ao estudo.

Foi proposto pela pesquisadora dividir o grupo em três para as entrevistas, de acordo com a disponibilidade, assim nos dias agendados, as entrevistas foram gravadas em áudio, por telefone celular, sendo o meio escolhido e utilizado para o registro dos dados.

As cinco primeiras entrevistadas foram ouvidas ao longo do dia 21/09/2017, e as falas tiveram a duração aproximada de 1 hora. As outras duas entrevistas aconteceram no dia 25/09/2017, também com tempo previsto de mais ou menos 1 hora, e a última ocorreu dia 23/10/2017, às 16 horas, no mesmo local e em tempo aproximado das anteriores. As sessões de entrevistas contaram com as fontes orais das graduandas de meia-idade, somando um total em torno de 4 horas e 50 minutos de gravações.

A pesquisadora, inicialmente, após os cumprimentos, entregou o documento, Termo de Consentimento, à cada uma, para que tomassem ciência do conteúdo e assinassem o aceite de participação na pesquisa. A entrevista começou com as perguntas da pesquisadora sobre os dados de cada aluna a seu tempo, como: identificação por nome, idade, etapa do curso, ano e semestre de ingresso na Universidade. Após, se priorizou as questões em ordem de 1 a 8, sendo o processo de falas das graduandas faustoso em informações acerca das vivências no Curso, oportunidade em que elas trouxeram olhares diversos, a partir de cada trajetória individual e social na Universidade, bem como suas contemplações acerca do tema do estudo.

Posteriormente, após juntada do material e organização, considerando a ordem crescente de etapas do Curso, houve a fase de transcrição das entrevistas, assim é preciso informar que foi feita de forma literal, *ipsis litteris*, em itálico, visto que se procedeu atenção integral às falas em respeito às respostas de cada participante do estudo, de acordo com as passagens gravadas nas questões específicas de 1 a 8, cuja relevância está em conformidade com cada pergunta. Esta decisão foi tomada prevendo a importância de conter no estudo, pensamentos,

posicionamentos, em meio as subjetividades apresentadas pelos sujeitos à cada questão formulada. Se levou a decisão de literalidade também pelo fato dos assuntos discorridos pelas participantes nos entremeios da entrevista terem sido deveras abundantes, motivo pelo qual poderia vir a se perder falas importantes, caso fosse feito outro tipo de transcrição. Especialmente houve precaução ao se identificar os pontos de interesse ao tema de pesquisa em cada resposta obtida, assim, se entendeu a necessidade de alguns trechos serem subtraídos por “fugirem” ao contexto de proposta do estudo.

Ao final das entrevistas, se agradeceu a participação e contribuição à pesquisa para cada uma das participantes, encerrando-se as falas. Ficando combinado entre as participantes e a entrevistadora que o grupo “Sujeitos da Pesquisa” no *Whatsapp* seguiria ativo pelo tempo necessário ao término do trabalho, ocasião em que se encerraria a ferramenta de interação via internet.

Abaixo, as 8 questões de entrevista seguem enumeradas em ordem crescente, junto as respostas de cada um dos sujeitos. Ao final de cada questão, após as 8 respostas, encontram-se as análises dos dados.

Questão 1 – Quais suas motivações para a escolha do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS?

Sujeito 1 – 1ª Etapa:

Meus filhos. Meus filhos, ah...disseram que já estava na idade de cuidar da minha vida e realizar meus sonhos, né? Ah...então vai que tu tem condições e eu fui fazer o vestibular com eles e passei, né? (Sobre o tipo de realização?) E...pessoal, pessoal. Uma realização pessoal. (Sobre ser aposentada?) Não, não, não. Dona de casa. (Sobre dedicação integral à família?) À família, ahah. (Sobre ser casada?) Sim. (Sobre ter filhos?) Dois. 19 e 20. (Sobre serem alunos da UFRGS?) O de 20, sim, e o de 19, tá tentando, risadas. (Sobre o curso do filho de 20 anos) Engenharia Metalúrgica, tá no 2º semestre, mas ele já é o 3º curso, né? Ele começou, não ele começou Agronomia, desistiu. Começ...primeiro ele começou Produção Industrial, depois passou pra Agronomia, fez vestibular, passou em Agronomia, e agora fez de novo e passou pra...Não estuda, vagabundo, risadas. Agora, acho que nesse segundo ele se achou. Se achou na química, ali. É, ele tá, ele ia muito direcionado à matemática, né? E agora ele se achou na química, então acho que agora ele vai...O

outro é *Relações Internacionais* e como é difícil, né? Tá firme, não! Ele tá estudando pra fazer vestibular, é, não passou e...é.

Sujeito 2 – 2ª Etapa:

O que me motivou foi ah...ah...o curso, ah...um dos motivos foi o horário né? Ah...porque como eu trabalho a noite ela, sendo um curso diurno né? E mais concentradas as cadeiras durante a manhã me facilitou bastante. E olhando né? Pesquisando as cadeiras, pesquisando ah...o curso eu percebi que tinha muitas coisas em comum com o que eu gostava, né? Principalmente o que é voltado pra leitura, né? Literatura, enfim, a informação esse tipo de coisa que sempre me atraiu bastante. Então, já era um curso que eu já vinha de tempos namorando né? E não tinha tido ainda a oportunidade pra, pra fazer.

Sujeito 3 – 3ª Etapa:

*Ah...eu escolhi o Curso, ah...pensando na minha idade e algo que eu conseguiria executar bem. (Sobre o que fazia anteriormente, trabalho?), Eu já sou aposentada e eu, ah...voltei a trabalhar mesmo depois de aposentada e eu estava estudando *Gestão Ambiental* e eu ah... fui chamada, fiz o ENEM e fui chamada e não tive nenhuma dúvida em trocar o Instituto Federal pela UFRGS. Fiz um ano de *Gestão Ambiental* e deixei e troquei pra cá. (Sobre o trabalho?), Não. (Sobre Aposentadoria?), Sou.*

Sujeito 4 – 4ª Etapa:

*Eu sou uma [...] aposentada, eu sempre tive uma vivência pessoal muito ligada à Biblioteca, ah... como usuária desde de criança. Eu tive a oportunidade de realizar trabalhos ah...de pesquisa quando a presença dos Bibliotecários foi muito importante, porque nem eu sabia exatamente o que eu queria, eu sabia o que eu estava procurando, mas não sabia como encontrar, então isso sempre me deixou assim, uma visão do Bibliotecário como alguém que dá uma luz, né? Alguém que pode te ajudar a encontrar o caminho que as vezes nem tu sabe qual é. Aí no momento que eu me vi aposentada, sem outros maiores compromissos, então eu pensei, eu vou cursar a *Biblioteconomia* e provavelmente vou poder futuramente dar uma destinação pra esta formação.*

Sujeito 5 – 5ª Etapa:

Na verdade não foi nenhuma escolha, eu fiz o Enem e pretendia cursar o Curso de Psicologia, mas infelizmente eu não consegui, então eu entrei pra Biblio. A motivação pra fazer o Enem foi preencher uma lacuna, um vazio, porque os filhos casaram, saíram de casa, o marido faleceu, então, eu estava sozinha e eu tinha que sair da minha zona de conforto.

Sujeito 6 – 6ª Etapa:

Bom, eu sou professora aposentada, né, e, e, na, na escola assim, eu sempre gostei muito, né, de fazer trabalhos conjuntos na Biblioteca com meus alunos, então essa, essa parte que me incentivou a vir fazer Biblioteconomia depois da minha aposentadoria. Eu sou aposentada pelo Município de Porto Alegre, trabalhei 34 anos como professora no Município. Ah...na verdade, eu trab, como eu um tenho o Normal, né, no Ensino Médio, então eu, eu trabalhei muito com 1ª série, muitos anos, e eu sou formada em Educação Física também. E na...nos últimos 10 anos, antes da minha aposentadoria, então eu trabalhava com uma escola especial, então, trabalhava com Educação Física para crianças com deficiência, crianças e adolescentes com deficiência. Eu me aposentei justo em 2015, na verdade final de 2014, e aí que eu decidi, então já em 2014, que eu já estava em processo de aposentadoria, fazer o ENEM, tentar o ingresso. (Sobre ter tido alguma informação sobre o Curso de Biblioteconomia?) É, na verdade, assim, informação, assim não, mais especificamente, eu tinha uma ideia de não ficar em casa o tempo todo, assim. Eu sempre trabalhei, 34 anos, sempre com 40 horas, e aí essa...[...] e aí, então, eu digo, eu preciso fazer alguma coisa pra não ficar em casa, né? E a gente tem um período, antes da aposentadoria, que a gente tira licença prêmio, então eu já tava uns 6 meses em casa, né? E aí eu digo, não, preciso de gente, preciso me manter intelectualmente ativa. Daí eu fui verificar alguns cursos, né, que me interessavam. Aliás, muitos eram já da área da Licenciatura, mas eu não queria mais Licenciatura, e aí o que me aproximava mais assim desse ambiente da escola, desse ambiente do, de público, de ver gente, de, de trabalhar com as pessoas foi a Biblioteconomia. Mas foi uma busca bem pessoal, assim, não, não conversei com ninguém a respeito disso, foi investigando mesmo, procurando ver o currículo dos cursos.

Sujeito 7 – 7ª Etapa:

Sinceramente quando eu entrei no Curso, o que eu visava era concluir uma Graduação, a conclusão de uma graduação, por uma questão de conveniência, entendeu? (Sobre ser realização pessoal?) Não, até que não, por dois outros motivos, porque eu tenho vontade de fazer Pós-Graduação numa área que não tem nada a haver, nem tem nas Universidades, risadas. Mas tem que ter uma graduação.

Sujeito 8 – 8ª Etapa:

Porque era um sonho, porque quando eu tava no segundo grau eu já queria fazer, mas aí casei, tive filhos e desisti. (Sobre querer fazer uma Graduação qualquer, ou o Curso, especificamente?) Não, Biblio, Biblioteconomia. Não, sempre foi. (Sobre ter tido algum tipo de informação a respeito do Curso?) Eu não tinha nenhuma, mas era o que eu queria, sempre foi. Não me pergunte porquê. Risadas. Não sabia, imaginava. Sabia que trabalhava com livros, trabalhava na Biblioteca, mas não tinha nada a...(Sobre gostar de ler?) Adoro! (Sobre a escolha do Curso estar relacionada ao gosto pela leitura?) Creio que sim. É. É a prá...é a continuação né? É perto dos livros, é estar perto dos livros, é pegar nos livros, acho que foi isso que me motivou. (Sobre ser uma frequentadora assídua de Biblioteca?) Não. Tenho muito em casa, tenho muito livro em casa. (Sobre qual tipo de livro?) Lite...ah...literatura...eu sou eclética. Tem de tudo lá em casa, risadas. [...]. É que desde pequena, eu conversava com o Bibliotecário na, da escola e eu achava ótimo, maravilhoso aquilo e era aquilo que eu queria fazer. E aí, como o normal não deu porque eu estava apaixonada, tu acaba fazendo um monte de coisa que tu não...risadas. Aí casei, tive filho e tal, e esperei. E aí, agora que eu resolvi fazer. [...].

Analisando as falas dos sujeitos percebe-se com clareza que o entendimento de si mesmas nesta fase distintiva da meia-idade, e do tempo a sua frente, é elemento potente que lhes impulsiona as aspirações. Antunes e Silva (2013, p. 124), asseguram que a meia-idade significa “conceito que expressa um momento de vida mais específico do ser humano dentro do intervalo chamado idade adulta, inserido no processo de envelhecimento humano”.

Nesta compreensão, os realces ficam ao encargo, segundo as alunas, dos desejos de reformularem suas vidas, fundamentado a partir de realizações que

pretende a maioria alcançar, especialmente por se tratarem de propósitos de ordem pessoal, da mesma forma, embora em menor parcela, os de cunho profissional. Em evidência, neste sentido, os “imperativos” pelos quais atravessam faz com que perscrutem um novo sentido e um caminho diferente neste intervalo da meia-idade, possibilitando promover mudanças em sua existência, para direções outras. Algumas se dedicaram quase que integralmente à família, e com os filhos adultos, conduzindo as próprias vidas, não há mais a ampla dependência da “figura” materna.

Nesta compreensão, há mulheres de meia-idade que se dispõem às práticas de suas mães, avós, de dedicação à família de forma praticamente integral e seguem nesta trajetória. Entretanto, outras, mesmo em constante dedicação, ou não, necessitam “preencher as lacunas” que deixam vazios incômodos, incentivadas a fazê-lo, conforme seus relatos, pela família, em grande parte, os filhos. Assim, com tempo mais disponível, é possível pensarem em si mesmas, seus sonhos, além de haver disposição suficientes para colocar em prática suas vontades, cuja tendência é buscar uma sensação de plenitude. Outro ponto em comum a considerar para o ingresso à universidade é o gosto que tem elas pelos livros, leituras e a própria Biblioteca, entretanto os estudos não impedem que elas sigam laborando em casa ou profissionalmente. Os espaços de saberes da Instituição tornam possíveis a todas, em função do amadurecimento, executarem com responsabilidade e maturidade as atividades intelectuais de ensino e de aprendizagem, além de outras que lhes competem na vida familiar e fora dela. Inclusive são importantes às graduandas as socializações que evidenciam outras realidades, com base nas convivências entre os diversos grupos, como dos jovens, por exemplo.

Questão 2 – Quais as vivências mais significativas na Universidade como graduanda até a etapa de sua formação acadêmica?

Sujeito 1 – 1ª Etapa:

É, eu tô começando, não tem muita...É, é...no iní, no início, quando eu entrei eu pensei assim, como eu sou mais velha, eu pensei assim, eu vou encontrar, acho que pessoas mais velhas, né eu pensei. Vou encontrar só pessoas mais velhas, do, ah...mesma fase, assim de idade, como eu, mas já no vestibular a menina que foi monitora ela...eu disse pra ela assim, porque que tu tá fazendo, o que que tu

quer fazer? Biblioteconomia porque é o que sobra pra gente da minha idade, eu disse pra ela. Ela disse não, mas eu faço Biblioteconomia. E na verdade quando eu cheguei aqui, foi a surpresa, né, porque são jovens que tão fazendo o Curso. E, daí, levei um susto, né? Da minha idade tem uma colega de 44, só, e o resto, nós duas e os outros são 30 e poucos, 25, no máximo, né, 24, então, eu fiquei surpresa. [...] Isso, isso, jovens.

Sujeito 2 – 2ª Etapa:

Bom, por estar iniciando assim o segundo semestre ainda não tive muitas vivências ainda né? Mas o que essa...todo esse agito né? Que envolve uma Universidade isso traz uma coisa muito boa pra gente, né? Eu, particularmente, sou uma pessoa muito ativa né? Tenho ah...ah...tenho uma visão assim diferente sobre as coisas da idade. Pra mim a idade não, não influi, a cabeça, minha cabeça é sempre a milhão eu gosto de, de agitação, então pra mim tá esse ambiente tá sendo muito bom, essa vivência está sendo maravilhosa. Ah...dentro da turma também as vivências estão sendo boas, né? Já, já percebi algum, alguns problemas, ah...com professores, mas não em função da minha idade, em função de sistemas mesmo né? Mas nada que, que prejudique. É sistemas de ensino, na verdade nada a haver com idade. É, é coisas que eu reparo justamente por ter mais experiência e conhecer um pouquinho mais as pessoas do que a gurizada que tá entrando agora. A gente percebe ah...alguns professores assim, algumas manhas e artimanhas de professores, mas é, é numa boa.

Sujeito 3 – 3ª Etapa:

Eu acho pra minha vivência, é conviver por igual com os que são jovens, isso é muito gratificante. Eu não fui em nenhum momento discriminada, e isso é muito legal. (Sobre o andamento das disciplinas?) Ah...por enquanto tá tudo bem, tá bem tranquilo assim, tô conseguindo acompanhar, acompanhar bem, o meu ordenamento tá bem, então tá tudo bem. (Sobre a participação em eventos?) Eu, vou um pouco, deveria ser mais.

Sujeito 4 – 4ª Etapa:

Indiscutivelmente a, a convivência com os meus colegas jovens. É, vê-los buscando, construindo identidades, né, buscando encontrar caminhos,

desmistificando um pouco essa ideia de que a maioria dos jovens não tá nem aí, não sabe o que quer, eu acho que não é bem por aí. Então, essa vivência com eles pra mim tem sido sendo enriquecedora.

Sujeito 5 – 5ª Etapa:

Bom até agora eu acho que ah...a vivência mais importante foi o convívio com os jovens, ah...os desafios que eu enfrento a cada dia em termos de tecnologia e... realmente fazer a mente voltar à ativa.

Sujeito 6 – 6ª Etapa:

Ah...na verdade assim, ah...é as disciplinas mais voltadas pra questão humanista, eu gostei muito, por exemplo, que os, que os estudantes reclamavam muito, né, a questão da Sociologia, achei bem importante. A Psicologia foi uma das disciplinas que eu também que eu gostei muito. E mesmo esse contato com as ciências, com a Ciência da Informação, né, que é uma área totalmente nova pra mim, totalmente desconhecida, ah...in, intelectualmente muito interessante, de, essas leituras. Então, isso foi uma coisa bem, bem interessante e bem boa. E esse contato com o público jovem, com adolescente, também sempre, sempre é algo bom assim, algo importante na vida da gente que é 100%.

Sujeito 7 – 7ª Etapa:

O que eu considere mais significativo nessa trajetória, foi a, o meu período de bolsa na Biblioteca da FABICO, na própria FABICO, os colegas, né, ah...os colegas me surpreenderam até num sentido de me dar algum suporte pra barreiras que eu sentia, né? Mas, tem vivências significativas também nada positivas porque eu achei que passei por situações com alguns professores, né? De profunda de consideração com a turma, com a turma toda. De desrespeito, de desrespeito, de pessoas que foram na frente apresentar o trabalho, todo tipo, de como a crítica foi colocada, de não dar aula, né, de não dar aula, de atraso. De professores, já na chegada, já no nosso primeiro semestre, da gente ficar 1 hora esperando a pessoa aparecer pra dar aula, isso. Eu achei, porque nessa altura da vida ter que aturar o que eu aturei no semestre passado, assim da postura totalmente antiética de um, de um docente, eu achei um absurdo. E achei, e fiquei muito chocada que ah...claro em função da minha idade, a maioria da turma era de gurizada, eu fiquei mui, profundamente triste

de ver aquela gurizada baixar a cabeça e não fazer nada, admitir, aceitar aquele desrespeito todo. Foi chocante. Em relação assim, como é que eu vou dizer, uma situação de, o cara ah...mandar ler um texto e chegar na outra aula, as pessoas não terem lido e ele simplesmente pegar aleatoriamente quatro pessoas da chamada que não tinham lido, levantar e ir embora, e dá chique, deu piti pra turma, levantou e foi embora. Sendo que era uma pessoa que tinha uma cadeira de dois créditos e passava um, um crédito inteiro colocando “Café Filosófico”, bom, isso eu vejo em casa. E não dava aula. Não cumpriu. E não cumpriu o currículo.

Sujeito 8 – 8ª Etapa:

Eu acho que a convivência social. Essaaaa, fazer amizades, coisa que tava muito parado, porque tu acaba ficando muito longe, né, da sociedade, quando tu vai cuidar de casa, de filho, de marido, tu acaba...Eu acho que isso que foi a parte mais significativa, né? É, parte mais significativa.

Entre os enfoques mais pontuados pelas graduandas de meia-idade em relevância às vivências na Universidade, estão as gratificantes receptividades dos jovens para com elas, causando surpresa em algumas, sendo caracterizada como “enriquecedora”. Os aspectos assinalados de um modo geral, foram os auxílios que lhes prestam os colegas prontamente quando requisitados, em consideração às suas dificuldades no Curso. Também foram relatadas suas inserções frequentes em grupos de estudo, geralmente promovidas pelos colegas, além da afetividade nas relações, fazendo com que se sintam acolhidas e bem-vindas. Conforme evidenciado em Jovchelovitch (2008, p. 213), ao afirmar que os “grupos, instituições e comunidades se definem pelo engajamento e pela vida com outros”. O que remete a importância da aceitação do “Outro” entre os diversos grupos no contexto das interações sociais possibilitando, desta forma, contribuir para Inclusão Social, junto ao consequente bem estar das pessoas e seu desenvolvimento harmônico, individual e coletivo.

Igualmente, o grupo da adolescência tem sido observado pelas graduandas no percurso das aulas, no que concerne à maneira de buscarem seu crescimento, ampliando os caminhos por meio de produções de conhecimentos, provando que há objetivos a serem alcançados e que estão focados em suas conquistas. Bem como,

refletem elas, que a informática vem crescer à sociedade em desenvolvimento, modificando as relações e os comportamentos. Foi assinalado, ademais, o quanto percebem interessantes as leituras do Curso que estimulam às reflexões, ampliando os mecanismos dos saberes e, conseqüentemente, seu crescimento.

Questão 3 – No percurso da graduação na Universidade tem vivenciado barreiras? Quais?

Sujeito 1 – 1ª Etapa:

As barreiras ah...tem sido os textos, que tem palavras que eu tô com meu dicionário do lado, né, tem palavras que eu não, nunca ouvi. São termos, né, que são, então tá complicado, mas tô...é. E ah..o tal do Word, né? Aiiiiii. Fazer os PowerPoint, aiiiiii, esse aí eu vou ter que...(Sobre barreiras tecnológicas?) Isso. Então é isso, pra mim tem sido isso, mas tô me virando, com ajuda, né, um filho ajuda, o filho dá uma dica, os colegas mesmos, né? A gente já conversa quando tem trabalho em grupo, então, ah, isso eu não sei. (Sobre o Moodle?) O Moodle pra mim, meus filho como já tá na UFRGS me deu as dicas também, então, tô indo. Sim. Pra quem não tem uma assessoria, vamos dizer assim, é, eu acredito que seja (uma barreira o Moodle). No primeiro dia que quando...no primeiro dia de aula que veio aquele mundo de informações, né, que o pessoal entrou do Tesouro de Papel”, entrou. Quando a professora pediu pra se apresentar na turma, ahhhh, foi um choque! Eu queria a porta, e queria a minha casa. Eu saí da minha zona de conforto, risada. Fiquei bem assustada. Mas...(Sobre ter pensado em desistir?) Na, no terceiro dia de aula, pensei. Aí o meu filho me deu um show de explicação, me deu um sermão, me passou, o meu filho mais novo me passou um sermão e...não tem como desistir. Não tem como. Risadas. (Sobre a dificuldade na compreensão e Produção Textual?) De produzir, tenho. Né, até porque ah...com essa função de tu ficar em casa, só cuidando de filhos, já não, já tenho meus pais, não, não tem graduação, minha família, um que outro que tem, então...tu não convive com esse, com esse meio, então é tudo novo, pra mim, né? Mais exigi dos meus filhos, né? Eu, eu, não fui, mas vocês vão de, de, não, não existe, assim, possibilidade nenhuma, não existia e não existe de eles não frequentarem à Faculdade, sempre fui bem clara, desde pequeninhos, né? [...]. Eu tô achando bem puxado pra entender às leituras, é muuuuuita coisa pra ler, né, bastante coisa, bastante texto pra ler e, e tudo perto, assim

os trabalhos, né, em ordem pra entregar, e aquilo tem hora e tudo certinho. Pra mim não é problema porque eu sou organizada, assim com as minhas coisas, mas eu acho que ah, é bem puxado o Curso. [...]. (Sobre haver barreira quanto à língua inglesa?) Não, eu não falo nenhum outro idioma. Ah vou ter que traduzir. É uma barreira.

Sujeito 2 – 2ª Etapa:

Pra mim nenhuma barreira ainda, não vivenciei nada. (Sobre a memória?), Não, a minha ah...eu sempre tive uma memória ah...muito boa, não sei se é porque eu sempre li muito, sempre estudei muito, apesar de não estar na Universidade, nem em cursos, mas eu sempre tive ah...sempre lendo muito, estudando e estudando. Não, não tenho problema de leitura. Meu maior problema é o tempo, né? Por ter que trabalhar, administrar a família, trabalho e estudo, isso sim é se torna um empecilho, mas não pela idade, mas por esses fatores, né? De ter que trabalhar né? Ah, ah...sobra menos tempo né, do que sobraria se eu só estudasse, né, obviamente, então, ah...esse tipo de problema que eu encontro, mas por enquanto assim de memorizar de, de provas, de trabalhos, de...não, por enquanto nada, bem tranquilo. (Sobre as tecnologias?) Também bem, tranquilo, tranquilo porque eu já trabalhava com tudo isso antes, né? Não, não trabalho com tecnologia, eu ah, ah...inclusive no meu trabalho [...], não, não existe tecnologia no meu trabalho, mas eu sempre utilizei muito o computador, em casa, sempre utilizei o celular, ah...enfim, sempre procurei, não sou expert nisso, né, mas sempre procurei trabalhar com computador até porque já imaginando isso, né? Porque eu tenho os meus filhos que estudam aqui na UFRGS também, e eu sempre vi tudo que eles precisavam né, de tecnologia pra estudar, e obviamente pra eu entrar também eu teria que vir um pouco mais preparada, né? Então, eu já, já antes de entrar eu já busquei sempre me preparar, né, tanto né, estudando, ah, ah, fiz cursinho online pré-vestibular, sempre procurando esse tipo de coisa. Pra não entrar completamente crua, porque se a gente vem sem tu gostar de ler e estudar, né, sem saber mexer num computador, usar um Word, né, ah, ah, um PowerPoint, esse tipo de coisa, tu...a gente já sai perdendo muito, né, então as barreiras vão ser bem piores, né? Mas eu acho que se tu buscar, te preparar nesse sentido, porque o tempo voa, né? Tu consegue, mas vai pelear mais. Se tu já vires com um, um pré-entendimento de tudo isso né, ah...que tu vai precisar, tu já tem que saber mexer no computador, tu vai receber teus materiais

via computador, tu tem que saber entrar nas plataformas, tu vai ter que aprender o que é um Moodle, o que, que isso aí tudo, mesmo te assustando, é importante que tu saiba. Porque se agente chegar, essa gurizada que tá aí, que é né, 80, 90% da turma, eles ah...ah...já nasceram com um celular na mão né? Então, a gente tem que ir atrás e buscar isso aí, esse conhecimento. Não, não esperar que a Universidade te dê esse conhecimento, porque não vai te dar. Os professores eles vão ali e te jogam o material e vai, vai a luta, né? Não importa se tu tem 50, 20, 30 (anos).

Sujeito 3 – 3ª Etapa:

Eu vejo barreira pela idade quando eu vou procurar algum estágio, ou candidato à alguma bolsa, ou eu não sou chamada, ou sou preterida. (Sobre as tecnologias, compreensão de leitura e produção textual e o inglês memória, menopausa?) Quanto à língua, o inglês eu domino mais ou menos, isso não constitui problema, ah...quanto à audição eu já tenho perda auditiva pela idade, mas isso não me atrapalha, absolutamente nada, ah... quanto a leitura isso aí não tenho nada. Assim, eu acho que eu preciso ler sempre, estudar um pouco mais do que um jovem estudaria, mas isso está mais ligado a tiroide faz isso, eu tenho um problema de tiroide, esquecimento, e gravar assim, mas não ligada a idade, absolutamente. (Sobre as tecnologias?), Não, eu não manjo tudo do computador, eu manjo um pouco, mas se eu tiver que aprender eu vou aprender. (Sobre as barreiras?) É, existem, eu não sou totalmente incluída nesta questão de, tudo que um jovem sabe de questões de informática assim, não. Não que a gente não vivenciou, eles cresceram com isso aí né? Mas eu estou conseguindo. Ah não, como é que eu faço aqui?

Sujeito 4 – 4ª Etapa:

Olha a única barreira que eu encontrei foi uma queda que eu tive quando eu corri pra pegar o ônibus, pra não chegar atrasada na Universidade, né? risadas. (Sobre as tecnologias?) Não tenho problemas nenhum, não tenho, acesso tranquilamente. (Sobre ter feito algum curso?), Nenhum, mas eu faço uso do computador desde 1983, quando a maioria deles nem era nascido. Sempre utilizei. (Sobre não ter tido, se fosse o caso, a oportunidade de utilizar o computador?) Não saberia dizer porque, por exemplo, pesquisas que eu realizei, hoje eu realizo muito,

né, uso muito as Bibliotecas Virtuais, utilizo muito, mas outras pesquisas que eu tenha realizado com fichários manuais, sinceramente eu não vejo grande diferença, talvez tenha me facilitado ter esse conhecimento de uso diário de computador, né? (Sobre a condição da memória, rapidez nas tarefas, compreensão de leitura?). Realmente eu não, não encontro, sabe? Mas, não, sinceramente não, não me colocaria como dificuldades. (Sobre como é vista, e outras alunas, em sala pelos colegas e professores, acerca da meia-idade?) Eu fui extremamente bem acolhida. A meninada desde o primeiro dia me convidou pra ir pro RU junto, ah...quando tem formação de grupo, se eu não estou presente, eles logo me incluem num grupo. Nunca senti por parte deles nenhuma forma de discriminação, muito pelo contrário, muito pelo contrário, eles são muito afetuosos. Não sei se de vez em quando eu não sou um pouco mãezona, ou aquela professora que ainda pegava pela mão. Em relação aos professores, olha eu acho que tive uma experiência um pouco negativa, mas eu até não diria que foi por uma questão de idade, foi por uma questão talvez até da maneira de ser do professor, porque outras pessoas, jovens, colegas, se sentiram também incomodados com as expressões, as ações desse professor. Então, é, então, não, acho que talvez comigo tenha sido um plus, alguma coisa a mais, por eu ser uma idosa, né, mas não necessariamente por isso, mas a questão dele mesmo. E os demais professores, eu sempre fui muito bem acolhida, muito bem.

(Sobre a trajetória na Faculdade, o período de provas?) Olha, eu tenho que ser muito sincera, né? A gente faz muitos trabalhos em grupo, né? Eu gosto muito de pesquisar, eu sou uma, uma garimpeira na Internet, né? Então, por exemplo, quando eu tava tendo uma certa dificuldade em CDD, eu acabei descobrindo coisas muito interessantes na Universidade de Sydney na Austrália, e eu vou, eu vou, gosto muito, inclusive os colegas já sabem disso e muitas vezes eu pesquiso as coisas. E quando tem coisas mais técnicas eu me valho da, da ajuda dos colegas mesmo, né? Por exemplo, Estatística, né, que é um problema, que aliás, essa é uma outra coisa, não julgo desnecessária, mas acho que teria que ser modificado, né, o currículo de Estatística. Eu acho que deveria ser muito mais de interpretação, de entendimento, de leitura de dados, que propriamente de elaboração. Aquilo ali, eu acho que eu deixaria pra um estatístico, um matemático fazer. Não sei não se todos os Bibliotecários fazem aquilo, eu tenho as minhas dúvidas. Então, eu acho que tem isso. A Biblioteca da Universidade, será que não tem ninguém que ocupe este outro

espaço pra fazer esse tipo de trabalho, de cálculo, de fórmulas? Então ao meu ver a Estatística teria que ser diferente. Não, mas o nosso professor, atualmente, sabe, é um rapaz, é, inclusive eu perguntei pra ele qual era o curso de formação dele, porque ele tem mais didática do que muitos professores da licenciatura, e ele vem da área da Economia. Quer dizer que a dificuldade que eu estou tendo, ou que algumas outras pessoas estão tendo, mas eu vou falar do meu caso em particular, deve ser pelas lacunas, pelas falhas que eu tenho na minha formação, não é por culpa do professor, não é? Porque ele está sendo bem didático, mas isso não impede que eu continue achando que não deveria ser esse tipo de Estatística.

Sujeito 5 – 5ª Etapa:

Sim, algumas barreiras. Ah...primeira delas é que eu não falo inglês, então isso atrapalha bastante, apesar do curso não ter um pré-requisito de inglês e nem as disciplinas, mas todos os professores, sem exceção, dão textos em inglês e mandam a gente se virar e isso pra mim é uma barreira. Outra barreira, o uso das tecnologias, né? O uso de tecnologias também que realmente eu não domino completamente. Ah...acho que são essas.

Sujeito 6 – 6ª Etapa:

Assim, claro que sempre a barreira tecnológica eu acho que as pessoas da nossa idade enfrentam, né, essa, esse medo, né, de se aventurar nestas questões mais de banco de dados, tudo. Eu me lembro que na, na primeira disciplina lá do primeiro semestre, Informação na Web, ah, eu fiquei muuuuuuito assustada. Achei que eu digo, bom eu não vou conseguir vencer, eu li aqueles textos, ahhh, risadas, parece que eu não entendia nada, né? E, então eu, isso aí sim, eu tive que ler muito, buscar por fora, assim. Hoje em dia tem muito a questão da, da internet, que a gente consegue assistir vídeos, então, vídeo aulas. E no primeiro semestre eu fiquei um pouco assustada com isso, mas pouco a pouco eu acho que eu tô enfrentando isso daí. (Sobre ter havido possibilidade de desistir?) Não, desistir, desistir, desistir não, mas isso aí deu um impacto, né? Ainda bem que tinha disciplinas como da professora Moro, risadas, sobre a questão da, da Inclusão e eu trabalhando em Escola Especial, então era uma área que eu tinha muito conhecimento, então isso dava assim, um alívio, né? Mas foi importante também, essa outra, esse outro, essa outra visão que eu não tinha conhecimento, foi um desafio e os desafios sempre são

bons, né? (Sobre as dificuldades no Moodle?) Na verdade um pouco de dificuldade, mas eu tenho dois filhos, né? Os dois filhos também na Universidade, e...é, um filho está fazendo História, ele tem 21, tá no sexto, e o outro filho na verdade tá na terceira graduação dele, tá fazendo letras, mas ele é formado em Jornalismo e em Ciências Sociais. Então agora os dois tão na UFRGS. Então, o meu mais velho não, porque ele é meio birrento, assim, mas o meu filho mais novo sofreu um pouco comigo, porque toda hora eu ficava perguntando coisas, risadas, e as vezes, ele perdia um pouco a paciência. E, e ainda isso ainda acontece, risadas. Às vezes eu tenho que recorrer ao meu filho mais novo de 21, porque realmente...[...]. O meu mais velho já mora com a minha nora e hoje eu tenho uma neta que tem 1 ano e 4 meses, então ele, ele já não mora comigo. Mas o meu mais novo sim, e ele sofre comigo, risadas.

Sujeito 7 – 7ª Etapa:

Eu acho que a maior barreira que eu vivenciei foi o fato de eu ter ficado muito tempo fora de circulação, mais em casa e não ter o domínio das Tecnologias da Informação mesmo, né? Acho que foi a maior barreira que eu enfrentei. Mas em contrapartida é, eu tive a sorte de contar com o apoio de colegas nesse sentido, né? risadas. Nossos queridos que sempre ajudaram, né? Risadas. (Sobre especificar as barreiras tecnológicas), Não, eu aprendi a usar, né, mas assim, uma coisa que eu me lembro que eu tive muita dificuldade foi com o Pacote Office, quando eu tive que fazer um... um gráfico de Estatística, né, eu não sabia nem usar o Excel, risadas, que dirá um gráfico de Estatística, risadas, nunca tinha...Ah, o PowerPoint eu aprendi, aprendi na marra, assim, aprendi aqui, não sabia usar, aprendi com um colega.

Sujeito 8 – 8ª Etapa:

Siiiiimmm! As leituras, principalmente. Porque o pensamento da gente, a, a mente da gente não é como um adolescente. Não é como quando tu tem uma idade, tu já tem mais dificuldade para conseguir entender..., pra conseguir captar o que tá atrás daquilo que ele tá querendo te dizer. É bem complicado. Ah...fora isso. (Sobre dificuldade na produção de textos?) Sim, sim, até por causa da leitura, né? É, é porque pra tu produzir tu precisa ahh conseguir ler e ter aquela, aquele entendimento mais...e acho que sim, sim, acho que a produção de texto é uma das

partes mais complicadas. (Sobre as dificuldades tecnológicas?) Tecnolog, olha até que não, porque o meu filho me ajuda muito, né, então...(Sobre como seria sem esta ajuda?) Não,...sim, sim, porque eu tenho uma paixão muito grande pela informática, pela parte virtual. [...]. (Sobre entender das tecnologias?) Sim, antes de eu começar a faculdade eu já tinha essa...porque meu filho me ajudava, não mãe, vem cá que eu te ensino, então, não. Ele veio me ensinando desde...Claro, tem umas coisas que eu aprendi depois que entrei, mas a maioria delas, antes de entrar eu já sabia. (Sobre o Moodle?) O Moodle também foi fácil. Pra mim foi fácil, por...ah...com ele (o filho) em casa, também né? As primeiras vezes claro tive que pedir ajuda, mas depois foi tranquilo. (Sobre as principais barreiras?) É a interpretação, o escrever, essa parte é a mais, foi a mais difícil.

Fundamentada nas respostas das participantes do estudo, 6 apresentam barreiras vivenciadas no Curso de Biblioteconomia, no decorrer das etapas da graduação. Dentre os relatos estão dificuldades na compreensão de leituras, juntamente às palavras que não fazem parte dos seus vocabulários, razão pela qual o uso do dicionário. Verifica-se que as causas podem estar ligadas, conforme as falas, às leituras insuficientes no decorrer de suas vidas. Conseqüentemente a falta de leituras remete às dificuldades similarmente encontradas por elas quanto à escrita e produção textual, tornando as interpretações e o desenvolvimento das reflexões bem mais difíceis, ao considerar o universo em que estavam habituadas a circular, como do lar, especialmente.

Com base nesta barreira, as alunas trazem outra questão relacionada às dificuldades de compreensão da linguagem técnica do Curso, principalmente quando há exigência de uma escrita mais complexa e acadêmica da qual pouco conhecimento tem. Também foram levantados argumentos que contrapõe o excesso de leituras exigidas pelos professores na maioria das disciplinas em etapas do Curso, que não condizem com o tempo proposto para sua execução. Assim, como também houve o relato de barreiras encontradas nas buscas de itens dos acervos das Bibliotecas da UFRGS, por não entenderem bem seu funcionamento.

Além disso, outro problema assinalado pela maioria, se volta na direção em à “Sociedade da Informação e do Conhecimento”, e diz respeito as barreiras que elas vivenciam quanto ao acesso e uso das TIC, geradora de diversos obstáculos no

Curso. Ou seja, por terem sido insuficientes a utilização destas ferramentas no contexto de suas vidas e pela falta de acompanhamento de sua evolução e inovações, percebem que lhes falta o devido conhecimento dos meios digitais da internet. Nesta lógica, entendem que algumas pessoas, em especial as de meia-idade, como elas, além de sofrerem com o impacto tecnológico, enfrentam também o medo de se aventurar nestas questões, junto às novidades que surgem rapidamente, fazendo com que as dificuldades se tornem maiores. Sendo, portanto, um dos motivos apresentados para não se sentirem seguras e incluídas nas TIC. Logo, “[...] toda exclusão começa pela falta de conhecimento, mas também pela negação da compreensão e da crítica daquilo que é diferente de nós mesmos. [...]”. (DIAS SOBRINHO, 2003, p.113). Contudo, neste entendimento, as alunas ao refletirem acerca do âmbito das competências do Curso e percebem que os meios digitais são particularmente importantes, estando em acordo com as mudanças de comportamento das pessoas relativas às buscas de informação e construções de conhecimentos, e no tocante também às interações e práticas sociais. Dentre às dificuldades levantadas por elas, algumas estão relacionadas ao uso do Pacote *Office*, do qual fazem parte, o *Word*, *Powerpoint* e *Excel*, assim como a conversão de arquivos, por exemplo, em formato PDF, sendo os mais exigidos nas disciplinas, mas que nem todas tinham por hábito o manuseio dos mecanismos.

No andamento, dificuldades também foram apontadas no que se referem a utilização do Moodle, bem como a ocorrência expressa nas falas do grupo que está relacionada às exigências dos professores quanto as leituras em língua inglesa, disponibilizadas ao longo dos semestres. Entretanto, de acordo com o entendimento de algumas alunas, esta é uma prática que não deveria ocorrer, pois não é apresentada como pré-requisito às competências exigidas no Curso. Sendo assim, raciocinam que os argumentos dos professores sobre a questão da necessidade de já trazerem este conhecimento às aulas, não condizem, nem com as regras da academia, muito menos com as realidades vivenciadas na educação brasileira que vem se apresentando deficiente nas últimas décadas. Por isto, levantam a questão sobre até que ponto os professores tem o “direito” de fazerem estas exigências. Embora elas deixem claro entender a relevância de aquisição do inglês às competências da profissão, com base também nas exigências do mercado de trabalho. Porém percebem que não são em todas as situações que a ausência da língua estrangeira tem servido de impedimento à ocupação do Bibliotecário aos

espaços de informação no estado, onde muitos não buscaram, por um motivo, ou outro, estes saberes.

Também foram relatadas, em decorrência da idade, dificuldades de memória, cansaço, além da falta de tempo pelo enfrentamento de três jornadas, relativas aos cuidados e responsabilidades para com a família e a casa, quanto ao trabalho profissional e mais os estudos da faculdade. Além de doenças que foram surgindo com a idade, bem como discorreram acerca das inquietações com o aparecimento do climatério e a menopausa por virem seguidos dos “altos e baixos “físicos e psicológicos” enfrentados nesta fase da vida, que interferem em seus muitos momentos, igualmente na Universidade.

Tendo esta aproximação como base às questões próprias da meia-idade da mulher, sem demora, se traz as percepções delas, relativas às barreiras enfrentadas no Curso, visto que algumas sentiram em algum momento vontade de desistir. Razão pela qual elas questionam sobre os por quês de estarem enfrentando, a esta altura de suas vidas, tantas dificuldades nos ambientes da Universidade. No entanto, outras alunas entendem que as barreiras servem de incentivo para que busquem soluções aos desafios, e não pensam em desistir, e sim seguir em frente na conquista da formação acadêmica, visando a maioria, a realização pessoal e a profissional também, em menor parcela.

Questão 4 – As barreiras vivenciadas estão sendo superadas no decorrer do Curso de Biblioteconomia? Você procura o auxílio de alguém? Como ocorre o processo de superação?

Sujeito 1 – 1ª Etapa:

É, ah...os filhos e os colegas, ahah, é, é, é são esses meus, meu auxílio são eles, é. (Sobre a busca de outro auxílio?) Não, não, por enquanto não. Não, eu até agora não senti necessidade, né, mas, mas acho que não tenho, não vou ter problema nenhum se precisar de pedir socorro, gritar, e né, não tudo bem tranquila.

Sujeito 2 – 2ª Etapa:

A grande maioria eu fui tranquila, sozinha, a grande maioria fui, mas assim, o que, a onde eu travava, eu buscava uma ajuda, ou com meus filhos, ou com os próprios colegas, ah..., (sobre onde travava?) Pouca coisa, assim, não, não...talvez

abrir algum tipo de texto, ou fazer algum tipo de pesquisa assim, mas nada...Muitas vezes meu filho mesmo que disse, “Tu pergunta porque eu tô aqui do teu lado, porque se eu não tiver do teu lado tu vai descobrir sozinha”. Então a maioria das vezes é isso, né, se tu não tem ninguém pra te ajudar tu vai ter que descobrir sozinha, e a gente descobre. Quando dá um entrave, que aperta qualquer coisa assim, eu acho que o importante é isso, a gente buscar ajuda, ajuda. Ou com um colega, ou um familiar em casa, ah...ah, não pedir pra alguém fazer pra ti aquilo, né? Eu sempre busquei muito isso, eu fazer, me ensina, eu quero fazer. Me ensinar uma vez, duas vezes, mas a próxima eu vou fazer sozinha, porque eu não quero depender de ninguém pra fazer os meus trabalhos.

Eu busco aprender por mim mesma, sozinha, mas quando eu vejo que tô no meu limite que eu não vou conseguir ultrapassar, por exemplo, ah, um texto que eu não tô conseguindo transformar aquele texto ou abrir aquele texto, enfim, eu vou e peço socorro pra alguém. Mas eu acho, mas eu vejo isso muito normal entre, ah...o pessoal novo, né, ah...nós temos um grupo no Watts que é da nossa turma, né, e vejo a gurizada com vinte, vinte e poucos anos perguntando, “Nossa como que eu faço com este texto”? “Como eu faço esse trabalho”? né. [...] Sim, em relação às tecnologias, muitas vezes, muitas vezes. Inclusive já vi alguns colegas pedindo pro professor pra entregar, ah...o trabalho feito à mão porque não gosta de, de computador, de, de, não gosta de digitar. (Sobre qual idade?), Há vinte anos, em torno de vinte anos, né, então...(Sobre estes alunos, talvez, não ter acesso às tecnologias fora da Universidade?) É, pode ser que seja, pode ser que seja, é claro, mas se bem que, se bem que a gente tem na nossa Biblioteca, a gente tem vários computadores ali também que até podem ser utilizados, mas pode ser isso, é claro. Mas as vezes eu acredito também que as pessoas não gostam também, né? Ah...a gente por exemplo, eu vou te ser bem sincera, eu prefiro escrever à mão do que digitar, eu, né, a gente se acostumou mais escrevendo à mão, né, quando a gente estudava, né? Eu canso de fazer os meus resumos primeiro tudo à mão e depois digito. As vezes digito direto, enfim, né, e eu notei que tem pessoas mais novas que preferem também, que gostam de escrever à mão. Então, as vezes nem sempre é pela dificuldade, né, mas é isso.

Sujeito 3 – 3ª Etapa:

Eu, algumas coisas, primeiro assim, se eu não sei eu peço ajuda sempre. Seja meu marido ou que sempre alguma coisa que eu não sei. Eu acho que tecnológica a gente precisa sempre alguém que diga olha aqui eu quero postar isso aqui e não tô conseguindo. Eu pedi ajuda pro meu marido e já aprendo, também, mas...eu não conseguiria uma primeira vez. Eu acredito que...as coisas básicas sim, mas coisas ah..., os programas, converter (PDF), isso daí, não. Conversão assim, não! Eu tenho um médio conhecimento. Não, não, é sim, eu teria que aprender. Eu peço auxílio! Não, não, eu não me furto nunca em pedir auxílio, eu peço mesmo, sem problema nenhum. Ah não, como é que eu faço aqui? E da próxima vez eu já sei fazer. Peço sem problema nenhum, peço pros colegas, sim, sim. O BrOffice aquele lá que eu não sei muito, que nos computadores aqui é diferente né? Gurias como é que é isso aqui? Eu não sei! Daí elas me dizem e na próxima eu já sei, mas eu peço ajuda, peço. Eu pego rápido. Digamos, se eu não for fazer aquilo outras vezes, talvez eu não lembre na próxima. Eu acho que qualquer pessoa que não faz seguidamente a tendência é esquecer. (Sobre pedir auxílio na Universidade?) Não, eu ainda não pedi não porque não foram tão significativas assim, coisas bem pontuais assim.

Sujeito 4 – 4ª Etapa:

Talvez eu esteja sendo muito benevolente comigo mesma, mas eu não encontro essas dificuldades, não, não vejo dificuldades, não tenho dificuldades, não vejo. Talvez, talvez muitas leituras, as vezes a questão de administrar um pouquinho o tempo e não ficar pra traz, mas isso eu acho que independente de idade, qualquer aluno faz isso, né? Às vezes, deixar um pouco meio que pra última hora. É pode ser. É realmente, eu, logo que tenha uma atividade, eu até procuro já, mais ou menos, me situar, talvez a conclusão eu demore um pouquinho pra fazer a conclusão, vá dando outras prioridades às outras coisas. (Sobre à formação técnica e humanística do Curso?) Hoje ainda eu perguntei pra professora [...] sobre as Eletivas, ah...eu me arrependo muito que no semestre passado eu perdi a oportunidade de ter feito a Eletiva com a Professora [...], que me “traiu”, porque ela disse que continuaria por pelo menos mais um ano, porque eu pensava em fazer a disciplina Eletiva com ela. Então, por uma questão de acomodação de horário, eu fiz outras duas. Só que as duas disciplinas extremamente voltadas para o Curso da Museologia e não pra da Biblioteconomia e, nós não temos no Curso de Biblioteconomia, nem número

suficiente de Eletivas que nos são exigidas, então nós temos que fazer, né? Fica difícil de tu conseguir. Tão faltando, a gente não tá tendo, né? Eu inclusive procurei essas duas disciplinas porque me fazia pensar, uma delas pelo menos, que era alguma coisa mais, menos técnica, mais de conhecimento das pessoas, da sociedade, né? Então eu acho que isso faz um pouco de falta, ah...[...]. Então eu acho que precisaria assim, ter algo mais, não que as técnicas não sejam necessárias, é obvio que a gente precisa, mas eu tenho a impressão que poderíamos, talvez, melhorar um pouquinho. Tem algumas coisas nas técnicas que tá sendo, pelo menos eu já tive essa sensação, ter repetido de uma disciplina pra outra. Que de repente poderia ser aglutinado, numa outra, numa nova disciplina, essas duas ou três, e dar espaço pra este lado mais, digamos assim, mais motivador do Curso. Do próprio profissional Bibliotecário de como ser motivador de novos leitores, porque nós temos os leitores reais, mas tem aqueles potenciais que nunca vão chegar a ser leitores, porque tá faltando alguma coisa, um incentivo. (Sobre solicitação de auxílio, nas dificuldades?) As ajudas sempre com os com os colegas, né? Agente sempre tá... eu, infelizmente, a minha experiência aqui na Biblioteca não foi positiva, né? No sentido que eu chego pra pedir a primeira vez, segunda semana de aula, pedir ajuda, eu precisava, o professor tinha falado um autor, e eu não anotei, não lembrava, ou ele não disse, isso eu não lembro, o título da obra, e aí eu pedi, e a pessoa que me atendeu disse que era impossível me ajudar, que eu voltasse num outro momento com todos os dados. E aí, aquilo me deixou muito, sabe? Muito...E aí, não foi boa, (Sobre a impressão?), é, não foi boa é, é, não foi boa, é, não foi boa, então. Em compensação eu lembro de outras experiências com outros Bibliotecários em outros momentos da minha vida, extremamente positivas, que de uma certa forma, são motivadoras também, né, da minha escolha, da minha decisão de fazer Biblioteconomia.

Sujeito 5 – 5ª Etapa:

Sim, estão sendo. Quem mais me auxilia são meus filhos, na verdade, risadas. (Sobre o processo de superação), É pedindo ajuda, né? mas muitas vezes ah... esquento bastante a cabeça quando eu não consigo fazer algumas coisas, principalmente no computador. (Sobre o pedido de auxílio), Ah...as vezes alguns colegas, né? Na verdade um colega, o Pedro, risadas.

Sujeito 6 – 6ª Etapa:

Assim, oh, ah...sim, eu acho que sim, como eu te disse, essa questão do desafio eu acho que foi importante. Eu procuro sempre ver se nos próprios recursos, né, que a internet nos propicia, com vídeos, com textos, ah...tentar resolver as minhas questões. Realmente assim, quando não dá mais, eu apelo para o meu filho mais novo, né, o [...], ele tem bastante paciência, e ele tem muito conhecimento, assim, né, ele, ele tem muito conhecimento da tecnologia, porque ele foi uma criança que já nasceu na frente do computador. Ele tem 21. Diferente do meu filho mais velho que não se interessa muito pra essa questão, então ele nunca teve muita paciência. Mas quando não dá mesmo, daí eu apelo pra ele. Mas eu acho que, que eu tenho assim conseguido, oh...perder o medo, na verdade né, e me aventurar um pouco mais nessa questão. (Sobre solicitar auxílio na Universidade?) Na verdade não, não tenho assim, ah...solicitado ajuda aqui, mas eu acho que seria bem importante. Ah, ah, acho que é um pouco meu jeito assim, eu, eu sempre tive esse jeito de tentar resolver sozinha, entendeu? Mas então eu nunca procurei mesmo. (Sobre barreiras na produção textual?) Não, assim oh, na questão de, de, da escrita e de produzir textos, na verdade não tenho muita dificuldade, na verdade tenho a dificuldade própria da, da escrita mais acadêmica. Mas eu, eu sou conselheira do Conselho Municipal de Educação, né, e lá como conselheira, a gente faz, escreve muitos pareceres, então essa coisa da escrita mais formal, mais acadêmica, eu tenho um pouco de prática, no caso, né? Então não tenho muiiiiita dificuldade. A minha dificuldade é que eu quero ser perfeita, então, risadas, isso acaba, risadas, acaba me dificultando, risadas.

Sujeito 7 – 7ª Etapa:

Creio que sim. Não, acho que tranquilo. Sim, escrever é mais tranquilo que usar essa parte técnica, né? (Sobre busca de auxílio?) Dos colegas. (Sobre outro auxílio?) Não, não procurei, eu até pensei na possibilidade de pegar uma cadeira de Introdução à Informática, mas ela era disponibilizada só lá no Valle, então não fiz. (Sobre o processo de superação?) É procurando ajuda e, e...experimentando sozinha, né? Sim, sim, PowerPoint praticamente aprendi sozinha, risadas, na cadeira de Metodologia [...]. Na cadeira de Metodologia que eu cursei, eu antecipei para o primeiro semestre ah...foi quando eu me vi na frente do PowerPoint que eu

não sabia fazer nada, né? Então eu tive...eu comecei a pegar sozinha, fui aprendendo e auxílio de colegas.

Sujeito 8 – 8ª Etapa:

Ah...no momento não tem nenhuma barreira, né, no momento tá tranquilo. Mas o que houve se, se...(Sobre quem auxiliou?) Eu leio. Ninguém, eu leio, leio, leio até que eu consigo ah...(Sobre pedir ajuda?) Não. Não até porque eu moro muito longe, e aí essa coisa de ficar, muito, de estudar, fazer grupo de estudo as vezes é complicado pra mim. [...]. É difícil de eu conseguir essa, mas depois tem outra, eu sou muito tímida. Eu não tenho essa coisa, eu não tenho essa coisa de chegar nas pessoas. Eu não sou assim, eu não consigo. E eu acho que isso prejudica bastante, entendeu? Que é uma barreira. É uma barreira. (Sobre ter dificuldade de socialização?) Sim, sim. Eu socializo depois que a pessoa chega. Aí a coisa, a coisa flui, mas eu procurar, não. Tenho uma dificuldade. (Sobre ser uma barreira?) Claro, é uma baita barreira. Foi muito difícil essa parte. Ah sim, tanto que eu levei uns que, uns quatro meses pra conseguir montar um grupo no, porque eu não chegava. Claro, todos os professores fazem aquelas, no início aquelas perguntas básicas, porque o Curso? Da onde veio? E tal. É muito complicado. (Sobre quem auxilia nas barreiras?) Sim, ele (o filho).

De acordo com os relatos, as alunas acreditam que as barreiras de um modo geral, embora com bastante dificuldades para algumas, estão sendo superadas ao longo da graduação, e as mais pontuadas são aquelas voltadas às tecnologias, compreensão de leituras e escrita acadêmica complexa. As dificuldades estão sendo vencidas em grande parte, devido às ajudas recebidas da família, filhos em especial, marido, mas também de colegas de Curso, além de se valerem de vídeos explicativos da internet. Entretanto, o auxílio recebido diz respeito, principalmente, às tecnologias que, segundo elas, é bem importante, uma vez que, em especial por serem jovens, os filhos acabam por relatar suas experiências e dificuldades nas etapas de graduação, devido também a alguns estudarem na UFRGS. Logo, eles auxiliam muito suas mães a se desenvolverem, tentando que alcancem autonomia no acesso e uso dos ambientes virtuais da internet. Bem como, a ajuda vem de seus colegas de maioria jovens que transitam com tranquilidade no universo tecnológico de acesso à internet, lhes explicando e/ou orientando quanto ao seu complexo

funcionamento. Embora elas entendam que, caso não houvesse ajuda, se tornaria bem complicado superar as barreiras, sendo que ficariam meio perdidas. Quanto a ajuda nas leituras e produção de textos, tentam se “socorrer” junto aos colegas que lhes auxiliam nesta compreensão. Nesta direção, Almeida Junior (2007, p. 34, *apud* VALENTIM 2010, p. 88), atesta que “[...] a leitura está no cerne da apropriação da informação. Esta não existe a priori, não existe antecipadamente; por ser intangível, não concreta, apenas se concretiza no processo de mediação enfim, [...] a leitura é que possibilitará sua apropriação.”. Neste sentido, segundo as alunas, precisam ler reiteradamente os textos para tentar assimilar seus conteúdos, entretanto com dificuldades, também voltadas a redação. Sendo assim, para Foucambert (1994, *apud* TEIXEIRA; SOUZA; FARIAS, 2012, p[?]),

[...] o analfabetismo funcional envolve pessoas com vários anos de escolaridade que dominam essas técnicas de correspondência grafo - fonética em certo período de sua vida, mas perderam esse domínio por falta de uso e de exercício com elas. Nesse contexto, o papel da escola é questionado, como são questionadas as políticas públicas, que primam pela alfabetização da população, mas não por uma efetiva capacitação do sujeito a ler de forma competente e crítica.

Nesta lógica, as graduandas podem ser consideradas analfabetas funcionais. Em relação às barreiras outras, como por exemplo as da língua, em textos disponibilizados somente em inglês e exigidos pelos professores, buscam elas, geralmente os tradutores da internet, como o Google Tradutor, nem sempre confiável, caso contrário enfrentariam maiores dificuldades nestas construções.

Questão 5 – Você tem percebido em seu entorno barreiras vivenciadas por outras acadêmicas de meia-idade de Biblioteconomia na Universidade? Quais?

Sujeito 1 – 1ª Etapa:

Não, não, não. Não a, a minha colega até ela já tem o Técnico em Biblioteconomia, então ela já tá tranquila, né, ahah, então eu não tô vendo nada, é.

Sujeito 2 – 2ª Etapa:

Bom, têm, na minha turma tem uma outra colega que tem em torno de 40, 41 anos, 42 anos, né, ah...e têm, que eu tenho mais convivência. Eu já vi de outras cadeiras também com mais idade em torno de 40 anos, mas aí eu não conversei, eu

não tenho intimidade assim, eu não sei se já tiveram ou não alguma barreira. A minha colega que estuda comigo não teve ainda, tudo tranquilo, não, ah, ah...também a mesma coisa, buscando sempre tá na frente, ah, ah...quando necessário pedindo ajuda, se não metendo às caras sozinha mesmo e..., mas não, não vejo assim, ninguém que tenha me dito, ah, eu estou com dificuldade e tal por causa da minha idade. Não, não observei. (Sobre as professoras do curso ter alguma dificuldade no acesso às tecnologias?), As, professoras de trabalhar? Elas de acessar à tecnologia? Ah, têm, risadas, ah tem, tem, mas se viram também, sim, se viram, tem, tem. As vezes elas pedem auxílio pros alunos, ou, ou brigam também ali um pouquinho com, com o computador. É que na verdade as vezes tu, tu sabe o que tem que fazer, mas chega na hora ali, o computador dá uma travadinha, né, as vezes ele não ajuda a gente, também, né? Então, também acontece com elas isso, as vezes elas tão ligando ali tão tentando entrar e não conseguem, tá travado, ou a internet tá muita lenta, mas a tecnologia ela ajuda muito, mas as vezes ela dá uma atrapalhada.

Sujeito 3 – 3ª Etapa:

Eu, eu...não percebi ainda não. Eu tenho outra colega que eu lembre. É, esta colega que tava aqui agora ela entrou agora, recém nesse semestre, é, conosco, e...nada que seja assim olha, gritante lá, não, não. Não, não, não tem nada de que as pessoas de mais idade, eu não sinto assim que tem barreira. Eu não digo que não exista, mas eu não presenciei ainda. (Sobre ser auxiliada na turma pelos jovens?), Na boa, muito legal, eu me sinto muito incluída na turma, coisa que lá no Instituto Federal eu não sentia, eu não tive o mesmo, ah...como é que eu vou te dizer, acolhimento eu acho que eu tive aqui, sim tem colegas com quarenta anos de diferença, as meninas de dezessete, e eu sinto que eu sou igual pra eles, se eu não sou eles não demonstram.

Sujeito 4 – 4ª Etapa:

Olha, eu, eu não observo, tenho, tenho na minha turma, no meu semestre uma colega, que talvez seja uma das tuas entrevistadas, uma pessoa, uma aluna extremamente eficiente, eu diria que é a aluna nota A do Curso, né? Eu vejo que muitas vezes os professores até se valem da experiência, do conhecimento, da capacidade que ela tem de, de entendimento, responsabilidade, de tá sempre com

tudo pronto, né? Então, não vejo nesse sentido, acho que ela também, ou as outras, mais ou menos nessa faixa etária também dominam bem os meios tecnológicos, no caso, por exemplo essa colega muito estudiosa, então não sei se ela, eu, a meu ver elas não enfrentam esse tipo de barreira. Não sei se elas se sentem discriminadas de alguma forma, em algum momento, mas eu, eu, não observo barreiras.

Sujeito 5 – 5ª Etapa:

Creio que as barreiras são sempre as mesmas. Sim, enfrentam, algumas, né? Não posso falar por todas, mas as que eu conheço e convivo enfrentam as mesmas barreiras. (Quais?), Tecnológicas e o inglês né? que faz falta. (Sobre a leitura e a produção textual?), Não, não chega a ser uma barreira, eu tenho dificuldades, mas eu consigo superá-las. (Sobre conflitos?), Não, conflito nenhum, mas eu, a minha vida toda eu trabalhei com jovens, ah...então isso pra mim não é problema nenhum.

Sujeito 6 – 6ª Etapa:

É, eu acho que todas as pessoas mais ou menos que é da minha idade, ah, é da, da minha idade, que é 55, 56, já as pessoas que são meia-idade, não sei o que tá considerando a faixa etária, mas...é, a gente acho que tem sempre essa dificuldade com a questão mais teórica das questões da, da Web, da, da Web Semântica, então essas questões, eu acho que to, todas acadêmicas e, tem mais dificuldades. E no manuseio também, eu sinto que tem essa dificuldade nessa área. Mas também, como a gente tem uma experiência de vida, eu acho que a gente também supera, porque a gente sabe como ir busca isso, já tem uma...as ferramentas de pesquisa pra poder superar, então, a, mesmo que a gente tenha essa dificuldade, a gente já tem essa experiência de querer estudar, a gente consegue fazer isso sozinha, né, de ir buscando, e ir resolvendo essas dificuldades.

Sujeito 7 – 7ª Etapa:

Sim. Eu acho que eu falo por mim e falo por colegas que eu acompanhei bem de perto assim, dá pra sentir assim um certo...se a pessoa é mais na dela, por exemplo [...], mas se a pessoa é mais na dela eu noto um preconceito da...das pessoas de fazerem trabalho junto, esse tipo de coisa. (Sobre qual tipo de preconceito?) O que eu vou dizer é uma coisa muito subjetiva, né? Mas a sensação que eu tenho é que há um preconceito ah...ligado ao fato da idade mesmo, que a

... pessoa não vai conseguir fazer, ou que é chata, que não é parceira, entende, nesse sentido. (Sobre a percepção de barreiras por outras graduandas de meia-idade?)
Sim, sim, sim, sim. É...eu, eu... já pude observar assim, de ter colegas na minha faixa etária de ficarem pra traz na hora da montagem de grupos [...]. Não é nenhuma questão de não conseguir se inserir, mas é a sensação de que havia uma rejeição dos grupos em relação às pessoas. [...]. (Sobre estarem vivenciando barreiras?)
Com certeza! Sim, exclusão, eu acho que a palavra é exclusão, porque a...diferença de idade...é...faz parte, né? Desde que não exista uma, por exemplo, que uma guria de 20 anos não vai falar a mesma linguagem que mulheres de 50, então isso é natural, né? Mas a exclusão, eu acho que independe disso, né? Eu acho que essa coisa passa pelo preconceito.

Sujeito 8 – 8ª Etapa:

Olha, o pessoal que tava comigo, que a gente que iniciou junto, eu acho que as mesmas barreiras que eu enfrentei com ah..., ah...com a mente, com a memória, com a busca do entendimento da...leitura, eu acho que...não só eu, mas eu acho que eu vivenciei isso durante o Curso, em outras pessoas da nossa idade, sabe? Porque elas tem maior dificuldade de conseguir fazer um trabalho acadêmico, por exemplo. (Sobre as dificuldades de memória?) A memória é bem complicado, né? Porque, porque quando a gente chega a uma certa idade, risadas, que tu diz não, agora tá tudo bem. Tudo bem por fora, risadas. Porque a memória...(Sobre estar no climatério?) Tô. (Sobre este processo?) Esse processo é bem mais complicado, porque ele ajuda também a perda de memória, ele te ajuda ah..., ele te dá um cansaço maior, porque eu tenho suador, vira e mexe, é frequente, né? Não é uma coisa ah...então isso, costuma ser coração, arritmia cardíaca tu, acontece, tudo isso é...altos e baixos. Sim, sim porque tudo isso, ah...os hormônios acarretam isso na gente, né? Eu tô passando muuuuuuito mal com isso. E pra fazer os trabalhos fica complicado porque a tua memória não ajuda, o teu intelecto parece que ficou lá atrás, risadas. Essas são as barreiras, risadas.

Algumas graduandas observaram a ocorrência de barreiras vivenciadas também por outras colegas na fase de meia-idade relativas ao acesso e uso das tecnologias, e quanto à utilização dos ambientes do Moodle, devido às dificuldades de acesso e uso neste mecanismo de aprendizagem à distância. Assim, como

dificuldades em disciplinas que exigem leituras de textos, ou partes de livros, em inglês. Além dos obstáculos relativos à compreensão de leituras e na produção de textos acadêmicos das disciplinas que lhes são exigidos, em especial pela complexidade de seus conteúdos. Outras não perceberam tais ocorrências, embora não descartem as possibilidades.

Questão 6 – Quais suas sugestões para a superação das barreiras vivenciadas na Universidade, em razão da meia-idade, no decorrer da formação acadêmica de Biblioteconomia?

Sujeito 1 – 1ª Etapa:

Sugestão...Aqui dentro se tivesse alguém pra nos explicar como mexer no computador, no Moodle. Mais, é, uma disciplina que fosse direcionada ali, pra, pra, pra essa área ali. Porque a gente tem uma introdução na Web, mas ela é ma, muito direta, né, com tudo. Então eu acho que se tivesse uma, um auxílio nesse sentido, né, de, de começar do zero, pra quem não sabe nada, né? A gente tá engatinhando, assim, pra que tá engatinhando, eu acho que ia ser bom, é. Das tecnologias. Usar essa ferramenta, é, é. Não. Não acompanhei à evolução, né, do dia a dia que muda muito, todos os dias a “coisa”. É, então...era bom se tivesse alguma coisa assim.

Sujeito 2 – 2ª Etapa:

Bom, eu vou dizer o que eu faço, né, ah, aquilo que eu te falei. Antes de entrar pra Universidade eu tentei me preparar um pouco, né, ah...fazendo cursinhos, mexendo bastante no computador, celular, né, tentando me inteirar destas tecnologias porque eu sabia que a gente ia, que eu ia enfrentar isso, né? (Sobre como tu sabias?), Dos meus filhos. (Sobre não ter esta informação através dos filhos?), Não, saberia também, a gente sabe, isso já tomou conta do mundo, né? Todos os lugares, principalmente os lugares acadêmicos, é, a tecnologia tá presente, não tem como a gente estudar mais sem o computador, sem ah...sem as tecnologias, sem as aulas à distância que hoje em dia tem muito. Os professores, ah...semana que vem a aula vai ser à distância, vou colocar o trabalho no Moodle, respondam, façam, e era isso. Ah..., mas eu acho assim, se tu pretende vir pra, pra uma Universidade tentar te inteirar de tudo isso com pessoas amigas, ou com curso, mm, ou com o próprio computador, ele vai te ensinar a mexer nele mesmo, né?

Então, procurar se inteirar , ah, ah, se atualizar muito, politicamente, socialmente, o que tá ocorrendo, ter uma cabeça aberta, porque tu vai entrar num ambiente universitário, principalmente aqui uma Universidade Federal, tu vai te deparar com coisas que muitas vezes não estão, não acontecem no teu dia a dia e aquilo tem que ser um ambiente normal pra ti. Tu pode aceitar, não aceitar, concordar ou não, mas tu tem que aceitar, porque aquilo vai conviver contigo. Então, eu acho que quanto mais a gente tiver uma cabeça aberta, tranquila, né, ah...ah...entender destas tecnologias, ah...tá na frente, né? Eu busco sempre tá na frente, né, o professor tá dando um texto pra ler, eu já tô começando a ler esse texto, o trabalho é pra entregar daqui um mês, eu já tô começando a pensar nesse trabalho, né? Mas porque eu sei que eu tenho uma profissão que eu não tenho mm, tempo sobrando né, então tudo isso assim, tem que correr na frente, e ah...buscar maneiras assim de, de, ah, ah...que maneira que tu estuda que, que te faz com que tu grave melhor, né, ah...criar metodologias, exatamente, que te facilitem, né? Qual é a melhor maneira de estudar? A melhor maneira de estudar é como quando eu era a 30 anos atrás, fazendo resumo, escrevendo à mão e falando em voz alta. Bom, isso é bom pra mim eu vou fazer, né? Não interessa se hoje fazem, ou não fazem, né, então eu acho que é isso. Buscar essa, isso aí, o principal também é te relacionar bem com professores e com teus colegas, ne? Não é porque meu colega tem 20 anos que eu não tenho que conversar com ele, que eu não tenho assunto, bem pelo contrário, né? Eu, eu busco me entrosar, conversar, ah...pra mim é um colega normal, comum, né, não, não, se tiver que ajudar eu ajudo, se tiver que me ajudar, vai me ajudar, então eu não diferencio. (Sobre os filhos estarem na Universidade?), É claro, auxilia, auxilia, sim claro, exato, exato, exato, sim eles te contam muita coisa né, e aí tu traz isso pra cá, pra sala de aula, risadas. (Sobre a formação técnica e humanística do Curso?) Ah, eu acho que é muito importante, ah...que eu acho que nós temos que ter muito, ah...mediação de leitura, né, ah...termos muita, muito embasamento dessa parte de leitura, de, de, de como trazer, ajudar as pessoas a se voltarem pra importância da leitura, pra importância do estudo, mas não só do estudo via Google, esse tipo de coisa, entendeu? Realmente é pegar um livro e ler do início ao fim, não é só tu ler textos, ler ah, ah, partes de um livro, né, porque aqui a gente, gente recebe muito partes de um livro, é textos de um capítulo tal, é texto do outro capítulo, isso eu acho que a gente tem que ter. Aprender a dar essa importância, né, ah...pros livros, pro estudo e pro, pra esta coisa voltada bem pra leitura, porque a

gente acaba voltando muito pra técnica, pra técnica de informação, buscar fontes, isso, aquilo, e eu acho que a gente pode acabar de perder um pouquinho dessa essência, né do nosso Curso que é a, a, Biblioteconomia em si, né? Os, os livros esse acesso, a acessibilidade, né? Por exemplo, ah...lidar com a própria informação. É, que que a gente tem que pensar? Por enquanto nós vamos nos formar e ser Bibliotecários, né, então daqui a pouco a gente tá dentro das Bibliotecas Escolares, Universitárias e né, o que que eu faço aqui dentro, né? Como eu ajudo essas pessoas a buscarem, a não só acharem a informação na prateleira, mas a terem um gosto também pela leitura, terem um gosto, ah, ah, pelos livros, seja físico, seja ah...ah...via, ah...tablet, ou kingdom, ou seja o que for. [...]. Contos, né, a ora do conto, sim eu acho que isso vai faltar, vai faltar, com certeza, com certeza. [...] um professor que ele é (estrangeiro), alguns anos morando aqui no Brasil [...], e ele conversando [...] ele disse pra eles que tem dificuldade de manter um, um diálogo um pouco mais prolongado com as pessoas aqui no Brasil, mesmo dentro da área acadêmica, junto com eles, porque ah...as pessoas aqui, os brasileiros não tem o hábito da leitura, né? Ou o gosto pela leitura, né? A, a nossa professora Moro não gosta muito que a gente use essa palavra o hábito pela leitura, né, ela falava muito isso no semestre passado. Então, porque é isso aí, as pessoas leem de pedaços né, de livros, pedaços de informação e, e daqui um pouco tu quer falar mais profundamente sobre determinado assunto, né, é só que nós não temos essa profundidade. Porque a gente não se, não lê o suficiente, como eles leem, como deveriam pra criar um entendimento, mais...(profundo?), exatamente. Eu não sei nem se isso é correto ou não, mas mais tarde né, no Curso eu pretendo pensar nisso, né, mas eu tenho a impressão que a gente tá tendo a informações muito fragmentadas, né? Um pouquinho de cada coisa, é, um pouquinho de cada coisa, é, uma informaçãozinha aqui, uma informaçãozinha disso ali, e as vezes nessa ânsia de querer saber de tudo um pouco a gente acaba não se aprofundando em nada, então foi mais ou menos isso, que ele quis dizer, né? Também não adianta a gente saber demais de tudo e daqui um pouco tu quer conversar um pouquinho mais sobre determinado assunto, tu tá raso o teu conhecimento. [...]. Mas eu acho que é aí que a gente tem que entrar, né, nós, tanto da Biblioteconomia, quanto de Letras, Pedagogia, né, todos esses, essas áreas, acho que a agente tem que se voltar pra isso, né? Muito pra, [...], vamos trabalhar outras coisas fora das tecnologias, a gente não estuda e não aprende só através do celular e do computador, né, a gente pode

prender através de uma roda de conversa, através de histórias, através de música, de saraus, através de trocas de ideias, através de filmes. Esta semana ainda a gente assistiu um filme na aula [...] muito bacana, depois a gente discutiu sobre esse filme, então, enfim, é, ah...(sobre outras realidades?), é isso que a gente vai ter que aprender a trabalhar. (Sobre a língua Inglesa no Curso?). Eu já conversei com alguns professores das Letras que tem uma posição bem bacana quanto a isso, tem uma posição quanto a isso, que a gente tá no Brasil, a gente tem que falar o português, a gente tem que falar português, esse é o nosso ambiente, né, a nossa, eu não tenho obrigação de saber outra língua. Claro que eu acho que isso me enriquece, vai me deixar, eu digo, por exemplo, pros meus filhos, aprendam outra língua, né? Não que eles vão ser melhores pessoas, mas porque o mundo é cruel e exige esses textos, né? Meu filho faz [...], e ele tem livros só em inglês e não adianta, ele tem que fazer trabalhos e provas em cima daqueles livros, né, mas eu acho isso muito cruel, a realidade do nosso país é muito precária, nós não temos um inglês acessível, os cursos gratuitos a gente sabe que não são bons, nem sempre são cursos bons, né? Eu não sei assim daqui, tem até lá no Vale curso de inglês, acho que Francês, alguma coisa, não lembro bem o nome agora, acho que são os próprios alunos acho que administram o curso, não sei se é bom ou não. Mas, enfim, a gente sai de escolas públicas que não tem um ensino de inglês bom, é um inglês muito raso, muito precário, muito básico, então eu acho que ah, eu acho que não é correto se exigir isso, né? A única coisa que a gente tem agora é essas facilidades que, tu põe um termo no Google lá e ele te transforma, te traduz né, pro português, enfim, se a gente consegue fazer isso, beleza. Agora, não eu não sei até onde um professor tem direito de exigir né, somente um texto em inglês, sendo que o aluno não sabe inglês e até onde esse aluno tem realmente que saber inglês pra poder se formar dentro da sua Universidade, dentro do seu país. O que, que outras pessoas dizem que em artigos...pra ti ter acesso a essa informação daquele livro daquele texto ne, é conveniente que tu saiba inglês para ti ter aquela informação a mais, né? Só que olhando por esse lado, eu acho ótimo isso, só que o que eu digo, é o seguinte, a nossa realidade é muito diferente, mas enfim, eu acho que são as dificuldades que a gente vai encontrando que vai tendo que se virar, mas eu acho que, mais é complicado.

Sujeito 3 – 3ª Etapa:

Eu acho que ah...sempre procurar estar incluída, travar conhecimento, não ficar separada assim, já se agrupar com as pessoas mais jovens, acho que assim é total diferença. Ah...pior que a Universi..., se existe esse problema das pessoas não conseguirem acompanhar, eu por enquanto eu não passei tô indo, pedindo ajuda e tudo. Ah...uns cursinhos que pudessem ser administrados aí, umas oficinas assim que ajudassem acho que sempre vem bem. Se a pessoa precisa ela vai ir, ela vai ir nisso daí. Olha eu tô com dificuldade em tal coisa. Por exemplo, eu sei que daqui pra frente o meu conhecimento de Excel eu fiz, mas eu não pratiquei, então eu acabei esquecendo muita coisa. Se surgir alguma coisa de Excel eu vou fazer, porque eu tô vendo que nas vagas o pessoal tá pedindo que tenha conhecimento de Excel, então eu vou ter que dar uma aprimorada nisso aí, dá uma relembração, risada, e mexer mais com isso. (Sobre este tipo de instrução ser feito no ambiente da Biblioteca?), Eu acho que seria porque não? Se tem pessoal capacitado pra fazer isso daí, não tem porque não.

Sujeito 4 – 4ª Etapa:

Se, no caso, tem pessoas que tenham dificuldade da utilização do, do equipamento, tipo computador, enfim, eu acho que seria necessário que no primeiro semestre se tivesse uma introdução, ao invés de ter ah...outras disciplinas, mais amplas, mais técnicas, tivesse uma introdução, talvez até numa daquelas de informações, de, de utilização de computador, da WEB, enfim, pra quem possa ter. Me parece que hoje é difícil alguém ter, ter tanta dificuldade assim, mas vamos partir do princípio que nem todo mundo tem esse conhecimento, esse acesso também. De repente alguém vai chegar aqui com dificuldade, então quem sabe nós temos laboratórios que tivesse, nem que fosse de forma Eletiva, uma disciplina, que as pessoas pudessem utilizar aqui dentro da FABICO, no Curso.

Sujeito 5 – 5ª Etapa:

Ah...treinamento, né? Ah...eu acho que até na Biblioteca a gente tem bastante, eu, tenho bastante dificuldade né, encontrar os itens, não sei como procurar e eu me sinto mal por ser uma futura bibliotecária ter esse tipo de dificuldade, mas eu acho que é, ah...é teria que haver um treinamento por parte da Biblioteca, ou...não sei, do curso, alguém tem que pensar sobre isso porque cada

dia mais ah...pessoas da terceira idade, da meia-idade fazem parte do contexto aqui da Universidade. (Sobre as dificuldades), É, eu acho que Ela (a Universidade) teria que ter um olhar mais especial sobre essas pessoas né que, mas eu vejo assim por parte de alguns professores que você nessa idade já não é mais produtiva, então não tem muito interesse. Eu ouvi de uma professora quando eu falei em tentar fazer a Pós-Graduação que a Universidade não tinha interesse em aluno mais velho.

Sujeito 6 – 6ª Etapa:

É, eu acho assim, oh, que a Universidade poderia ter Programas específicos pras pessoas que ingressam, né, depois de uma certa idade. Assim, como a, a Universidade pensa em programas pra superar as barreiras, por exemplo, dos cotistas, né, que as vezes tem essa dificuldade, mas na questão da aprendizagem, talvez a Universidade também pudesse pensar, né, programas, pelo menos pra aqueles cursos onde, porque eu percebo assim, que o nosso, Curso, por exemplo a Biblioteconomia e a Arquivologia, são cursos que entram pessoas de mais, de uma idade mais avançada, né? Então, acho que sim, que poderia pensar questões pra Inclusão, né, dessas pessoas, principalmente no mundo tecnológico, na questão do manuseio dessas novas ferramentas que na nossa época que nós estudamos, elas não estavam acessíveis, né? (Sobre as disciplinas do Curso, quais sugestões?) [...] eu, eu até ontem, engraçado, tava comentando isso com meu filho assim né, que eu sinto mui, falta assim de maiores, mais disciplinas mais voltadas pras questões humanas, assim. A gente teve muito poucos, né? Ah...a disciplina da, da Professora Moro a de Inclusão, a de Referência que eu fiz também, ah...que, que, que busca essa parte mais de realmente de, de ver a Biblioteca como um espaço né, de, de chamar as pessoas, de estar lá dentro, de trabalhar com essa questão da leitura, né, de, de contação de história, isso a gente não tem. Eu fiz uma disciplina que é de Literatura Infantil com a Professora Martha que também trouxe essa, essa visão. Porque as outras disciplinas elas realmente, assim, elas são voltadas muito pra essa questão técnica né, de tu preencher lá umas planilhas, de tu botar os números. Eu não, eu tenho um pouco de crítica a respeito disso, eu acho que a gente teria que ter disciplinas ah...que não fossem só Eletivas, né, disciplinas dentro do...dentro das disciplinas Obrigatórias que fosse mais voltadas, assim, pro espaço da Biblioteca, mesmo que se hoje assim tenha essa coisa das Bibliotecas Virtuais, o no nosso país né, a maioria das Bibliotecas são Bibliotecas Escolares, né? Então como é que

ah...tu, tu, tu realmente dá importância à Biblioteca Escolar? Porque, porque é, é aonde que nós temos que dar importância pra que as pessoas leiam, leiam mais, pra que este país realmente vá pra frente né, na questão da leitura. E eu acho que isso falta, falta e muito, né, a gente não tem isso.

Sujeito 7– 7ª Etapa:

É, eu diria que num, num primeiro momento, é...uma coisa que tá acontecendo no mundo inteiro, ah...e que no...aqui pra gente ainda é incipiente, é um trabalho de reconhecimento da terceira idade, entendeu, se as pessoas, na culturas orientais, da meia-idade que seja, pra frente, porque o que acontece nas culturas orientais tem uma tradição de profundo respeito aos velhos, aos mais velhos, e isso pra gente se perdeu totalmente. Na verdade, né, inexistente, né? As pessoas vão ficando velhas e sendo tocadas de lado, né? [...] se tornam obsoletas. Então, eu acho que dentro da própria Universidade assim como vem sendo feito um trabalho com baixa renda, pessoas de baixa renda que começaram a entrar na Universidade que também sofrem preconceito, né? Que a lei da baixa renda vem de escolas pública, não vem de elite, então não correspondem ao grau de exigência que os professores estavam habituados, né? Negros, também, né? Nesse sentido, eu vejo que a Universidade vem fazendo um trabalho, tem um acompanhamento pra quem tem mais dificuldade, “Ações Afirmativas”. Mas em relação ao convívio com, com a meia-idade na própria Graduação eu não vejo isso, e acho que a gente vivencia é a ausência desse trabalho. De conscientização, de Programas, de...interação, não de interação dos mais novos pra quebrar esse preconceito, as barreiras, é, não tem, né. Não tem nada. Os coitadinhos também não tem culpa, né? O problema é uma gurizada que já vem de uma cultura pronta e ah, não vai saber administrar porque não foi educada antes, né? (Sobre outro tipo de sugestão?) [...] casualmente a gente tava falando sobre isso hoje, na cadeira do sétimo de Projeto de Pesquisa, ah...que deveria ter um meio campo aí, porque a cadeira de Metodologia, ainda que ela seja no segundo semestre, ela tá muito distante do sétimo e do TCC, né, então ela faz falta, alguma...Não eu acho que talvez, primeiro e segundo semestre, uma introdução pra gente poder funcionar, né, ter um mínimo de noção pra poder realizar qualquer trabalho solicitado. Mas eu acho que mais pro meio do Curso deveria ter então a Metodologia da pesada, pra auxiliar a gente no sétimo porque fica muito distante a Metodologia do Projeto de Pesquisa, do TCC.

Sujeito 8 – 8ª Etapa:

Não desistir nunca, apesar de tu tá fazendo algo que tá te botando pra baixo, vai pra frente, tu tem que ir pra frente, tu não pode ficar lá atrás. E tem ah...muitas vezes eu senti vontade de parar, mas o que que eu tô fazendo, porque que eu tô fazendo, o que que eu inventei pra minha vida. Eu tava tão bem, né? Risadas. Mas eu acho que a gente tem que seguir em frente, mesmo com todas as dificuldades, todas...vai atrás, é teu sonho que tu vai realizar, vai lá que tu vai conseguir. (Sobre ser uma realização pessoal?) É uma realização pessoal. [...] Ai, eu não sei teria alguma...,eu acredito que algumas cadeiras deveriam ter, como no caso de informática, tu deveria ter um aceso maior a essas cadeiras que a gente não tem. A gente tem uma eletiva lá de informática que te dá...que tem uma vaga pra tanta gente, é impossível. Então, eu acho que cadeiras de informática deveria ter, ah...em geral, não só pra Word, mas pra toda essa parte, essa parte de Office, de internet, tudo isso acho que deve ter. Uma cadeira de repente obrigatória para produção, produção de texto, porque a gente também tem, mas só eletiva, e eu acho que a gen deveria ter essa...obrigatória, porque se tu tem, porque a eletiva nem sempre tu consegue. Depende de como tu tá, se tu tá com o ordenamento lá embaixo tu não consegue, Aí tu precisa...seguir em frente, empurrando como tu pode. E eu acho que se tivesse uma cadeira obrigatória seria importante, no início do curso, principalmente. Porque daí vai e ajudar.

Foram propostas pelas graduandas diversas situações que importassem suplantarem as barreiras vivenciadas Curso, com foco na meia-idade, como a criação de disciplina Obrigatória de “Informática” que viesse em auxílio de quem necessitasse, principalmente porque o domínio deste conhecimento, ou possibilidades de acesso às tecnologias da internet, nem todas possuem. Mas que sejam ministradas na FABICO a partir do 1ª semestre. Neste sentido, foi especificado que fosse Obrigatória, pois segundo informações, sendo de caráter das Eletivas nem sempre será possível conseguir vaga, já que depende do número de oferta e procura, assim, como do ordenamento do aluno no Curso. Foi levantada também a questão de que o Curso não está oferecendo disciplinas Eletivas suficientes, em contrapartida às exigências de créditos na Graduação.

Se propôs igualmente, laboratório ou Eletiva para o atendimento às barreiras, já no 1º semestre. Da mesma forma, foi apontada a hipótese da Universidade

oferecer cursos de informática, com ajuda ao pacote Office e Moodle, dentre outros, que abrangessem em especial o auxílio às barreiras no acesso e uso ao computador com internet, visando as dificuldades que apresentam a meia-idade junto às tecnologias. Bem como, foi sugerida disciplina Obrigatória de “Produção Textual” com aulas ministradas nos ambientes da FABICO. Logo, para Valentim (2010, p. 87), “O ato de apropriação não deve ser percebido como uma ação passiva em que o indivíduo acumula as mais diversas informações, mas não as compreende nem utiliza em seu cotidiano. Pelo contrário, [...]”.

Assim, compreendem eu as informações que acessam nem sempre são compreendidas devido à falta de leituras, portanto pesam a necessidade de haver cadeiras voltadas às suas dificuldades, visto que se tornaria mais tranquila sua formação acadêmica. Houve a proposição das alunas buscarem estar incluídas por meio de interações em agrupamentos com os mais jovens, para facilitar o processo de entrada no Curso. E, mesmo, antes de ingressar, foi aventado a importância da aluna se preparar, procurando ajuda, seja junto aos amigos, ou no computador, já que que ele orienta como proceder nele mesmo. Bem como, se falou que é preciso estar atualizada ao entrar na UFRGS, de mente aberta, dado que neste ambiente universitário por ser público, muitas situações vão ser encontradas que comumente não se veem, mas que tem de ser encaradas como habituais, aceite ou não, farão parte das convivências.

Aconteceu a recomendação de “treinamento por parte da Biblioteca” para o “auxílio” e busca de itens do acervo da Universidade, devido às dificuldades tecnológicas desta ordem. E, ainda, houve a sugestão de que a UFRGS desenvolva “um olhar mais especial” à meia-idade e igualmente à terceira idade nos Cursos, tendo em vista que cada vez mais estão ingressando na academia este contingente de alunos. Entretanto, conforme verificado por elas, alguns professores entendem que nesta fase da vida a pessoa “já não se é mais produtiva”, então, não há “muito interesse”, e, a exemplo de vir tentar uma Pós-Graduação, de acordo com o que foi ouvido de uma professora, “a Universidade não tinha interesse em aluno mais velho”.

Elas sugeriram também que o Curso disponibilize em seu currículo, além das disciplinas técnicas, um número suficiente daquelas de formação das humanas, visto estar havendo esta deficiência em sua graduação. Pois compreendem que estes ensinamentos e aprendizagens possibilitam pensarem sobre questões importantes

suas e de todas as pessoas no contexto individual e da sociedade, prevendo resoluções favoráveis. Também foi levantada a questão de que algumas disciplinas técnicas parecem estar repetindo os conteúdos, portanto, se propôs a união delas em uma única, para dar espaço às humanistas, dado que as percebem como disciplinas motivadoras do Curso, e a maioria das alunas está sentindo bastante falta. Ainda na importância de uma formação mais humanista do Curso, sugeriram que estes saberes viriam a possibilitar um melhor embasamento, particularmente à mediação de leitura, visto perceberam certa carência deste fazer no andamento das disciplinas. Além da compreensão de que, como futuras Bibliotecárias, pudessem ajudar as pessoas nas Bibliotecas a desenvolverem o “gosto” pela leitura, na oportunidade de um “entendimento” mais profundo dos assuntos dos livros e quando da elaboração de interpretações acerca dos temas. Houve também a sugestão de criação de Disciplina Obrigatória direcionada à Biblioteca, isto é, ao espaço, tendo em vista o incentivo às leituras, principalmente porque no país o maior número de Bibliotecas são as Escolares, sendo estes ambientes importantes ao auxílio dos futuros leitores.

Na continuação, foi realizada reflexão da relevância de se trabalhar nas disciplinas outras questões, longe das tecnologias atuais, tendo em vista que o aprendizado acontece não somente “através do celular e do computador”, mas também nas interações, pelo contato palpável entre as pessoas, como por meio de “roda de conversa, através de histórias, através de música, de saraus, através de trocas de ideias, através de filmes”. Trouxeram como exemplo, as disciplinas desenvolvidas pelas Professoras Eliane Moro, Leitura, Biblioteconomia e Inclusão Social e Serviço de Referência e Informação, e, Martha Bonotho, Literatura e Biblioteconomia e Sistemática da Literatura Infantil, pois entendem que ao desenvolverem estas competências estarão aptas à resgatarem as pessoas para dentro da Biblioteca, na devida importância da leitura para o desenvolvimento do país.

Quanto às barreiras da língua inglesa, sugeriram, à quem tivesse possibilidades, fazer cursinhos preparatórios antes de ingressar na academia, já que na Internet alguns são gratuitos. No entanto, também foi pontuado, a partir do raciocínio de alguns Mestres de outro Curso, a importância das pessoas ao falarem, ser na língua de seu país, neste caso, o português, pelo fato de estarem no Brasil, e que não deveria haver a obrigação de uma língua estrangeira. Entretanto, diante

deste pensamento, houve a compreensão de que, embora o inglês possa enriquecer, não significa que irá tornar as pessoas melhores, porém como o mundo em suas premissas exige e é também “cruel”, assim, é preciso buscar estes saberes. Se remeteu ao fato de que o ensino do inglês aqui no país é precário, e os cursos gratuitos nem sempre podem ser considerados bons, igualmente acontece um aprendizado fraco da língua inglesa nas Escolas Públicas, em que a maioria estudou. Mas a realidade do Brasil, conforme o raciocínio delas, é bem diferente, devido a debilidade na educação e deve ser considerada, neste sentido, no contexto da Universidade. No entanto, não impede que os professores da UFRGS, em grande parte, sigam fazendo imposições acerca do inglês, trazendo dificuldades à sua formação acadêmica.

Uma outra sugestão diz respeito a UFRGS desenvolver “Programas” para as pessoas nesta fase de meia-idade superarem as barreiras vivenciadas, assim foi dado como exemplo os disponibilizados aos diferentes grupos pela Instituição, como dos “cotistas.” Especialmente porque percebem que em Cursos como de “Biblioteconomia e Arquivologia”, ingressam pessoas em “idade mais avançada”, então, se entende que a Universidade precisa desenvolver ações para a “inclusão destas pessoas, já que estes ensinamentos não eram acessíveis quando estudavam em suas épocas. Foi aventado que “a barreira pior é na informática”, logo, que a inclusão, como foi proposto, se dê no “mundo tecnológico” da internet, “na questão do manuseio dessas novas ferramentas”. Foi sugerido que a UFRGS tome providências quanto às barreiras apresentadas pelas alunas possibilitando “resgatar essas pessoas pra dentro da Faculdade” para que se evite a “evasão”. Houve a sugestão de que a Universidade fizesse um trabalho de conscientização e reconhecimento da meia-idade e terceira idade, junto aos jovens, para que se dê o devido respeito aos mais velhos, visto que no país esta prática “se perdeu totalmente”. A título de exemplo, “a tradição de profundo respeito aos mais velhos” que faz parte das “culturas orientais”.

Ainda se propôs que a UFRGS desenvolva “Ações Afirmativas”, conforme vem fazendo com outros grupos, como os de baixa renda, por exemplo, voltadas às pessoas de meia-idade e suas necessidades.

Questão 7 – Sendo acadêmica da graduação, descreva como você incentivaria uma pessoa de meia-idade a cursar Biblioteconomia na UFRGS?

Sujeito 1 – 1ª Etapa:

Não sei se incentivaria, nunca tinha parado pra pensar nisso, risada. Porque pra mim, pra começar foi uma realização pessoal, mas não foi ah...minha, diretamente minha escolha, né, praticamente fui induzida, né, à Biblioteconomia. Por dois motivos, meu filho disse mãe é uma coisa que tu gosta, né? A professora vai me, me, me puxar o cabelo se eu disser gosta de ler, porque não é esse gostar de ler, não é? Mas é uma coisa assim que...(Sobre gostar de ler?) Gosto, desde pequena, tive paixão, mas não tinha condições de comprar livros, meus pais eram muito pobres e tal, então aquele livrinho que eu ganhava, assim de vez em quando eu lia e relia aquilo, então eu queria mais, mas não tinha condições, né, então, ah..., mas assim, a tua pergunta, não sei se eu...porque é complicado, bem difícil nessa idade. Eu tô achando bem puxado pra entender às leituras, é muuuuuita coisa pra ler, né, bastante coisa, bastante texto pra ler e, e tudo perto, assim os trabalhos, né, em ordem pra entregar, e aquilo tem hora e tudo certinho. Pra mim não é problema porque eu sou organizada, assim com as minhas coisas, mas eu acho que ah, é bem puxado o Curso. [...]. Então, mas assim, de incentivar alguém pra esse curso, eu não, eu não parei pra pensar assim se eu faria isso, porque agora de início. Talvez, se tu fizer essa pergunta pra mim daqui há dois ou três semestres, talvez eu te responderia de outra maneira, né, mas gora nesse momento de início de...eu não tinha parado pra pensar em incentivar, ou nada assim.

Sujeito 2 – 2ª Etapa:

Ah, eu incentivaria por todos estes motivos, né, um Curso muito bom, muito bacana, ele traz pelo menos até agora assim, bastante conhecimento. O universo dentro de uma sala de aula é muito amplo, é muito enriquecedor, né? Ah...a gente pode ter muitas informações através do computador, jornais, esse tipo de coisa, mas a convivência com outras pessoas, a troca de ideia, né, ah, ah...dentro de uma sala de aula não tem preço, isso não tem preço, né? Tu olhar pra uma pessoa e já naquele momento, tu já discutir com ela, eu concordo contigo, eu discordo, por isso, por aquilo, né? As pessoas estarem te indicando livros, filmes, então a Biblioteconomia traz muito isso, os professores sempre indicando muitos livros, ah...muita acessibilidade à informação que a gente tem na Biblioteconomia né, então, ah...eu tô adorando o Curso até agora, né, então acho que que vale a pena. [...]. (Sobre a utilização da Biblioteca?), Utilizo, utilizo, esse semestre eu fui uma ou

duas vezes por enquanto, mas semestre passado eu utilizei bastante, inclusive eu utilizo pra fazer algum trabalho, ah, ah, se eu tenho um tempo vago vou pra lá já e fico tentando iniciar alguma coisa, ah...empréstimo de livros, ah...(Sobre o acesso às bases de informação?), Quase todas, aha, às mais básicas, assim, tranquilo, tranquilo. (Sobre o acesso às fontes de informação?), Também, também, também, também, aha, também. [...].

Sujeito 3 – 3ª Etapa:

Ah...eu acho que ah...eu estimularia assim, olha coloca tua mente pra pensar, e olha vai ler, pensar e refletir, isso eu acho que faz muito bem pra gente na idade. Eu acho, aha. Bota a mente a funcionar, não deixa tô aposentada já, não, vamos lá vamos tá na ativa, vamos ler, vamos refletir porque isso eu acho que isso ajuda muito.

Sujeito 4 – 4ª Etapa:

Olha, se eu partir da minha experiência, vale a pena, então se uma pessoa já tem uma formação, no meu caso, caso de outros colegas, é algo a mais que vai ampliar horizontes, talvez ampliar possibilidade de se reinserir no mercado de trabalho, pra quem possa querer, ou quem sabe uma formação que possa beneficiar um trabalho voluntário, que é a, que eu espero fazer, se eu chegar a concluir a Graduação. Então eu acho que essas pessoas, eu penso em concluir. Eu vim aqui pra ser feliz, é isso que eu digo pra todo mundo. Eu estou sendo feliz. Se a minha felicidade vai até o final, eu não sei, eu espero que sim. (Sobre ser uma graduanda que tenha tido dedicação integral à família?) Bom, já, já dedicação integral à família, não tenha tempo, é meio difícil, porque nós temos muitas leituras, muitos trabalhos. Eu gostaria, [...] eu gostaria [...] que tivesse um pouco mais de prática, ah...nós tivemos uma disciplina que não por culpa, por responsabilidade do ministrante, da ministrante, mas é uma disciplina que ao meu ver, deveria ser ela totalmente prática, ou ser ela realizada, hummm, agora esqueci o nome da disciplina [...] a professora de um conhecimento incrível, mas nós não fizemos aquilo em laboratório e eu, pra mim, foi um ponto negativo. Não vou falar pelos demais, porque cada um vai saber de si, mas era uma disciplina que teria que ser exclusivamente dentro de um laboratório, com a ministrante, com a professora mostrando todos os passos. Então eu acho que nós deveríamos ter mais aulas de laboratório já a partir, olha, talvez

não do primeiro, mas do segundo, terceiro semestre já deveria já ter isso daí. Então, para uma pessoa que não tem uma trajetória, ah, fazer uma, uma leitura, algo abstrato, é difícil, né, se a pessoa já não tem uma trajetória, porque se a gente, quer queira quer não, independente do Curso de formação, se tem o Curso ah, anterior, de uma certa forma a gente é obrigada a aprender a abstrair, e quem não fez isso é mais difícil. Talvez essa possa ser, principalmente se for uma pessoa que já passou pelo ensino médio há muito tempo, que ficou muito tempo, que ficou muito tempo fora da, do ambiente escolar, né? Então, aí eu acho que as dificuldades podem ser, né? No meu caso, é, talvez no meu caso não porque, porque eu terminei minha Graduação, eu trabalhei, eu, como eu disse eu sou professora, eu trabalhei tanto com criança, como com adolescentes, com adultos também, então, aposentei. Aposentei na metade de 2015, e aí no final do ano eu me preparei, eu fiz o vestibular. Então, eu acho que seria ah...tipo, (Sobre laboratório, oficina?), eu acho que tem que ter essa possibilidade das pessoas ah...se prepararem para utilizar os meios e os recursos que a Universidade dispõe.

Sujeito 5 – 5ª Etapa:

Risadas. Pergunta difícil. Ah...eu...não sei se eu direcionaria para um Curso de Biblioteconomia, eu acho o curso um pouco complicado pra uma pessoa da terceira idade, mesmo porque creio que não teria muita chance no mercado de trabalho, porque as pessoas preferem os jovens, né? Mas de qualquer forma, é, o que me motivou a fazer o curso foi que eu passei no ENEM, né? E foi o curso que eu consegui entrar. Depois de já estar no quinto período não tem como eu desistir, mas realmente é difícil, risadas, tentar motivar alguém. (Sobre desmotivação), Não, eu até gosto, tem alguns uns desafios que eu enfrento, né? Gosto do curso que eu faço, só que não é o meu foco, né? Meu foco é a Psicologia, é isto que eu vou continuar tentando. (Sobre continuar os estudos). Sim, eu pretendo concluir esse curso e depois partir pra Psicologia.

Sujeito 6 – 6ª Etapa:

Risada, bom, uma questão é a, a questão do inglês que eu acho super importante, né? Então, ah...pra incentivar, a, a questão da graduação, acho que sim, que essa coisa de buscar a questão, do, do, do idioma, né, do conhecimento do, do idioma, seria bem importante. Essa questão de estar aberta pras novas tecnologias,

pras, pra, pra, como esse, essas novas organizações do conhecimento que tá bem, tá bem vinculada a esta questão da área da, da, da Ciência da Informação, da Ciência da Computação, da Ciência da Inteligência Artificial, então eu incentivaria nessa, nesse sentido. As pessoas que gostam dessa área, então eu acho que elas estariam muito bem colocadas no nosso Curso, e as vezes essas pessoas nem tem ideia de que, como o Curso hoje, proporciona muitas vivências, nesse, nessa questão, né, dessa, desse, da organização do conhecimento, a partir, né, da, da Web, da, da, da Internet. Então, eu acho que eu incentivaria dessa forma, de pessoas que gostam dessa, dessa questã

Sujeito 7 – 7ª Etapa:

Hum...risadas, não incentivaria, risadas. Sinceramente aqui dentro da FABICO, eu...eu não incentivaria. Se eu tivesse que incentivar alguém da meia-idade a fazer um Curso aqui da FABICO, eu incentivaria a fazer Museologia, porque a Museologia tem uma diversidade maravilhosa, entende? Que convive perfeitamente bem. Tem gurizadas de 20, e eu tenho amigas de 60 anos, de mais de 60 anos fazendo. São diferentes, mas eu acho que pelo próprio perfil de pessoas que tem interesse pelo Curso, porque o de Biblioteconomia é muito técnico. Acho que falta, que é uma coisa que falta muito na nossa graduação, são cadeiras mais ligadas às áreas de humanas, e isso também eu, eu atribuo a essa ausência aí, a dificuldade da gurizada de se inteirar melhor com o pessoal da meia-idade do Curso de Biblioteconomia, né? Acho que isso seria uma coisa interessante de se agregar ao currículo, que propiciaria, pelo menos que essa gurizada fosse formando uma cabeça mais ligada às questões humanas, né? Por isso, eu a princípio eu não indicaria e indicaria Museologia, porque a Museologia é um Curso que prima por essa área. Então, talvez em função disso, o do perfil das pessoas que buscam, essa interação acontece sem tantas barreiras.

Sujeito 8 – 8ª Etapa:

Eu de repente faria...não, eu incentivaria, seja Biblioteconomia ou qualquer outro Curso, não, não importa o curso. Eu incentivaria até porque foi ontem mesmo eu tava dizendo pro meu cunhado, ah eu gostaria tanto de fazer uma faculdade. Eu disse porque tu não tá fazendo? Gente! Tu tem 60 anos, mas tem capacidade pra

fazer. Só precisa disso mais nada. Capacidade e vontade. Eu acho que eu incentivo e incentivaria sim. (Sobre o que você falaria a respeito do Curso?) Ah eu não sei, porque o problema é que o Curso já é assim muito mais pessoal, né? Aí, eu não...é...,eu acredito que é o melhor curso, mas era, é a minha vocação, risada, entendeu? Eu amo o Curso de Biblioteconomia! Adoro trabalhar na área. Trabalhos que eu fiz, que eu participei foram ótimas, assim. Então falar bem do Curso, mas eu acho pra incentivar uma pessoa da nossa idade a voltar a estudar, eu acho que mais, é mais pessoal, né? Mais tipooo, ah...escolhe o curso que te motive, que tu goste, que tu tenha ahh...uma ligação. [...]. (Sobre ter feito alguma bolsa?) Não, não. (Sobre ter trabalhado no percurso da Graduação?) Trabalhei no primeiro e segundo semestre com contrato, contrato emergencial da, do Estado na escola. E aí, depois fiz estágio na, no Arquivo Histórico. (Sobre ser Professora?) Não, eu trabalhava na limpeza.

Em resposta, a maior parte das alunas disseram que incentivariam outras pessoas a fazerem o Curso Biblioteconomia, principalmente aqueles que tem interesse na área, dado a abrangência do trabalho com informação, público e mediação. Sendo assim, percebem que o Curso é “muito bom”, pois possibilita ampliar os conhecimentos, igualmente daqueles que já tem formação superior. Pontuaram que os debates e interações nas aulas são estimulantes e ricos, trazendo possibilidades de crescimento ao grupo, assim como o Curso oportuniza a reinserção ao “mercado de trabalho”.

Entretanto, tem aquelas que expuseram não saber se incentivariam, visto ser um Curso difícil em que há exigência de muitas leituras e trabalhos acadêmicos, portanto, se torna “complicado”, assim, como não sabem se haveriam oportunidades no “mercado de trabalho”, devido à idade.

Também algumas graduandas deixaram claro que não incentivariam à Biblioteconomia e esclareceram suas razões como sendo um Curso muito técnico em que há falta de disciplinas voltadas às humanas. Mas há quem incentive à Museologia, pela ocorrência de uma “diversidade maravilhosa” e de boa convivência entre as pessoas de várias idades, percebendo que estas ocorrências podem estar ligadas ao perfil dos alunos que procuram o Curso, ou seja, voltadas às questões sociais.

Questão 8 – Quais seus projetos de vida para o exercício profissional?

Sujeito 1 – 1ª Etapa:

Ah...não tô ah...me preocupando com isso, né? Ah...mas assim, já tão surgindo algumas ideias de, de qual a direção que, se eu for trabalhar ou pensar nisso já tá brotando assim umas ideias de Biblioteca. Ah...ou concurso, ah...escola particular, né? Mas, não assim, não tô ainda com, com grandes, né, grandes sonhos, né, de trabalhar, e, e grandes salários, não tô com isso ainda em mente, agora. Tô curtindo, agora que as coisas tão assim. De repente já me surgiu assim uma, gosto muito de história, ah...li texto de arquivo e já tô também gostando. Então tô assim, né? Tá, tá borbulhando as ideias ainda na cabeça, né? É muito, muito recente, né? Então, tá tudo borbulhando ainda, não, não tenho nenhuma ideia assim. É, não tô com foco de, de quero aquilo quando terminar o Curso. Eu tô vendo as possibilidades, né, o que que, para que lado eu vou pender depois.

Sujeito 2 – 2ª Etapa:

Ah, isso por enquanto não, não...tenho nada especificado, né, vou...eu, eu trabalho, né, eu tenho já minha profissão, ah..., mas dependendo do que...eu..., sou [...], eu trabalho [...]. Então, dependendo do que até eu me formar, vamos ver se eu me aposentei nessa profissão e abre espaço pra outra, se eu vou trocar de profissão, fazer um concurso público, ou alguma coisa desse tipo. (Sobre atuar na profissão de Biblioteconomia), Não, não tenho objetivo, não sei se eu vou atuar na profissão, mas pode ser que sim, pode ser que sim, a probabilidade é grande. Eu entrei pensando nisso, (sobre melhoria profissional), pensando nisso, sim, sim, sim. Porque hoje em dia a aposentadoria cedo, é, é ruim, né? Com essas mudanças..., (Sobre as interrogações de uma aposentadoria tardia?), Exato, exato, exato, exato, e um concurso superior sempre, ah...te abre, ah...outras portas, né? (Sobre ser concursada?) Sou concursada.

Sujeito 3 – 3ª Etapa:

Ah...por mais que pareça estranho eu pretendo exercer ainda a Biblioteconomia. Concurso. Eu vou te dizer porque concurso. Porque eu acho que no concurso tu não passa pelo crivo, assim te olham e te rotulam, hummm. E no concurso tu passou e tu vai ser aceita. Ninguém vai te fazer uma triagem pela tua

idade, pelo teu invólucro, porque na verdade é só um invólucro, porque a gente pode ter uma cabeça muito jovem.

Sujeito 4 – 4ª Etapa:

Bom, se eu continuar sendo feliz e concluir até lá, eu gostaria de trabalhar como voluntária em alguma Organização Não Governamental, né? Ah...como eu disse, a minha experiência com Biblioteca vem desde que eu tinha 8 anos de idade, pra mim a figura do Bibliotecário é imprescindível na vida de um leitor, e leitores a gente forma, não no sentido que coloca dentro de uma forma, né? Mas a gente ajuda a, a se construir. Leitor se constrói. Ninguém nasce leitor, assim como ninguém nasce professor. Eu, como fui professora de magistério, dizia pras minhas alunas, vocês não nasceram professoras. De vez enquanto alguém diz assim, eu sou professora. Não, não é, tu te constrói professora, né? E o leitor eu vejo assim. Então, as crianças aprendem a gostar de ler se tiverem orientação pra isso, se tiverem oportunidade pra isso. Então, eu gostaria muito de trabalhar numa Biblioteca Comunitária, numa Biblioteca numa Associação, né, principalmente naqueles ambientes onde é mais difícil chegar o livro, a informação. Isso foi uma das motivações que me trouxe aqui.

Sujeito 5 – 5ª Etapa:

Olha, eu não pretendo trabalhar nessa área, vou organizar as Bibliotecas dos meus filhos, das...das pessoas que eu conheço, e...não sei, como bibliotecária eu não pretendo seguir carreira.

Sujeito 6 – 6ª Etapa:

Risadas, assim, oh, na verdade eu já pensei em várias coisas. Eu, eu sou uma pessoa que trabalhei muito com a questão da Inclusão, né? Inclusive, no, eu sou Conselheira, como eu já disse, do Conselho Municipal de Educação de Porto Alegre, tá? Ah...então, lá a minha Comissão que eu faço parte, sou Coordenadora da minha Comissão, ela trabalha com a Educação, Ensino Médio, a Educação Especial e a Educação de Jovens e Adultos. E...então, essa, nós fizemos a Normatização do Sistema Municipal de Ensino, da questão da Educação Especial. Então, essa questão da Acessibilidade em Bibliotecas, estudar profundamente isso, né? Ah...que barreiras, foi uma coisa que, que se tem me interessado. Eu, eu tenho

lido bastante sobre isso. Mas eu também percebo que a gente não tem muita, muito conteúdo, a partir disso. Então é uma coisa que talvez, eu pense assim, mais em termos de, de consultoria, talvez me aprofundar mais nessa área que eu me, gosto muito, né? Que foi uma área que eu tive muitos anos de atuação. Ah...de poder tá, talvez trabalhando com consultoria. Não sei se eu faria, assim um concurso, isso eu não sei, porque eu te dá assim, isso é voltar a...eu sou aposentada, né, é ter aquele horário, mais fixo, então talvez, uma questão mais, mais liberal, né? É, é, de montagem de como é, de como tu organizar um ambiente, um ambiente acessível, como é que tu pode trabalhar essa Biblioteca. Como é que tu pode montar, organizar um acervo que ele tenha acessibilidade. Porque assim, hoje em dia, as pessoas pensam muito, as pessoas no geral, no senso comum, a acessibilidade é, é a barreira, assim, física, né, pro cadeirante e tal, e as vezes, nós temos dentro da, da acessibilidade, né, muitas barreiras, por exemplo, da pessoa que tem, um autista, por exemplo, né? Isso, poucas pessoas pensam, né? Um autista. Como é que tu vai lidar, né, atender um autista dentro de uma Biblioteca, por exemplo. Como é que tu vai disponibilizar o acervo. Claro que tem muitas técnicas pra cego, já pra surdos, pra deficientes físicos, ou pra quem tem baixa mobilidade, mas essas, ou, por exemplo, uma pessoa com uma deficiência intelectual, como é que tu atende, né? Isso, é, como que tu atende. Eu acho assim que, juntar esse conhecimento da, destas questões, com a questão da Organização da Biblioteconomia, é um pouco o que eu, que eu tô pensando, né? Trabalhar com essa coisa dos, da questão dos direitos humanos, que todos tem direito a frequentar esse espaço, de ser bem atendido, e ser compreendido na suas necessidades. Então, eu acho que hoje tem as questões das barreiras arquitetônicas, há uma preocupação, mas não só, as barreiras arquitetônicas, né? Tu tem que ter, ah...uma acessibilidade atitudinal, então tem que ter uma atitude pra receber essas pessoas, que elas não se sintam excluídas daquele ambiente. Um pouco isso que eu penso, mas vamos ver, o tempo dirá. Risadas.

Sujeito 7 – 7ª Etapa:

Eu quero fazer uma Pós-Graduação em Ayurveda, que é o cuidado com a saúde integral da medicina indiana, né? E para fazer um bom curso é...se exige uma graduação, né? E outro fator que pesou foi a possibilidade de fazer concurso, porque eu tive uma orientação de que os Cursos de Biblioteconomia e Arquivologia

eram cursos interessantes se a pessoa quisesse prestar um concurso, é isso. Aliás, eu sofri bastante no Curso, porque eu tenho horror de coisa técnica, risadas, e é só técnica, técnica, técnica e técnica, risadas.

Sujeito 8 – 8ª Etapa:

[...]. (Sobre pensar na realização profissional?) Não, no meu caso não. É...claro, se eu conseguir alguma coisa, ótimo, mas se eu não conseguir também, não vai ser...Eu comecei a fazer pra me realizar pessoal, não, não foiiii pra ter uma profissão, até porque meu marido se aposenta agora em final do ano, não, no outro ano e eu acho que eu não vou né? A gente vai viajar, fazer outras coisas, então eu não sei se eu vou trabalhar, mas, é mais é pessoal mesmo. Ai, agora vem aquela questão que não tô querendo trabalhar, mas se aparecer alguma coisa, risada, eu entro, de cabeça. Agora, a princípio não tenho ...porque meus planos são outros. Ir embora pra Santa Catarina, pra começo de conversa, porque minha filha e meu neto moram lá. Então, terminando e meu marido se aposentando, ir embora pra lá que eu vou. E lá se aparecer alguma coisa, com certeza eu vou fazer, maisss, eu não...(Sobre fazer concurso?) Não, nem concurso, porque não é..., meu foco não é trabalhar Se for claro. Era uma realização. (Sobre a experiência com o Estágio Obrigatório?) Eu ah...tive dificuldade pra arrumar um Estágio Obrigatório, porquê? Ah...primeiro porque eu tinha conseguido na PUC, aí eu...quando eu tava preparando os papeis pra entrar, a guria disse, ah...mas a PUC agora não tá mais pegando estagiário. Aí eu já fiquei apavorada, e eu disse, e agora como é que fica? E isso eu já estava no, no...março, abril. Aí eu preciso, em cima do laço, não tinha como. Aí eu corri e fui no Viamão no Maria Estela, ops, no Stella Maris, Stella Maris. Aí no Stella Maris, nãoo. (Sobre o colégio ser Marista?) Não, Stella Maris é, é particular, mas não é Marista. E aí lá a Bibliotecária só estava lá duas vezes por semana. Aí não dava pra fazer. Aí consegui no Medianeira que é Marista, Escola Marista das Graças, ali em Viamão. Foi o melhor estágio! Eu acho que foi o melhor lugar que eu caí. Porque a Bibliotecária é maravilhosa. Todo trabalho que eu fiz lá foi, foi impressionante, assim, coisas, foi...(Sobre o que fez na Biblioteca?) De tudo, desde de Catalogação, ah...Empréstimo, Referência, ah...Estante, ah...Contação de Histórias, enfim. (Sobre o atendimento?) Todo, todo, todo atendimento da Biblioteca passou por mim. Inclusive geren, atendimento ao público, gerenciamento, ajudava ela a, a construir as normas que ela queria, ah...ajudei ela a fazer hum...projetos de

leitura, de conhecim. Eles tem umaaa, conhecimentoooo, Gincana do Conhecimento. E nessa Gincana do Conhecimento, ela tava fazendo projeto quando eu cheguei, ajudei ela a fazer, então passei por todas as etapas lá dentro, foi umm sensacional. Aprendi muito. (Sobre ter realizado um sonho?) Sim, porque é uma escola maravilhosa! Se me chamassem pra trabalhar lá, eu ia, risadas. (Sobre a Escola?) Escola Marista Graças e o nome da Biblioteca é Biblioteca Medianeira. (Sobre a prática do estágio?) Foi perfeita! Eu sempre digo que o Curso é muito bom, mas a prática é melhor. É melhor porque ela, abre, abre, aprende muito mais na prática que na teoria. Esse que é o ponto. Eu acho que tu consegue ah...colocar aquilo que tu vê em aula, tu consegue colocar na prática e entender, aquilo que tu não entendeu na aula. Porque eles podem falar mil e uma vezes sobre o assunto, eles podem te explicar ah...toda vez que tu perguntar elas podem te explicar, mas tu não vai entender. Tu vai entender realmente quando tu tiver lá na prática. E foi muito bom! Foi um estágio excepcional. [...]. (Sobre o que os alunos retiram de leituras?) Muito livro, muito livro. Então eles tem a hora...Eles retiram literatura infantil. Eles tem um vez por semana, cada turma tem o seu dia. Então eles tem a hora do...No caso dos pequenos, as professoras levam uma vez por semana na Biblioteca. No caso dos pequenos de 1ª à 4ª série. Eles retiram livros, trocam né? Fazem trocas de livros, retiram livros, ah...tem uma hora do conto, ou que a professora faz, ou que a própria Bibliotecária faz, ou que as crianças maiores adoram fazer lá. Eles pegam os livrinhos leem e depois pedem pra Bibliotecária pra contar pros bem pequenos. É maravilhoso, sorriso. (Sobre as idades?) As gurias devem ter entre dez, dez e doze anos. É a idade das meninas que gostam de ler. E eles contam pros menores. É muito legal de ver. [...]. É lindo de ver. [...]. (Sobre o tamanho da Biblioteca?) Não muito ela é assim, ela tem um espaço das estantes, depois tem uma peça fechada razoavelmente, também que não é muito grande, sorrisos. Que ficam os pequenos, que tem a parte infantil. A parte do Processamento Técnico que também, mas é junto com a Biblioteca, ela é fechada só com um balcão. É bem pequeno o espaço. Até a Bibliotecário reclama muito por isso. Porque ela não consegue catalogar. Porque sempre que ela vai pra isso daí, claro tem...entra as crianças fazem...E ela não consegue catalogar. Ela tá com uma dificuldade enorme nisso. Eu disse pra ela, não eu velho nem que seja pra fazer um trabalho voluntário, sorrisos. (Sobre como são organizados os livros?) Eles eram catalogados, agora ela tá fazendo, eles tão fazendo uma mudança grande, trocando toda essa coisa de, de números pra cor.

(Sobre o porquê?) *Porque pros pequenos é melhor. Ah...eles conseguem visualizar melhor, né, ah...as leituras por cores, então, ela achou melhor trocar a parte infantil e colocar em cores. Então, ela tá fazendo todo esse trabalho agora. (Sobre Saraus?) Tem Saraus, até agora semana passada, inclusive dois dias eu fui. Eles tinham a semana da literatura, da leitura, semana da leitura. Ela montou tipo uma feira da, da Feira do Livro, ela montou noooo, é...eles tem uma peça enorme lá, um auditório, um negócio assim bem grande. É o Centro Cultural que eles chamam. Eles fizeram lá dentro, ela colocou as barraquinhas e os editores vão. Aí ela convida os editores eles colocam, eles expõem seu trabalho, eles fazem autógrafa. É muito legal. E eu fui dois dias. No primeiro dia eu fui pra ajudar ela a montar e aí no outro eu fui pra visitar e adorei, é um lugar muito bom. Maravilhoso!*

(Sobre o TCC, a trajetória?) *É bem complicado porque eu escolhi um tema que não tem na literatura. [...]. Ele foi Bibliotecário numa época que não existia Biblioteconomia. (Sobre o ano?) 1937. Ele foi Bibliotecário do Arquivo Histórico de Porto Alegre. Só que isso não tem na literatura, a gente não consegue encontrar documentos. Aí o que, que eu consegui agora foi no Instituto Geográfico, ele doou toda a documentação dele. Tem documentos pessoais, tem cartões, tem...(Sobre o por que da escolha do tema?) Porque eu trabalhei no Arquivo Histórico e eles tem a... coleção pessoal. Estagiei lá e lá eles tem a coleção todinha dele e eu me encantei com ele, sorriso, e aí eu resolvi que queria fazer sobre ele. Claro que eu agora tô assim de cabelo em pé, meio que arrepiada, risos, meio apavorada. (Sobre a produção do TCC?) Ééé a produção do texto em si, aquela coisa que eu falei, ler sobre tudo, ler e entender. O que que tu precisa, pra ti produzir alguma coisa tu tem que ler e tu tem que conseguir entender aquilo que tu tá lendo. E eu tenho muita dificuldade nisso. Muita dificuldade mesmo. Eu leio o texto duas, três, quatro vezes e parece que não entra, não consigo...interpretar, tirar, tirar coisas que eu preciso dali, entendeu? Eu não sei. [...]. É complicado isso. A minha maior parte, é, e minha maior barreira no trabalho é esse. O escrever depois, aí tipo, bah pegar um substantivo, pegar um sinônimo, pegar uma coisa, vou lá aí eu vou lá pra internet e descubro tudo que eu quero. Eu não tenho essa dificuldade. Mas a dificuldade de escrever em si. (Sobre o Referencial Teórico?) Pra montar esse trabalho, eu tô montando ele com fontes, porque a biografia é uma fonte, então eu tô usando fontes, eu tô usando a biografia [...].*

Em relação as respostas das graduandas a respeito do que pretendem profissionalmente após a formatura, foram bem variadas, assim, tem aquelas que não estão muito preocupadas com a questão profissional, no entanto as ideias brotam, como atuar em Biblioteca de Escola particular. Outras, pensam, talvez, após aposentadoria, investir na carreira de Bibliotecária, mas sem nada definido. Tem quem pense em atuar na Biblioteconomia por meio de concurso, pois é uma forma de não sofrer com o preconceito da idade, caso tenham que concorrer pelas vagas de emprego, principalmente devido à aparência. Tem aluna que gostaria de trabalhar em ONGs, Associações ou Bibliotecas Comunitárias com voluntariado, auxiliando e incentivando as crianças às leituras, especialmente porque nestes lugares entende ser mais difícil chegar a informação por meio do livro. Outra diz não ter a pretensão de trabalhar na área, então pensa na possibilidade de organizar a Biblioteca dos filhos. Foi pensado também na possibilidade de trabalho de consultoria a respeito de Acessibilidade em Bibliotecas, física e atitudinal, de acordo com as necessidades das pessoas. Se colocou, ademais, fazer trabalho autônomo em Bibliotecas, ou *freelancer* em informática, com montagem de base de dados, entretanto em função da idade não pensa na possibilidade de ser funcionária. Houve quem gostaria de fazer Pós-Graduação em outra área em que não seja essencialmente técnica.

Sobre o desenvolvimento do TCC, conforme explicação, está sendo “bem complicado”, devido a escolha do tema que, por se tratar da biografia de um Bibliotecário, não tem material suficiente, como documentos, no entanto houve um encantamento por este profissional que viveu em outra época. Em relação às leituras que estão sendo feitas e os entendimentos necessários à produção do TCC, algumas dificuldades são encontradas, segundo a graduanda. Pois para haver produção de material são necessárias além das leituras, compreensão dos textos, razão pela qual a necessidade de ler diversas vezes os mesmos materiais para tentar interpretar os autores e produzir os conhecimentos.

Quanto ao Estágio Obrigatório, foi discurrida dificuldades para conseguir a colocação em uma Biblioteca, motivo de ter percorrido várias Instituições em busca de alguma que oportunizasse a prática, mas que contivesse o profissional Bibliotecário que acompanhasse o desenvolvimento de suas atividades. As alegações para a não aceitação foram variadas, razão pela qual houve pânico, ou seja, pela possibilidade de não conseguir fazer o Estágio em tempo hábil.

Entretanto, após algum tempo, segundo a aluna, conseguiu, se tornando um excelente estágio em uma ótima Biblioteca, igualmente com uma Bibliotecária “maravilhosa”. Em que as atividades orientadas estavam dentro do que era necessário ao seu desenvolvimento prático. Segundo a aluna foi um trabalho “impressionante”, ou seja,

... desde de Catalogação, ah...Empréstimo, Referência, ah...Estante, ah...Contação de Histórias, enfim. [...] Todo, todo, todo atendimento da Biblioteca passou por mim. Inclusive geren, atendimento ao público, gerenciamento, ajudava ela a, a construir as normas que ela queria, ah...ajudei ela a fazer hum...projetos de leitura, [...] então, passei por todas as etapas lá dentro.

De acordo com ela, aprendeu “muito” na Biblioteca sendo orientada pela Bibliotecária.

10.2 ENTREVISTA PROFISSIONAL INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UFRGS

O primeiro contato convidando para a entrevista a profissional Clary Milnitsky Sapiro, PhD, do Instituto de Psicologia da UFRGS, professora aposentada e Coordenadora do Núcleo de Estudos em Construção de Valores, Identidade e Violência na Adolescência, Instituto de Psicologia. Departamento de Psicologia Social e Institucional / UFRGS, aconteceu por e-mail. Juntamente se enviou as quatro questões a respeito da meia-idade, em anexo, documento Word. A profissional, dentro do prazo estipulado, reenviou o arquivo contendo suas respostas que estão transcritas, *ipsis litteris* em *itálico*, seguidas do comentário da pesquisadora deste estudo ao final da entrevista.

Questão 1 – No Ciclo do Desenvolvimento Humano, qual o período compreendido em anos para a meia-idade?

Atualmente, a classificação para meia-idade tornou-se bastante flexível; a "meia-idade" aproxima-se mais da imagem de um adulto ativo no seu ambiente físico e social, provavelmente até os sessenta anos. Hoje, o "meio da vida" pode ser identificado bem acima de 45 anos. Além da idade cronológica, que ainda é uma referência determinante para a inserção social e garantia de direitos, assim como de limitações de benefícios, - um aspecto preponderante é a representação que os

grupos sociais e a sociedade em geral, faz acerca do indivíduo acima de cinquenta anos de idade.

Questão 2 – Quais as características da mulher na fase de meia-idade?

Existem aspectos hormonais que acarretam mudanças físicas e psicológicas, as características que podem ser generalizadas referem-se aos aspectos fisiológicos; a característica referente à inserção profissional, à autoimagem, etapa de acomodação ou realização profissional, dependerá dos desafios pessoais que cada mulher se propõe a vencer ou adaptar-se.

Questão 3 – Quais as barreiras na formação universitária que essas mulheres enfrentam?

Acredito que a maturidade intelectual tende a favorecer o desempenho mais do que impor barreiras, embora possam haver dificuldades no âmbito pessoal e familiar.

Questão 4 – Como a sociedade percebe a formação profissional nessa fase e o ingresso no mundo do trabalho?

Depende muito do mercado de trabalho, em muitas áreas, o jovem é mais aceito, justamente por representar mais flexibilidade e volatilidade tanto para o estabelecimento de vínculo empregatício, como para o desligamento. Porém, muitas outras áreas dão preferência aos profissionais de meia-idade pela responsabilidade e experiência.

São consideradas importantes ao estudo as reflexões da profissional de Psicologia da UFRGS em respostas às 4 questões da entrevista, acerca da meia-idade das mulheres, demonstrando seu pensamento coerente e de competência argumentativa, junto a experiência evidente. Neste sentido, os critérios ponderados por ela no que diz respeito à compreensão do período de meia-idade estar mais flexível, valida a ocorrência das pessoas quanto à expectativa de vida estarem alongando seu tempo em maior número de anos, diferentemente do que ocorria em tempos passados, em que se morria bem mais cedo, devido às circunstâncias diversas, tendo em vista que a média de faixa etária até então considerada para a meia-idade era inferior aos 45 anos. Neste entendimento Sousa (2008, p. 4),

assegura que, “Em particular, o aumento da probabilidade de se chegar a uma idade avançada permite imaginar o desenvolvimento de um ciclo de vida cada vez mais longo e diversificado, ...”. Nesta compreensão, se torna evidente as mudanças de comportamento dos grupos, em especial da meia-idade feminina, que enseja a busca de novas perspectivas ao seu contexto, pelo tempo de vida maior que tem pela frente, em oportunidades de crescimento pessoal, profissional e social.

Outro importante retorno da ex-professora está relacionado às mudanças psíquicas e físicas, inclusive aquelas relativas às questões hormonais, que estão sendo constantemente expressas no decorrer deste estudo, que permeiam imposições por mudanças em seus estilos de vida. Também pontuado por ela, a “maturidade intelectual” que se inclina em maior parte a auxiliar que trazer dificuldades. Entretanto, elas vivenciam na Universidade barreiras de compreensão de leitura, produção textual e igualmente relativas às tecnológicas com acesso à internet. Neste sentido, se remete à relevância de se refletir acerca de mudanças que facilitem o desempenho das graduandas no decorrer do Curso de Biblioteconomia.

Quanto às percepções da sociedade em relação à formação profissional na fase de meia-idade, segundo a psicóloga, resulta em saber qual o tipo de atividade estão as mulheres propensas a ser inseridas. Se levar em conta as de maior responsabilidade, as chances se tornam mais elevadas, considerando igualmente terem mais “experiências”, do que os mais jovens que se apresentam pouco maduros, portanto, menos aptos e menos experientes nesta época da vida.

11 RESULTADOS

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou verificar e, posteriormente, confirmar a existência de barreiras vivenciadas por mais da metade das graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, sujeitos deste estudo, além de dificuldades apresentadas por uma aluna em meio à Disciplina de Estatística Básica I. Em decorrência, é possível afirmar que o objetivo geral foi plenamente alcançado. Quanto à hipótese do problema em que se questiona sobre as barreiras, na mesma perspectiva, foram aclaradas nos relatos das entrevistadas em falas que expuseram suas dificuldades relacionadas ao acesso e ao uso das TIC e internet, pela pouca experiência, bem como algumas apresentam dificuldades na compreensão e interpretação de leituras e produção textual na forma argumentativa e criativa e também obstáculos quanto as exigências da língua inglesa. Também existem barreiras relacionadas à linguagem técnica e complexa do Curso, geralmente de difícil compreensão. Neste sentido, se pode assegurar que os resultados alcançados apresentam repercussões que se consideram importantes e ensejam mudanças específicas no contexto da Universidade, especificamente no Curso de Biblioteconomia, que venham em auxílio às alunas no decorrer da Graduação. Logo, as alterações almejadas por elas que vivenciam as barreiras, podem ser pensadas com base nas fundamentações expressas nesta pesquisa, tanto do Referencial Teórico, como em seus argumentos, a partir das reflexões atribuídas por meio das experiências na academia.

Com base no exposto, em que se considerou em importância os argumentos da profissional de Psicologia da UFRGS, quanto às questões da meia idade feminina, juntamente se apresentam as percepções, razões e sentimentos das personagens, mulheres de meia-idade em torno de 45 e 59 anos, em relevância ao enredo, no cenário da Biblioteconomia, à busca de um novo sentido para suas vidas, por isso o ingresso na Universidade nesta fase tardia da vida. Estando, portanto, maduras, em fase de climatério; menopausa; casadas, solteiras; divorciadas; separadas; viúvas; com filhos adultos; sem filhos; em dedicação integral à família, ao trabalho, aos estudos; em período de aposentadoria; já afastadas do trabalho; pensionistas; donas de casa/ sem salários; funcionárias públicas com salários; em meio às doenças da idade; alteração hormonal; dificuldades de memória; perdas auditiva e visual, entre outras, em meio aos preconceitos da idade, sendo

concebidas, pelas representações da sociedade, como **velhas**. Neste cenário, estão os desejos por mudanças cujas “ameias” são os rumos diferentes de suas conjunturas. Portanto, as decisões de ingresso na Universidade, no período da meia-idade, ocorrem resultando na procura de perspectivas outras que atendam às necessidades e desejos de realizações pessoais, a fim de transformar suas realidades de forma promissora, por meio da Graduação em Biblioteconomia na FABICO / UFRGS.

No que se refere aos objetivos específicos, seguramente foram atingidos neste estudo, conforme explanação a seguir.

Tendo em comum entre grupo da meia-idade, os interesses pelos livros, leituras, informações e as Bibliotecas, houve motivações suficientes para o ingresso na Universidade que se encontram mais no âmbito pessoal, no entanto também no aspecto profissional. Por sentirem-se “incomodadas” decidem modificar, de alguma forma, suas vidas, buscando na academia novas perspectivas e possibilidades de alcançar nesta idade, seus sonhos. Nesta lógica, as significâncias estão nos convívios entre pessoas e suas histórias, por meio de socializações e a diversidade, como o grupo de colegas jovens, por exemplo, com quem interagem muito bem, e por eles são acolhidas. As convivências seguem então, estendendo-se aos saberes que as graduandas trazem de suas experiências e que vão sendo somados a outros tantos ensinamentos e aprendizagens que buscam, nas diversas circunstâncias por onde perpassam no mundo acadêmico do conhecimento, para que se torne possível divisarem crescimentos e possibilidades alçadas às suas vidas em vários âmbitos.

Da mesma forma, na qualificação às competências do Curso de Biblioteconomia, estão as oportunidades, doravante, de redirecionarem suas trajetórias, ressignificando a própria existência, em conquistas que são geradoras de bem-estar, realizações e oportunidades de melhorias e de qualidade de vida.

Considerando o trânsito à Universidade, em cujo amadurecimento Delas esteja seguido de certas imposições, como por exemplo, maior responsabilidade nas várias situações da vida, não se faz nesta direção, impedimento ao surgimento de barreiras em suas vivências na Graduação. Assim, nas observações do estudo, nas entrelinhas dos argumentos, estão importantes reflexões desta pesquisa acerca de mudanças que se entendem benéficas, vindo em auxílio à meia-idade feminina no decorrer de sua formação profissional. Nesta consideração, se percebe por significativas as possibilidades de mudanças do Curso em benefício ao grupo da

meia-idade, no que concerne às barreiras vivenciadas, em especial relativas às tecnologias, como computador com acesso à internet. Logo, é preciso atentar para a importância de facilitar a inclusão social e digital das graduandas na “Sociedade da Informação e do Conhecimento”, pois na viabilidade de acesso e uso da informação, se abrem espaços às aquisições, interações e novas “traduções e construções” que ampliam os conhecimentos e oportunizam condições favoráveis ao desenvolvimento. Lembrando que, embora as graduandas possam ter computadores em suas residências, nem todas comumente utilizam as tecnologias. Por isso, o pouco conhecimento no acesso e uso seguro das mídias e ferramentas tecnológicas vem em desvantagem às competências do Curso. O sucedido, portanto, faz com que se sintam pouco seguras no contexto digital e com certo receio de se aventurarem em ambientes da internet que pouco conhecem, remetendo, neste sentido, em algumas das dificuldades que vivenciam, similarmente na utilização do Moodle. Portanto, existe a necessidade premente de o Curso acompanhar o grupo de mulheres de meia-idade, no que concerne às barreiras no percurso da Graduação. Especialmente se pode pensar que a falta de saberes prévios acerca da Sociedade da Informação e do Conhecimento em que o Curso de Biblioteconomia se insere, pode ter sido, talvez, um dos motivos ao impedimento para a realização de buscas de informações mais cuidadosas antes do ingresso à Universidade, contexto este em que pudessem iniciar melhor preparadas, em conformidade com as exigências do currículo.

Em relação às dificuldades no conteúdo das leituras, interpretação, apropriação e produções de textos mais profundos por meio de escritas argumentativas e “criativas”, se compreende que à adequação aos níveis de proficiência na educação do país estão vinculadas as possibilidades de exclusão, conforme os índices de “Analfabetismo Funcional”. Em vista disso, se reforça que, para solucionar esta questão relativa às graduandas estarem inseridas no então grupo dos analfabetos funcionais, evidenciado nas barreiras que vivenciam no Curso, se aumentariam as chances de inclusão social e inclusão digital, como vem sendo afirmado, nas mudanças provenientes no desenvolvimento das disciplinas, com segurança e competência maior à formação bibliotecária e, posterior atuação profissional.

Assim é importante esclarecer que as dificuldades vivenciadas na superação das barreiras não encontram respaldo no Curso, como seria de se esperar, mas

junto aos filhos que lhes ajudam, como também com os colegas, por que sendo jovens transitam com segurança nos ambientes digitais da internet no qual acompanharam desde crianças, em meio às ferramentas das TIC, em que circulam as informações e onde as interações acontecem em mudanças expressivas de comportamento na sociedade.

Portanto, se faz importante e necessária a atenção do Curso ao momento presente do que sucede em seus ambientes, em percepção à ocorrência de barreiras vivenciadas pelo grupo de mulheres de meia-idade e lhes deem o apoio devido para ultrapassar com tranquilidade e de forma segura, autônoma e competente todas as etapas de sua formação. Em especial, porque, conforme expresso no Referencial Teórico, a Educação é um direito de todos, portanto, não há lugar para exceções nos ambientes públicos de ensino e de aprendizagem, logo, é preciso facilitar seu acesso.

Por esta ótica, são consideradas relevantes no estudo, a sugestão que cogita na criação de disciplina, obrigatória e eletiva, acrescidas ao currículo do Curso, ministradas na FABICO, a partir da 1ª etapa, direcionadas às barreiras, para o ensino e a aprendizagem, em particular das tecnologias, que causam certo “desespero” devido à falta de conhecimento necessário às competências nesta área específica, que venham em suporte e auxílio para a superação das dificuldades vivenciadas pelas graduandas no período de formação acadêmica, visando a melhoria do desempenho. Igualmente no que concerne ao desenvolvimento de atividades de leitura e produção textual, visto serem sentidas fortemente as dificuldades, em que muitas alunas pensam em desistir e, algumas, ao fazê-lo, sofrem. É importante reforçar que os ensinamentos se deem no primeiro semestre de ingresso, tendo em vista onde ocorrem o início das dificuldades.

Nesta compreensão, os professores do Curso de Biblioteconomia pudessem repensar e reavaliar suas exigências no sentido de se inteirarem das ocorrências, para então buscar soluções. Por exemplo, aos poucos tentar remodelar os comportamentos, a fim de que haja adequação às necessidades das partes envolvidas, tanto relativas à superação das barreiras vivenciadas pelas alunas de meia-idade, como em igual monta dos professores que precisam ministrar os conteúdos em nível universitário, e, igualmente, do Curso que deve seguir no tempo proposto em sua duração de 8 etapas.

A partir desta exposição se entende que a UFRGS, Instituição de excelência na produção de conhecimentos voltados ao desenvolvimento da sociedade, precisa refletir acerca da necessidade de “Ações Afirmativas” ao grupo de mulheres de meia-idade. Desta maneira, é possível possibilitar abrir as portas da Universidade à meia-idade, bem como do Curso de Biblioteconomia, em atenção às barreiras, visando derrubá-las de forma efetiva, assegurando o atendimento às necessidades e às demandas, como forma de facilitar o percurso, oportunizando a superação das barreiras para a formação acadêmica, juntamente ao crescimento individual, com expansão no social.

Ademais, quanto às barreiras tecnológicas, que são um entrave à maioria das alunas às competências do Curso, devido à ausência de percepções voltadas às suas dificuldades, se verifica que os auxílios vão sendo obtidos junto aos filhos, seus maiores incentivadores para ir em busca dos sonhos, visto entenderem haver tempo suficiente às realizações.

Por este entendimento, a fase de meia-idade, determinante do amadurecimento das graduandas, traz responsabilidades que se revertem em riqueza às dimensões do contexto da Universidade. Inevitavelmente porque somam às suas vivências, outras ainda da academia. Nesta consideração, elas seguem progredindo nas interações, além de auxiliar outros alunos mais jovens também a crescerem em meio às relações entre as diferentes idades, tão importantes às convivências com a diversidade para a devida aceitação do “Outro”.

Nesta continuação, está a relevância de propostas por parte da maioria das alunas que dão preferência à formação mais humanista do Curso, entretanto, não em desvantagens às disciplinas técnicas, mas relativas à necessidade de haver um equilíbrio entre elas, para que ocorra, quem sabe, a transdisciplinaridade dos conteúdos, visando sua “unidade”, junto à compreensão do “mundo real”. Principalmente devido às exigências do Curso de 30 créditos em disciplinas eletivas não estarem sendo ofertadas em número suficiente, em especial às humanas, nesta direção, causando estranhamento e decepção às alunas, que dificulta o andamento do Curso, caso tenham que aumentar em etapas o tempo para sua formação.

Outro ponto interessante que aqui se salienta, e que causa surpresa e estranhamento em algumas graduandas, fica ao encargo dos professores dizerem que é dever dos alunos “correr atrás” das leituras, ou seja, ler o contingente excessivo de textos técnicos, disponíveis geralmente no Moodle. Posto que serão

exigidos, praticamente a cada semana, em todos os semestres, atividades individuais e/ou em grupos, produzidas e entregues em datas agendadas, como outras apresentadas em aula, além das provas previstas nos Planos de Ensino. Neste sentido, se pode considerar haver uma certa ausência de interação entre o corpo docente de Biblioteconomia, visto não se observar um consenso em relação ao número limite de textos para leituras que podem ser exigidos a cada semestre, por disciplina.

Considera-se, também nesta ordem, que a partir das convivências entre os alunos em conversas em meio às socializações, existir amplo interesse em disciplinas voltadas à formação humanística, evidenciado em procuras no decurso das matrículas dos semestres, principalmente as eletivas. Embora se perceba estejam cada vez mais escassas as ofertas destas disciplinas, e os conhecimentos sendo “fracionados”, tanto os técnicos, como os humanistas. Assim, se chama atenção para a seguinte questão: ao longo do Curso de Biblioteconomia em seus quatro anos, em que ocorrem reflexões polêmicas expressas inúmeras vezes entre os alunos em interações nos ambientes da UFRGS, pode ser construída da seguinte maneira: “Os professores ao exigirem leituras de um grande número de textos técnicos a cada semestre, esquecem que os alunos não estão matriculados em somente uma disciplina, como também deixam de lembrar que tem eles uma vida fora dos muros da Universidade”. Nestas falas, percebe-se que há uma certa insatisfação entre os estudantes em algumas práticas do Curso, como também, se pode considerar haver certo descaso na evidência de apoiar, sobremaneira, as disciplinas de ordem técnica, em detrimento das humanistas.

Neste posicionamento, há o valor de se introduzir disciplina de Mediação de Leitura, visto a carência de créditos necessários, visto estarem sendo insuficientes e pouco ofertados, conforme expresso, no Currículo do Curso, igualmente no interesse ao embasamento desta competência. Especialmente devido à importância do incentivo às leituras na academia e fora dela, em atuação da profissão, junto ao público, na possibilidade de tornar as pessoas, leitores aptos, críticos, autônomos junto à informação e na produção de conhecimentos. Assim, as futuras bibliotecárias, pretendem mais que organizar, tornar acessível e disseminar a informação, como similarmente fazer a mediação nos diversos ambientes em que pretendem transitar. Em mérito às expectativas, interesses e demandas, vertendo informação eficiente aos usuários, reais e potenciais, no intuito de auxiliar no

desenvolvimento do país e na formação da cidadania crítica e participativa. Refletem, particularmente, sobre a melhor maneira de auxiliar um maior número de público para que se tornem leitores com “gosto” pelas leituras, em qualquer idade, ampliando os horizontes do saber em benefício seu e da coletividade.

Em decorrência do incentivo ao Curso de Biblioteconomia, se compreende a relevância da mesma como ciência na área de informação, responsável pela organização, gestão, disponibilização, acesso e construção dos conhecimentos voltados ao desenvolvimento do Ser, no contexto individual e social, tendo em vista as formas de interações atuais em meio às TIC.

Outra situação que se destaca, diz respeito aos projetos das alunas após a formação no Curso que se voltam às atuações profissionais em bibliotecas de escolas e universidades, particulares e públicas, bem como, do respeito ao planejamento de trabalho em bibliotecas comunitárias e ONGs, além de concursos, como meio de adentrar na profissão com segurança, visando a melhoria pessoal e profissional na atuação no mundo do trabalho.

Verificou-se, neste estudo, que em consideração aos objetivos específicos elaborados, todos foram alcançados plenamente nos seus resultados.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi elucidar acerca da Universidade na Meia-Idade, com relevância às mulheres, graduandas do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, a partir das barreiras vivenciadas no percurso acadêmico.

Neste entendimento, mediante motivações e conflitos, vão Elas em busca de novos rumos, como o ingresso à Universidade, em sujeição à prova de vestibular, concorrendo às vagas ofertadas. Entretanto, desde o início, por conta da faixa etária e devido ao prolongado afastamento dos espaços de ensino e de aprendizagem, surgem barreiras, como as relacionadas à compreensão da leitura, ao exercício da escrita e produção textual, diminuição da visão e audição, perda de memória e velocidade, limitações na locomoção, pouco conhecimento de informática, complexidade de conteúdo do Curso, dentre as dificuldades maiores ou menores que se denotam.

Neste cenário, as graduandas, aos poucos, são introduzidas, experienciando os ambientes, repletas de contentamento, expectativas e almejando um lugar hospitaleiro e acolhedor. Sobrevém a necessidade de socializar, nem sempre bem-vindas entre os jovens, e de ser incluídas e acolhidas, fazendo com que algumas extrapolem em entusiasmo, causando certa estranheza e, outras ainda, se mantenham afastadas com dificuldades para interagir. Porém, tornam-se evidentes com base no desenvolvimento do estudo, que em um curto espaço de tempo, lhes acometem certas limitações e elas começam a apresentar barreiras diversas, porém nem sempre percebidas em consideração as suas condutas, se podendo dizer, um tanto discretas. Nestas condições, passam a sentir-se inseguras e pouco capazes de superar os desafios estabelecidos por um currículo fora de seu alcance. Decepção, angústia, tristeza e desesperança abatem-se sobre elas, como também em momentos, alegria ao superar com ajuda, os obstáculos. Este amontoado de emoções e sentimentos ambivalentes que surgem são complicados e tantas são as incertezas que num primeiro momento surgem os questionamentos e a vontade de desistir.

Não obstante, suscetíveis aos “altos e baixos” da meia-idade, é com pesar e, apesar das barreiras vivenciadas que as graduandas de Biblioteconomia da FABICO, prosseguem em sua trajetória, persistindo, alicerçadas em novos conhecimentos continuamente construídos na Graduação. Posto que o objetivo

maior é sua realização, a partir da conquista da formação acadêmica com vistas em oportunidades e progressos pessoais e profissionais.

Um dos pontos considerados determinantes neste trabalho, tornado evidente em seu andamento, pode ser clareado a partir da seguinte compreensão. Uma vez iniciadas as investigações sobre determinada questão em que se pretende uma resposta, e cujos resultados sejam aqueles condizentes à promoção de mudanças, sendo para a melhoria das condições de vida das pessoas, mais pesquisas se devem desenvolver sobre o tema. Estabelece-se assim, um dos parâmetros sábios que permitirá impulsionar e estimular comportamentos outros, que levem, considerando o contexto deste estudo, à inclusão social e digital, bem como o consequente desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

Foi nesta perspectiva, portanto, que o estudo versou a respeito da Universidade na Meia-Idade, tornando possível levantar indagações relevantes acerca das barreiras vivenciadas pelas graduandas desta pesquisa no decorrer da formação acadêmica de Biblioteconomia.

Neste ínterim, é imprescindível refletir sobre algumas questões com respeito à meia-idade, para que seja possível, então, a compreensão das barreiras que são vivenciadas, do início de sua formação até à formatura.

Sendo assim, ao se pensar no longo tempo em que passaram pela educação formal na escolaridade, é preciso lembrar também que a meia-idade foi adquirindo em seu percurso, experiências voltadas ao crescimento mais humanista. As interações com outras pessoas foram e continuam sendo conduzidas mediante suas próprias compreensões de mundo, isto é, sem os saberes acadêmicos, como acontece com os mais jovens quando adentram na Universidade e seguem em desenvolvimento sem rupturas. Razão pela qual, pelo tempo de suas trajetórias, nas resoluções conflituosas de seu universo, se vão constituindo o montante de suas vivências. Refletindo, então, é este um tipo diferente de conhecimento, com viés construído nas convivências familiares, em meio à comunidade, no somatório das tradições, resoluções, escolhas, observações e outras experiências.

Por esta exposição, se esclarece que nos exercícios de ensino dos saberes e aprendizagens teóricas e práticas, por conta de disciplinas, em grande parte de teor técnico do Curso de Biblioteconomia, se perde o lado humano da questão relativa ao perfil das graduandas de meia-idade, e assim, a noção da importância do conhecimento que trazem, como um todo unificado, por vezes menosprezado ou

desapercebido. Em particular, porque o professor, em muitos momentos, no seu fazer pedagógico, deixa de priorizar o aluno como o centro da aprendizagem visto em suas limitações, dificuldades e barreiras. Razão pela qual, ao evitar reforçar os saberes de formação humanista, na possibilidade de se tornarem menos divididos, se pode acarretar em certa desmotivação às estudantes com relação às aquisições e produções de conhecimentos. O mesmo pode ocorrer em situações de professores que perdem o interesse em ministrar conteúdos humanistas que fogem da sua “zona de conforto”.

Diante desta análise é relevante uma reflexão acerca das imposições que direcionam às alunas com referência às disciplinas de caráter exclusivamente técnico do Curso. O propósito principal desta questão, que reconhece a importância das disciplinas técnicas do Curso, sem as quais, se entende, a formação acadêmica e as competências do futuro profissional estariam comprometidas, é refletir na possibilidade de levar em conta os interesses desses sujeitos que devem ser revertidos ao melhor direcionamento, em compreensão de uma composição harmônica entre formação técnica e humana, visando seu equilíbrio. Tendo como alicerce para resolução das questões, a realidade delas e seus contextos, considera-se também os ambientes de informação por onde precisam circular na internet, junto ao computador, igualmente em proposta abrangente ao bem estar das interações entre os grupos, compostos, dentre outros, de alunas de meia-idade e professores.

Neste sentido, reside a observância do Curso de Biblioteconomia se voltar igualmente à formação humanista, sendo que os saberes transmitidos quando direcionados às percepções do dia a dia das alunas, e igualmente dos professores, ao apresentar a natureza que os cerca, ao seu contexto, junto às interações que se dão em meio a ela, são aprendizados abrangentes, ricos, possibilitando resoluções de questionamentos tanto do eu, sujeito individual, como nas interações pelas convivências com o mundo social.

Portanto, se entende que a cada reformulação de Currículo do Curso se propicie reunir as alunas de meia-idade para ouvir as exigências, em que exponham os pontos de vista, interesses, necessidades e dificuldades, e que se faça o necessário na oportunidade de atendê-las, sob pena de consecutivas repetências, além de evasão universitária.

Consequentemente, ao se pensar na possibilidade de “transdisciplinaridade”, ou seja, a efetiva “unificação dos saberes”, em disciplinas de formação técnicas e

humanistas sendo construídas em meio a pontes de interações voltadas à percepção do indivíduo, em meio a sua realidade e do entorno, haveria a possibilidade de maior desenvolvimento do indivíduo e, assim, seu bem estar social. O homem, enquanto ser individual e social, com organismo, mente, corpo, espírito e intelecto, se traduz em subjetividades, emoções e sentimentos, não dissociados da natureza que o cerca, como composições de sua humanidade complexa voltadas às diversas sintonias do Universo.

Tendo como fundamento o exposto, se reflete acerca das barreiras vivenciadas no Curso, voltadas principalmente às tecnologias, às leituras e produção textual sugere-se que seja oferecida uma Disciplina Obrigatória, na primeira etapa, que atenda às dificuldades apresentadas pelas graduandas para dirimir as barreiras que se apresentam no decorrer do Curso. O pressuposto é contribuir criando meios de abrir espaços, favorecendo-as, para que desenvolvam um sentido de pertença, a partir de mudanças nas práticas. Logo, com melhor sugestão, se geraria oportunidades nas aulas para o manuseio das ferramentas das TIC, em atividades que orientassem ao acesso e ao uso, nos diversos ambientes da internet, gradativamente e sem receios, além de prover atendimento às dificuldades de compreensão de leitura (interpretações) e escrita complexas (argumentativa e criativa), tudo sob a orientação dos professores. Mas é preciso acompanhá-las, a fim de verificar se estão superando os desafios.

Por esta razão, a importância de refletir em mudanças na Universidade para abranger o grupo de mulheres da meia-idade, cujo espaço educativo seja voltado inclusive ao emancipatório das graduandas. As mudanças que vão ocorrendo na vida das pessoas, por estarem vivendo mais e em atividade produtiva por mais tempo, e aqui se chama atenção ao intervalo da meia-idade feminina, podem vir a justificar significativas alterações na sociedade, a exemplo da proposição da “Reforma Previdenciária” em que o governo pretende fazer mudanças nos “Planos de Aposentadorias”. Entretanto, é importante lembrar que as modificações estão relacionadas principalmente à grave crise que o Brasil vem atravessando nas últimas décadas e que atinge a sociedade em seus diversos âmbitos, e, se coloca em evidência, aqueles relacionados aos valores éticos, ou a ausência deles, que vem propiciando alterações nas relações entre os grupos. Neste sentido é relevante compreender que mudanças geradas no aumento de idades às aposentadorias, impactarão em grau elevado o contexto individual e social das pessoas e no

interesse deste estudo, ao grupo de mulheres de meia-idade, em particular as que não estão ainda em vias de aposentadoria.

Por esta compreensão é preciso integrar ao dia a dia da academia, a meia-idade feminina, em que se inclua atividades de interação dentro do que possa oferecer para diminuir as barreiras vivenciadas nesta época madura da vida. E que cumpra sua objetivação, qual seja, Informação e Conhecimento, a partir das tecnologias da internet, do mesmo modo, a inclusão social e digital, além da possibilidade do Curso se voltar, igualmente, como vem sendo discorrido, ao técnico e humano, conjuntamente, com ações que estejam direcionadas às necessidades das graduandas de meia-idade e seu perfil. Com vistas ao desafio de achar alternativas para adaptação à realidade delas, em que possam fazer por si, desenvolvendo seu potencial na superação das barreiras, junto à aquisição de competências, em especial as profissionais, assim como todas as outras.

Nestas circunstâncias, a FABICO / UFRGS deve unir esforços para, através dos conhecimentos produzidos nos eixos de ensino, como também em pesquisa e extensão, readaptar a dinâmica do Curso de Biblioteconomia, mas a partir de seu Projeto Político Pedagógico (PPP) para que haja mudanças de comportamento no enredo, condução e Planos das disciplinas, levando em conta os personagens, professores e graduandas, com a finalidade de inserção no universo da informação e do conhecimento. Neste sentido, é preciso oferecer ambientes que atendam as necessidades, conforme vem sendo discutido, em resposta às questões do grupo de graduandas de meia-idade, trabalhando para neutralizar as dificuldades vivenciadas na Universidade. Especialmente, para que num futuro próximo, ao perpassarem mais alunas de meia-idade pela academia, possam fazê-lo de forma tranquila e eficiente, sendo capazes de construir os conhecimentos em interações no mundo profissional em que pretendem atuar, fazendo o que aprenderam na graduação, junto ao público, mediando a informação e melhorando a si e o seu entorno social.

Para encerrar, a UFRGS, com o auxílio de seus dirigentes, docentes, alunos, funcionários e demais partícipes do cenário, precisam refletir sobre a questão da Universidade na Meia-idade. Especialmente tendo em vista ampliar as pesquisas nesta direção para que seja possível colocar em prática as mudanças necessárias ao aprimoramento progressivo da Instituição, particularmente em favor dos grupos que compõe seus diversos ambientes, como os femininos, em que muitos serão os beneficiados. Em virtude dos estudos coletivos de excelência desenvolvidos nos

Cursos da Instituição que a coloca entre as melhores Universidades Públicas de Ensino Superior do país, não serem mera formalidade, mas o merecido retorno ao desempenho de seu ótimo trabalho em equipe, cujos objetivos estão alicerçados na produção de conhecimentos voltados para o bem estar social e ao constante e firme aprimoramento e evolução da sociedade na formação acadêmica de seus egressos.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5ª ed., 2009. Rio de Janeiro: Imprinta. p. 92. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 12 out. 2017.
- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista**: uma proposta. Paidéia (Ribeirão Preto). no.2 Ribeirão Preto Feb./July. 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007>. Acesso em: 11 dez. 2017.
- ANTUNES, Priscilla de Cesaro; SILVA, Ana.Márcia. Elementos sobre a concepção da Meia Idade, no processo de envelhecimento humano. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 123-140, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/18926/14090>>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO – SIRSE, 1., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2011. p. 7-10. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.
- BENAKOUCHE, Rabah. Inclusão Universitária: pequenas reflexões a partir de uma grande experimentação social. In: APPEL, Emmanuel (Org.). **A Universidade na Encruzilhada**: seminário universidade: por que e como reformar? Brasília, DF: UNESCO, 2003. p. 131-137. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133968POR.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.
- BRANSKI, Regina Meyer. Recuperação de Informações na Web. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 70-87, jan./jun. 2004. Disponível em: <<file:///C:/Users/Marco/Downloads/351-1206-1-PB.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.
- BRASIL. **Constituição Federal**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Governo Eletrônico. **Programa de Inclusão Social e Digital**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<https://www.governoeletronico.gov.br/eixos-de-atuacao/cidadao/inclusao-digital/programa-de-inclusao-social-e-digital>>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF, 2012.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: 25 set. 2017.

BUARQUE, Cristovam. A Universidade numa Encruzilhada. In: APPEL, Emmanuel (Org.). **A Universidade na Encruzilhada**: seminário universidade: por que e como reformar? Brasília, DF: UNESCO, 2003. p. 23-65. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133968POR.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 15 set. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. V. 1.

CESAR, Ana Maria Roux Valentini Coelho. **Método do Estudo de Caso (case studies) ou método do caso (teaching cases)?**: uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração. [S.l., 200-?]. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

CHAUÍ, Marilena. Sociedade, universidade e Estado: autonomia, dependência e compromisso social. In: APPEL, Emmanuel (Org.). **A Universidade na Encruzilhada**: seminário universidade: por que e como reformar? Brasília, DF: UNESCO, 2003. p. 67-76. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133968POR.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

CLARO, Marcelo. **Moodle Livre**. O que é Moodle. 2008. Disponível em: <<https://www.moodlelivre.com.br/tutoriais-e-dicas/974-o-que-e-moodle>>. Acesso em: 10 out. 2017.

CORRÊA, Cecília Araújo Rabelo et al. A sociedade da informação e do conhecimento e os estados brasileiros. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 31-54, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/12176>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

CONCEITO de WEB. **Que Conceito**, São Paulo, 2005-2017. Disponível em: <<http://queconceito.com.br/web>>. Acesso em: 29 out. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Sistema CFB / CRB**. Brasília, DF, [200?]. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

CRAVO, Bruna. **Inclusão Digital no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 24 abr. 2012. Disponível em: <<http://portal.metodista.br/noticias/2012/Abril/inclusao-digital-no-brasil>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

DIAS SOBRINHO, José. Avaliação da educação superior: valores republicanos, conhecimento para a emancipação, igualdade de condições e Inclusão Social. In: APPEL, Emmanuel (Org.). **A Universidade na Encruzilhada**. Seminário Universidade: por que e como reformar?. Brasília, DF: UNESCO, ago. 2003. p. 109-120. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000034.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva; SANTAROSA, Lucila Maria Costi. Biblioteca II: o bibliotecário como mediador propiciando a inclusão informacional, social, educacional e digital através da EAD. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 119-131, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/479/1481>>. Acesso em: 3 maio 2017.

FERRARIA, Miguel. Elliott Jaques: crise da meia-idade. In: FERRARIA, Miguel. **Psicologia do desenvolvimento: a meia-idade (40-65 anos)**. Porto, 3 jun. 2013. Disponível em: <<http://psico2013-13.blogspot.com.br/2013/06/elliott-jaques-crise-da-meia-idade.html>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

FONTOURA, Benito Orlando Marchiori da. **A Verdade a Luz da Experiência**. [S.n. e.], 1977.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995b. Disponível em: <<http://www.wejconsultoria.com.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Introdução-à-Pesquisa-qualitativa-e-suas-possibilidade>>. Acesso em: 21 maio 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA: tipos fundamentais. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995a. Disponível em: <[file:///C:/Users/Marco/Downloads/38200-76053-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Marco/Downloads/38200-76053-1-PB%20(3).pdf)>. Acesso em: 21 mai. 2017.

GOMES JÚNIOR, Waldoir Valentim. **Gestão do conhecimento e mapeamento de competências**. 2013. 249 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Disponível em: <<http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/05/Waldoir-Valentim-Gomes-Jr.1.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves et al. Ética nas atividades informativas: aspectos teóricos. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 137-152, jun./jul. 2008.

Disponível em:

<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/05/pdf_e049becf4d_0010540.pdf>. Acesso em: 22 out. 2017.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio de Português online**. [S.l.], 2008-2017. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Porto Alegre (RS)**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?codigo=431490>. Acesso em: 10 set. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2016. Estudos e pesquisas: informação demográfica e socioeconômica. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tábua de Vida: evolução da mortalidade: 2000: Brasil**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/evolucao_da_mortalidade.shtm>. Acesso em: 16 set. 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Ao encontro do saber do outro. In: JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os Contextos do Saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 212-258. Disponível em:

<https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/943496/mod_resource/content/1/Encontro%20com%20o%20saber%20do%20Outro.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 188-189. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em: 19 maio 2017.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LOPES, Cristiano Aguiar. Exclusão digital e a política de inclusão digital no Brasil: o que temos feito? **Revista de EPTIC**, São Cristóvão, v. 9, n. 2, maio/ago. 2007. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/epctic/article/view/235/230>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/ludke-menga-pesquisa-em-educacao-abordagens-qualitativas-sao-paulo-epu-1986.html>>. Acesso em: 25 maio 2017.

MATTOS, Fernando Augusto M. De; CHAGAS, Gleison José do N. Desafios para a Inclusão Digital no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.13, n.1, p.67-94, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n1/v13n1a06.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

MATURANA, Humberto R; VARELA, Francisco G. **A Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Psy II, 1995.

MEIA-IDADE. In: **DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa**. [S.l.], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/meia-idade>>. Acesso em: 26 set. 2017.

MESSIAS, Lucilene Cordeiro da Silva. **Informação**: um estudo exploratório do conceito em periódicos científicos brasileiros da área de Ciência da Informação. 2005. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadalInformacao/Dissertacoes/messias_lcs_me_mar.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017.

MORESI, Eduardo (Org.). **Metodologia da Pesquisa**. Brasília, DF: PRPG/UCB, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/aRV8Ra>>. Acesso em: 21 maio 2017.

MORI; Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. **Psicologia**: reflexão e crítica, Brasília, DF, v. 17, n. 2, p. 177-187, 2004.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. Disponível em: <<https://bioetica.catedraunesco.unb.br/wp-content/uploads/2016/04/Edgar-Morin.-Sete-Saberes.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2017.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Leitura, Biblioteconomia e Inclusão Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, 2007.

MORO, Eliane Lourdes da Silva. **Projeto Cor@gem**: o uso de ambientes virtuais de aprendizagem na produção de mídias através da web 2.0 entre adolescentes com fibrose cística internados no Hospital de Clínicas de Porto Alegre-RS. Projeto de Tese, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em:

<http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf>. Acesso em: 19 maio 2017.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2011/07/pdf_aa5a44ef6f_0017684.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2017.

NUNES, Priscilla de Cesaro; SILVA, Ana Márcia. A produção acadêmica sobre meia-idade em teses e dissertações da educação física brasileira. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 123-142, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/5813/5991>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/kzuda/desenvolvimento-humano-diane-e-papalia>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta (Org.). **Cognição e Envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEDROSA, Renato H. L. A universidade e a inclusão social. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, São Paulo, v. 16, n. 1, mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000100001>. Acesso em: 16 set. 2017.

PIRES, Erik André de Nazaré. **O Bibliotecário como agente transformador social: sua importância para o desenvolvimento da sociedade informacional através da disseminação da informação**. Trabalho apresentado no Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação. EREBDE N / NE. Informação e Sociedade: a importância da Biblioteconomia no processo de preservação da memória documental, [S.l.], 2012.

PESSOA JR., Osvaldo. Definição de conhecimento. In: PESSOA JR., Osvaldo. **Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência I**. Notas de aula. São Paulo: USP, 2010. p. 5-9. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/TCFC1-10-Cap02.pdf>>. Acesso em 26 set. 2017.

PRÓ-LIVRO; IBOPE INTELIGÊNCIA. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4. ed. [S.l.], 2016. Disponível em:

<http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2017.

RECUERO, Raquel da Cunha. **A Internet e a nova revolução na Comunicação Mundial**. Ensaio. Porto Alegre: PUCRS, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/revolucao.htm>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Alfabetismo Funcional**: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. Educação & Sociedade, ano XVIII, nº 60, dezembro/97. <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v18n60/v18n60a8.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Apresentação. In: APPEL, Emmanuel (Org.). **A Universidade na Encruzilhada**. Seminário Universidade: por que e como reformar?. Brasília, DF: UNESCO, ago. 2003. p. 9-19. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000034.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SANTOS, Jussara Pereira. O perfil do profissional bibliotecário. In: VALETIM, Marta Pomim. **Profissionais da Informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 107-117. Disponível em: <http://abecin.org.br/data/documents/VALETIM_Org_Profissionais_da_informacao.pdf>. Acesso em: 7 set. 2017.

SAPIRO, Clary Milnitsky. Os valores culturais brasileiros: possibilidades para uma educação ética. In: SIMPÓSIO DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS, 4., SIMPÓSIO DE ÉTICA EM EXPERIMENTAÇÃO ANIMAL, 1., 2005, Belo Horizonte. **Trabalhos apresentados...** Belo Horizonte: UFMG, 2005. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/bioetica/trabalhos.htm>>. Acesso em: 14 out. 2017.

SILVA, Iara Celly Gomes da. **Perfil profissional dos Egressos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**: análise da atuação em bibliotecas universitárias dos setores público e privado. 2004. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/912/1/IaraCGS_Monografia.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

SILVA, Rogério Luiz Nery da; HAHN, Paulo; TRAMONTINA, Robison. Educação: direito fundamental universal. **Espaço Jurídico**, Joaçaba, v. 12, n. 2, p. 211-232, jul./dez. 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Marco/Downloads/1321-6201-1-PB.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2017.

SOUSA, Filomena Sousa. O que é “ser adulto”? : as práticas e representações sociais: a sociologia do adulto. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6., 2008, Lisboa. **Mundos Sociais**: saberes e práticas. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://historico.aps.pt/vicongresso/pdfs/395.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2017.

STALLIVIERI, Luciane. **O Sistema de Ensino Superior do Brasil**: características, tendências e perspectivas. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006. Disponível em:

<http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2015111051735b2558185badbe931b72e/Stallivieri_-_O_Sistema_de_Ensino_Superior_do_Brasil.pdf>. Acesso em: 4 out. 2017.

TAKAHASHI, Tadão (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em:

<<https://www.governoeletronico.gov.br/documentos-e-arquivos/livroverde.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2017.

TEIXEIRA, Patrícia Luciano de Farias; SOUZA, Maria das Graças; FARIAS, Maria Alves. O Analfabetismo Funcional em Alunos Universitários. 2012. **VII CONEPI**. Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação. Palmas, Tocantins 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Ações Afirmativas**: o que são as ações afirmativas? Porto Alegre, 2000-2017a. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/acoes-afirmativas/o-que-sao>>. Acesso em: 25 set. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Estatuto**. Regimento geral. Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/consun/legislacao/documentos/estatuto-e-rgu-2015>>. Acesso em: 6 set. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Ciências da Informação. Curso de Biblioteconomia. **Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia**. Porto Alegre, 2012b. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/documentos-graduacao-e-comgrads/projeto-pedagogico-do-curso-de-biblioteconomia/view>>. Acesso em: 4 set. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Ciências da Informação. Curso de Biblioteconomia. Comissão de Graduação de Biblioteconomia **Curículo 2000**. Porto Alegre, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Instituto de Psicologia. **Apresentação**: UNITI - Universidade para a Terceira Idade. Porto Alegre, [200?]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/psicologia/nucleos-e-laboratorios/uniti/apresentacao>>. Acesso em: 25 set. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **PDI 2016-2026**: construa o futuro da UFRGS. Porto Alegre, 2016b. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pdi>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

VALENTIM, M. L. P (Org.). **Gestão, Mediação e Uso da Informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

<<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/364414.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

VALENTIM, Marta Pomim (Org.). **Profissionais da Informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. Disponível em: <http://abecin.org.br/data/documents/VALENTIM_Org_Profissionais_da_informacao.pdf>. Acesso em: 7 set. 2017.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é Ética**. São Paulo: Brasiliense, 1994. Disponível em: <<http://server1.docfoc.com/uploads/Z2016/02/02/EttU2D2dTN/92d78f3cfbdc3a5b406859c8e5f9e1b.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

VIANNA, Carlos Eduardo Souza. **Evolução histórica do conceito de Educação e os objetivos constitucionais da Educação brasileira**. [S.l.], 2006. Disponível em: <<http://www.publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/41/44>>. Acesso em: 8 set. 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. [S.l.], 2001. Disponível em: <<http://www.someeducacional.com.br/palestras/Vygotsky.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

XAVIER, Rodolfo Coutinho Moreira; COSTA, Rubenildo Oliveira da Costa. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito?. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 39, n. 2, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652010000200006>. Acesso em: 20 jun. 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf>. Acesso em: 19 maio 2017.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO SUJEITOS

A Universidade Pública mediante seu ingresso possibilita ensino e aprendizagem a todas as pessoas, conseqüentemente, educação, construção de novos conhecimentos, oportunidades e desenvolvimento social.

Sendo assim, este estudo tem como investigação as barreiras vivenciadas pelas graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (FABICO / UFRGS), no decorrer da formação acadêmica.

Servirá o estudo como Trabalho de Conclusão de Curso para a graduanda Rose Mary da Fontoura Rodrigues, do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, orientado pela Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro.

Para levar em conta preceitos éticos relacionados à Pesquisa, a identidade dos sujeitos será preservada, conservando-se, assim, a privacidade de cada um. Neste sentido, aceito que os dados recolhidos na pesquisa permaneçam como propriedade da Pesquisadora responsável e autora, Rose Mary da Fontoura Rodrigues, e-mail: rosepintora@hotmail.com, que se compromete a dirimir devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente a participante venha a ter no momento da pesquisa, ou posteriormente.

Declaro ter sido informada que é possível retirar o sujeito do estudo, com o seu consentimento, a qualquer momento que assim desejar.

Após ser informada de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas,

Eu, manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização da pesquisa acima descrita.

Assinatura da participante

Data

Nº Doc. Identidade (RG)

Idade

Rose Mary da Fontoura Rodrigues

APÊNDICE B – ENTREVISTA SUJEITOS

Questões:

- 1) Quais suas motivações para a escolha do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS?
- 2) Quais as vivências mais significativas na Universidade como graduanda até a etapa de sua formação acadêmica?
- 3) No percurso da graduação na Universidade tem vivenciado barreiras? Quais?
- 4) As barreiras vivenciadas estão sendo superadas no decorrer do Curso de Biblioteconomia? Você procura o auxílio de alguém? Como ocorre o processo de superação?
- 5) Você tem percebido em seu entorno barreiras vivenciadas por outras acadêmicas de meia-idade de Biblioteconomia na Universidade? Quais?
- 6) Quais suas sugestões para a superação das barreiras vivenciadas na Universidade, em razão da meia-idade, no decorrer da formação acadêmica de Biblioteconomia?
- 7) Sendo acadêmica da graduação, descreva como você incentivaria uma pessoa de meia-idade a cursar Biblioteconomia na UFRGS?
- 8) Quais seus projetos de vida para o exercício profissional?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO PROF. PSICOLOGIA

A Universidade Pública, mediante seu ingresso, possibilita ensino e aprendizagem a todas as pessoas, conseqüentemente, educação, construção de novos conhecimentos, oportunidades e desenvolvimento social.

Sendo assim, este estudo tem como investigação as barreiras vivenciadas pelas graduandas de meia-idade do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (FABICO / UFRGS), no decorrer da formação acadêmica.

Servirá o estudo como Trabalho de Conclusão de Curso para a graduanda Rose Mary da Fontoura Rodrigues do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, orientado pela Prof.^a Dr.^a Eliane Lourdes da Silva Moro.

Para levar em conta preceitos éticos relacionados à Pesquisa, a identidade da Profissional da UFRGS, será preservada, conservando-se, assim, a sua privacidade. Neste sentido, aceito que os dados recolhidos na pesquisa permaneçam como propriedade da Pesquisadora responsável e autora, Rose Mary da Fontoura Rodrigues, e-mail: rosepintora@hotmail.com que se compromete a dirimir devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente a profissional venha a ter no momento da pesquisa, ou posteriormente.

Declaro ter sido informada que é possível retirá-la, com o seu consentimento, a qualquer momento que assim desejar.

Após ser informada de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas,

Eu, manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização da pesquisa acima descrita.

Assinatura da Profissional

Data

Nº Doc. Identidade (RG)

Idade

Rose Mary da Fontoura Rodrigues

APÊNDICE D – ENTREVISTA PROFISSIONAL PSICOLOGIA

Questões:

- 1) No Ciclo do Desenvolvimento Humano, qual o período compreendido em anos para a meia-idade?
- 2) Quais as características da mulher na fase de meia-idade?
- 3) Quais as barreiras na formação universitária que essas mulheres enfrentam?
- 4) Como a sociedade percebe a formação profissional nessa fase e o ingresso no mundo do trabalho?

ANEXO 1 – DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

Brasília 1998

Representação da UNESCO no Brasil

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948

PREÂMBULO

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo,

Considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que todos gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do homem comum,

Considerando ser essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo império da lei, para que o ser humano não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra tirania e a opressão,

Considerando ser essencial promover o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações,

Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta da ONU, sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano e na igualdade de direitos entre homens e mulheres, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla,

Considerando que os Estados-Membros se comprometeram a promover, em cooperação com as Nações Unidas, o respeito universal aos direitos humanos e liberdades fundamentais e a observância desses direitos e liberdades,

Considerando que uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso,

A ASSEMBLÉIA GERAL proclama a presente DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

Artigo 1.

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo 2.

1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

2. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

Artigo 3.

Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4.

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo 5.

Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo 6.

Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.

Artigo 7.

Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo 8.

Todo ser humano tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.

Artigo 9.

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo 10.

Todo ser humano tem direito, em plena igualdade, a uma audiência justa e pública por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir sobre seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

Artigo 11.

1. Todo ser humano acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias à sua defesa.

2. Ninguém poderá ser culpado por qualquer ação ou omissão que, no momento, não constituíam delito perante o direito nacional ou internacional. Também não será imposta pena mais forte do que aquela que, no momento da prática, era aplicável ao ato delituoso.

Artigo 12.

Ninguém será sujeito à interferências em sua vida privada, em sua família, em seu lar ou em sua correspondência, nem a ataques à sua honra e reputação. Todo ser humano tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

Artigo 13.

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

Artigo 14.

1. Toda pessoa, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.

2. Este direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

Artigo 15.

1. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade.

Artigo 16.

1. Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.

2. O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes.

3. A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

Artigo 17.

1. Todo ser humano tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

Artigo 18.

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Artigo 19.

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Artigo 20.

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de reunião e associação pacífica.

2. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Artigo 21.

1. Todo ser humano tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.

2. Todo ser humano tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.

3. A vontade do povo será a base da autoridade do governo; esta vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.

Artigo 22.

Todo ser humano, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade.

Artigo 23.

1. Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

2. Todo ser humano, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.

3. Todo ser humano que trabalhe tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

4. Todo ser humano tem direito a organizar sindicatos e neles ingressar para proteção de seus interesses.

Artigo 24.

Todo ser humano tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e férias periódicas remuneradas.

Artigo 25.

1. Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle.

2. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

Artigo 26.

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Artigo 27.

1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios.

2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

Artigo 28.

Todo ser humano tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

Artigo 29.

1. Todo ser humano tem deveres para com a comunidade, em que o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.

2. No exercício de seus direitos e liberdades, todo ser humano estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer

as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

3. Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

Artigo 30.

Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer dos direitos e liberdades aqui estabelecidos.

ANEXO 2 – CASES GRADUANDAS MEIA-IDADE

As falas transcritas de forma literal, *ipsis litteris*, na forma de Cases tem por finalidade apresentar os Relatos de histórias de vida de cada uma das 8 Graduandas de Meia-Idade do Curso de Biblioteconomia da FABICO / UFRGS, (ANEXO 2), agregando maior destaque e riqueza ao estudo desta pesquisa. Sendo assim, eles estão apresentados em quadros com ordem numérica de graduandas, do 1 ao 8, em que aparecem também os dados de identificação, como local e a data em que ocorreram as entrevistas.

Quadro 2 – Apresentação do Case

Dados de identificação: Local da Entrevista e Data
<i>Relatos de histórias de vida...</i>

Fonte: dados da pesquisa (2017).

Quadro 3 – Case Graduanda de Meia-idade 1

FABICO / UFRGS, 25/09/2017
<p><i>Ah...eu gosto de tá no meio dos livros desde pequena, sempre gostei, sempre tive curiosidade. Sou curiosa, se começo a ler um texto e cita alguma coisa eu já quero ir atrás pra ver aquilo ali, então. É, estudando pro vestibular que meus filhos que me ajudaram bastante, ah...eu vi que despertou essa, essa curiosidade que até ali eu acho que tava adormecida, porque eu fui podada de fazer um Curso Superior, por motivos de ignorância mesmo da, dos meus pais, pela religião deles, então. Adventista. Então, eles não tiveram a visão assim de que outros adventistas eram formados né? Tinha médicos, advogados e, e daí fiquei naquele mundinho ali, né pequeno e...Mas não queria isso, né, não tive força né, pra, pra questionar, pra bater pé, é isso que eu quero, e...não. Me...fiquei com eles ali, naquele mundo, né? Mas eu via que eu não queria isso pros meus filhos, né? (Sobre quanto tempo tem de casamento?) 27 anos. Meu marido também não é formado. Como meu filho diz, é...o pai é um analfabeto funcional, né? Ah...então aí foi assim, foi querendo, ah..., entrei em depressão, né, perdi, tive uma, perdi um ser muito importante, entrei em depre. (Sobre a pessoa ser da família?) Sim, era como uma filha pra mim. E...entrei em</i></p>

depressão, isso foi em 2015. Não, de sangue não, mas o, era sentimento era mais forte. Era como uma filha, choro...E...meu filho disse...uma doença, é boba, mas perdi, e...dói até hoje, essa perda é, choro. 2015. Choro, desculpe. Eu comecei o tratamento com medicação, mas eu não quero ficar dependente. Então meu filho disse, mãe, vai estudar! Eu e o mano, a gente já tá encaminhado e tu tem que sair, choro, disse, né? Tu precisa realizar teus sonhos, ah...tanto que tu cobra, né da gente, de não ficar parado, não ficar pra traz. Ele disse, tu tem que ir atrás do que tu queria pra ti e não foi. Tá, tá sendo muito bom. [...]. (Sobre o marido?) Me apoiou sempre. Ele disse, dizia, ah, se tu achar que tiver que fazer um curso e tiver que pagar, a gente dá um jeito, né? Sempre me apoiou, sempre. Ele vai, sempre apoiou...É, mas eu ainda estou na fase dos altos e baixos, né? Ah...tem dias que tô bem, até meu filho comentou sexta-feira, mãe as vezes eu acho que tu é bipolar, né? Eu disse...porque tem horas que tu tá tão bem, tem horas que tu já tá pra baixo. Quando eu penso que tu tá bem, quando eu te olho, tu já tá chorando, ah...,mas eu não quero. (Sobre ter entrado na menopausa?) Entrei em 2006 na menopausa, né, tive que tirar o útero, e...então passo assim, né, tira o casaco, coloca o casaco, tira o casaco, coloca o casaco. O dia inteiro [...]. (Sobre o Curso?) Tá, tá sendo muito bom. Não vou desistir. Ah, o máximo que vai acontecer, é ser reprovada, né, em alguma cadeira, faz de novo, né? [...]. São uns amores meus colegas, tô apaixonada por eles. Tô apaixonada por eles. (Sobre dificuldade quanto à memória?) Aha, sim, risadas, memória, é memória, memória é ruim. [...]. Até porque 30 anos eu tava afastada, 30 anos longe, né? 30 anos longe de tudo. É lendo, mas não é essa leitura nossa que...De tudo. Lia de tudo um pouco, agora, agora mais no final meu filho tava fazendo eu ler Nietzsche. Nietzsche, Nietzsche pra mim, eu disse pra ele, meu filho eu não vou ler, esse homem se acha, esse homem é. Ele disse, mãe não é assim, continua lendo que tu vai entender, e aí eu fui atrás, fui pesquisar sobre pessoas que sabem sobre ele, falam sobre ele e aí eu comecei a ver, compreender que não era aquilo que eu tava, meu Deus ele se acha um Deus, ele se acha o “todo poderoso”, né? Que é essa a primeira impressão que eu tive. Ele disse, não! Vai atrás que tu vai ver que não é, e foi o que eu fiz. Então por isso que eu disse, eu gosto de procurar mais coisas. [...]. Mas eu não sabia que eu era assim. Eu tô me descobrindo também. [...].

Quadro 4 – Case Graduanda de Meia-idade 2**FABICO / UFRGS, 21/09/2017**

Bom, eu tenho 49 anos, sou casada, tenho dois filhos, [...], tenho dois filhos, uma filha com 26 anos que tá se formando já esse ano e um filho com 22 anos também estudante. Trabalho, sou [...] e tento, na medida do possível, ah..., dividir esse tempo, né, família, ah...trabalho e estudo, que os três me são muito caros e por enquanto eu não pretendo abrir mão de nenhum deles. Da família jamais, né, do trabalho não posso, preciso desse trabalho, muito, gosto do meu trabalho né, e o estudo também tá me trazendo algo muito bom, assim, algo muito especial, então eu acho que tá valendo muito apena. É cansativo, é corrido, né, não é fácil, se não é fácil pra gurizada que tem 18 anos, imagina pra nós que temos que trabalhar e tem toda uma responsabilidade, (Sobre as três jornadas), é exatamente, e toda uma responsabilidade (Sobre contas?), é exatamente. Muitas vezes tu tá lendo um texto, mas tu tá pensando...em coisas importantes da tua vida, responsabilidades importantes que tu tem que resolver, (Sobre família?), exatamente, com a família, que se tu tivesse 18 anos tu teria tua família resolvendo por ti, risadas, é, exatamente, é o contrário, né? Mas acho que vale muito apena, é muito gratificante, muito bom mesmo, então...E assim, tem que se superar todas essas barreiras, né, ah...não existe idade pra entrar numa Universidade, não existe idade pra estudar, a idade é especificamente algo do teu espírito, da tua consciência, da tua vida, tu impõe a tua idade, não tem ah, eu tenho 49 anos, então eu tenho que fazer coisas respectivas à quem tem 49 anos, não. Eu faço, eu penso assim, eu faço coisas respectivas ao meu bem estar, coisas que eu gosto de fazer e que, me fazem sentir bem. Fica ruim pra quem tem 49 anos? Bom, o problema é de quem acha isso, né? Bom, se eu estiver, ah, ah..., por exemplo, dentro da Universidade, não tem idade, né, qualquer um pode fazer o vestibular e, e vir estudar, então, eu sou uma cidadã, pago meus impostos, né, então, não tô roubando o lugar de ninguém, não, não, não tô prejudicando ninguém, né, pelo contrário, então, assim, eu fico bem, hummm, talvez por isso eu não encontre tantas dificuldades aqui dentro, né? Eu venho bem tranquila, bem segura do que eu tô fazendo e do que eu gosto de fazer. Então, assim, o que as pessoas pensam, ou deixam de pensar, eu observo, eu ouço, né? se aquilo vai me ajudar em alguma coisa, tudo bem. Se eu

vejo que que são críticas, ou, ou falas que não vão me, me acrescentar em nada, eu dispenso e, e era isso. Mas é isso aí.

Quadro 5 – Case Graduanda de Meia-idade 3

FABICO / UFRGS, 21/09/2017

Eu tive dois filhos, eu deixei de estudar porque eu precisava trabalhar, e eu não achava legal eu deixar eles todo um período fora e ainda ficar pra estudar, então eles seriam criados por outras pessoas e não por mim e não teriam nada. Eu trabalhava fora, não, não, integralmente não eu tinha pessoas me ajudando, mas eu ficava um período pelos menos com eles. Não, não, funcionários. Depois eles foram pra escolinha cedo, colégio e eu esperei que eles estudassem. Meu filho se formou, daí eles tem 10 anos de diferença, daí a minha pequena foi pra faculdade, porque eu nunca quis, eu acho que no fundo eu não queria estabelecer uma concorrência, aí ela tava fazendo vestibular e eu já fazer junto assim também, mas chegou um momento assim, mas vou fazer isto também. Não, própria iniciativa assim, não, ah...sim eles apoiam sim, sim, Se perguntar pro meu marido ele vai dizer que eu estudo, que tá tudo bem. E..., o meu filho agora já tá formado e a outra tá estudando. Os dois são daqui da UFRGS. Ele é Engenheiro de Computação, fez Mestrado aqui na UFRGS, fez Doutorado na França e já tá no segundo pós- doutorado e que agora ele morou na Inglaterra 1 ano e gora mora nos Estados Unidos a dois, já. (A Filha?) Faz Administração, tá num período de incerteza com o curso, e isso é muito difícil, né? E é isso. Eu sou casada já, vou fazer 34 anos de casada e tá tudo bem tranquilo. Eu e meu marido já conseguimos, a pequena não gostava de deixar, ela agora já tá grandinha suficiente pra gente sair a viajar e deixar. (Sobre a filha?), tem 22 anos. Eu não tenho queixa nenhuma pra mim tá muito bom. Eu gosto muito de dizer eu faço na UFRGS, assim como eu gostava que meus filhos, fiz questão que eles viessem pra cá e isso pra mim também é muito gratificante, eu não tenho queixas não Eu me motivo a vir todos os dias, como eu disse eu acho que eu consegui me relacionar muito bem com as pessoas e tem um grupo de colegas bem chegado a gente faz trabalhos junto e tudo e nos entendemos muito bem, e isso já é uma motivação quando tu está incluída e eu gosto muito de vir e

hoje é um dia que eu acordo às 5h:30min.da manhã. Então tá bem tranquilo. (Sobre a preferência nas disciplinas?) Eu acho que agora eu vou preferir as mais técnicas. (Sobre bolsa na UFRGS?), Eu não tenho e eu tenho interesse. E agora estou me inscrevendo de novo e para que eu não seja excluída (Sobre relação às bolsas?), eu não coloco a data de nascimento. Porque é quando o pessoal chama, se eles veem a tua data de nascimento, não sou chamada não. [...]. Tem essa limitação da idade. [...]. Não sei, eu acho que realmente é uma discriminação eu acho que é algo mais ou menos difícil pra vencer essa, essa barreira aí, e eu não consegui dar o primeiro passo ainda e é o meu intuito dar esse primeiro passo. [...]. Tentei algumas, e não uma apenas que eu fui que era ali na Biblioteca e era minha professora inclusive e ela deu prioridade para alguém que era do Direito. Quando eu fui, eu acho que a gente se torna acho muito perspicaz com a idade, pela conversa que a pessoa vai direcionando tu já vê, daí eu já vi que ela já tava propensa pra aquela pessoa já. [...]. O que foi bem gratificante, uma professora ela me chamou, eu fui a escolhida pra ser do projeto de pesquisa dela, só que ela disse que eu era, mas ela precisava de alguém que soubesse muito bem Excel e eu não assumo compromisso de algo que eu não domino totalmente. [...]. Entre todos ela me escolheu mesmo com a minha idade. Eu não dominava o Excel [...]. Uma bolsa de Extensão [...]. Se eu não dominar o Excel eu posso pechar com isso mais vezes. [...].

Quadro 6 – Case Graduanda de Meia-idade 4

FABICO / UFRGS, 21/09/2017

Tenho, eu tenho um filho, tem 34 anos, um leitor voraz desde 3, 4 anos de idade quando ele já começou a ler, né? Não, Infelizmente não, filho casado há tantos anos, mas nada do neto. Ah...eu sou Pedagoga, ah...eu trabalhei com crianças, com alfabetização, com crianças de 3ª e 4ª série, não, sempre Escola Pública. Eu fui professora do Curso Normal conhecido como Magistério. Sou professora de Didática, é...fui coordenadora do Curso Normal, fui Supervisora do Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller de Rio Grande, uma escola que na época tinha 2.200 alunos. Nós tínhamos aproximadamente 650 alunos só do

Curso Normal, do Curso Magistério, e, eu amava o meu trabalho. Sou casada, sou casada há 37 anos, 37 anos, sempre com a mesma pessoa. Sim, sim, eu, eu decidi voltar a estudar mais tarde, primeiro, a primeira graduação eu fiz, eu já não era mais uma juvenzinha, né? Eu tinha 38 anos, porque eu comecei a minha primeira graduação, a primeira mesmo foi com 20 anos, só que eu deixei a minha graduação e fui ter uma outra experiência de vida. Eu fui voluntária, eu fui voluntária de uma Organização Não Governamental ligada à Igreja Católica e eu fui trabalhar no Mato Grosso, onde eu conheci o meu esposo, um italiano ligado à mesma Organização, só que da Itália. Aí, acabamos casando e eu fui embora pra Itália e morei lá muitos anos e nesse período que eu vivi lá eu não voltei a estudar, mas eu trabalhava e trabalhava numa Escola de Educação Infantil. (Sobre voltar ao Brasil?), Porque nós resolvemos na época que o meu filho tinha a oportunidade de também conhecer o Brasil que também não deixava de ser a terra dele, né. E aí a gente foi morar em Rio Grande e lá eu fiz vestibular na, na FURG, fiz pra Pedagogia, num primeiro momento eu escolhi Pedagogia porque era o único horário que eu tinha, porque tinha que administrar o filho, então enquanto o filho tava na escola, eu estudava, né? E, eu tenho orgulho de dizer que depois de tantos anos sem estudar, entrei em primeiro lugar e saí em primeiro lugar de Pedagogia, risadas. Ah...aí fiz concurso, fiz dois concursos, fui aprovada nos dois, fui chamada, nomeada nos dois, aí permanecemos. Aí viemos morar em Porto Alegre, não é? E aqui em Porto Alegre eu trabalhei como supervisora num EJA, de Educação de Adultos, que também é um espaço imprescindível, a presença de alguém para motivar a leitura. Tem uma pequena Biblioteca, mas não tem o Bibliotecário, então todas essas coisas que...[...].

Quadro 7 – Case Graduanda de Meia-idade 5

FABICO / UFRGS, 21/09/2017

Bom, minha vida pode ser resumida facilmente, risadas. Eu casei muito nova, ah...tive três anos, ah...tentando engravidar que eu queria muito ter filhos e não conseguia e quando eu consegui foi a maior alegria. Tenho dois filhos e são a razão da minha vida. Assim, como os sobrinhos, que pra mim não há diferença

entre filhos e sobrinhos, e agora pra culminar, a neta, né? a [...]. Bom, todos os quatro, os meus filhos, os dois filhos e os dois sobrinhos são formados na UFRGS. O primeiro fez Direito, o [...], o [...] fez Medicina, o [...] fez Economia e o [...] fez ah...Engenharia Civil. E eu estudei na PUC, então eu me senti um pouco, pouquinho burrinha, risadas, por não ter passado na UFRGS, na verdade eu nunca tinha tentado. Daí, eu fiz Letras e Espanhol e durante, no final do Curso de Letras na PUC, o meu marido faleceu. Daí foi um momento bem complicado porque a gente trabalhava junto, ficava junto, assim, 24 horas, né? Eu passei um tempo com depressão e depois eu comecei a retoma, né? E quando meus filhos casaram eu senti um vazio, não voltei a ter depressão, mas eu tava sentindo um vazio e a minha vida tava muito..., era da academia pra casa e da casa pra academia, risadas, meio sem sentido, então eu resolvi fazer o...com o incentivo da minha nora, resolvi fazer o ENEM, e pra minha surpresa eu consegui entrar, né? Na verdade, eu queria fazer Psicologia, faltaram alguns pontos, mas consegui entrar em Biblioteconomia e decidi cursar. E assim, eu gosto muito do convívio com os colegas e eu me dou bem com todos e, ah..., como eu já relatei antes minhas barreiras são tecnológicas e o inglês que faz muita falta, que aliás os meus filhos falam fluentemente, inglês, os filhos e os sobrinhos. A única que não fala sou eu. E é isso então, daí eu resolvi vir pra FABICO, eu gosto daqui, gosto dos colegas, e são essas as barreiras que eu enfrento. Eu pretendia fazer uma Pós-Graduação na minha, na área já de Educação, como professora de espanhol, ah...na verdade o que essa professora me falou me deixou um pouco pra baixo e eu vi que na UFRGS existe muito corporativismo, né? Na área da Letras, né? Então, seria um pouco complicado, mas na verdade eu tô me acovardando e não tô tentando ir à luta.

Quadro 8 – Case Graduanda de Meia-idade 6

FABICO / UFRGS, 25/09/2017

[...] eu tenho dois filhos, o [...] e o [...], por ordem cronológica, o [...] tem 26 anos, ele tem uma filhinha de 1 ano e 5 meses, e eu tenho o [...] que tem 21 anos. Os dois estudam, o [...] faz Licenciatura em História na UFRGS, o [...] fez ingressou agora em 2017, em Licenciatura em Letras, ele é formado em

Jornalismo, e ele fez Ciências Sociais também na UFRGS. Eu sou divorciada, não, não, eu sou divorciada. Eu casei em 1990 em Barcelona que foi uma cidade que eu morei de 89 à 93, que eu, eu fui numa licença ah, pra estudo, né, porque eu já era funcionária pública do Município de Porto Alegre, fui professora, eu fui fazer um curso. E neste curso eu conheci meu marido, risadas, peruano, espanhol peruano. Nós nos casamos lá, meu filho mais velho nasceu lá. E ele..., nós viemos pro Brasil, ah...em 93, quando ele tinha dois anos, dois anos e pouquinho já. Ah...daí, depois nós nos separamos em 2002, a gente se separou. Mas a gente é super amigos, nos damos super bem. Ele ficou de, agora ele tá no Perú, que a mãe dele tá com problema, mas enfim, eu fui mui, eu sempre fui professora, toda minha vida, não fiz outra coisa na vida, a não ser professora, sempre trabalhei 40 horas, a não ser esses 4 anos que eu fui fazer esse curso Pós-Graduação na Universidade de Barcelona. E...sempre trabalhei no Município (Sobre o Curso de Pós-Graduação?) Eu fiz em Psicopatologia da Linguagem, que eu sempre trabalhei assim com a questão de alfabetização já, trabalhei com laboratórios de aprendizagem nas escolas, então, não fiquei só na Educação Física. E trabalhei alguns anos também na Secretaria Municipal de Educação, como Coordenadora Pedagógica, lá na Secretaria. Então, fiz muitas coisas, na, na Prefeitura Municipal de Porto Alegre, assim, na, na área da Educação. Ah, e aqui na Universidade, na verdade, assim, eu, eu não, não tenho vivenciado muito o ambiente acadêmico, assim de fazer outras coisas, de, de Seminários, ah, como eu fiz na minha primeira graduação na Educação Física, quando eu fazia Educação Física, embora eu era mais jovem, eu trabalhasse já, né, porque eu dava aula, eu...eu frequentava muitos Seminários, muito Congresso, fazia muitos cursos e tal. Agora não, agora na verdade eu venho, assisto às aulas, ah..., mas raramente venho fora deste horário das aulas, e é isso assim, eu tô, tô, tô fazendo de uma outra forma, assim, mais, mais devagar...até...Não, eu curto, quando eu venho aqui, eu acho isso tudo legal, os, os colegas, assim não tem essa coisa de discriminar, assim, ai, ela é a coroa, risadas. Não, assim, eu, ah, foi uma coisa que me surpreendeu bastante, assim. Os jovens são bastante receptivos com, conosco, assim. [...].

Quadro 9 – Case Graduanda de Meia-idade 7**FABICO / UFRGS, 21/09/2017**

[...] eu tenho uma menina que atualmente está com 18 anos, e já tem mais autonomia mas quando eu ingressei no Curso era uma adolescente, não dava pra deixar solta, somos só nós duas, risadas, [...]. Não, sou separada, que mais? Eu fiz a opção também pelo fato de ela ser adolescente, eu estudar de manhã, nosso Curso ser de manhã, então para poder acompanhá-la à tarde no decorrer do dia, né? É, não, quando eu era gurua eu comecei jornalismo com 19, 20 anos, foi o que eu cursei mais. Eu tive uma passagem pela História, pela Psicologia. Eu passei por vários cursos e eu sempre achei a academia uma coisa muito...engessada, talvez, seja essa palavra. Não satisfazia às minhas necessidades, né? E quando eu voltei a estudar agora, depois de velha, eu tive a ilusão só porque eu antecipei uma cadeira do segundo semestre, e peguei uma pessoa maravilhosa, tive a ilusão de que a academia tinha mudado. Mas pude constatar no decorrer do Curso, principalmente de Biblioteconomia, porque eu já vi que outros, a coisa acontece um pouco diferente. [...] eu digo, nossa, não acredito que agora o “Ponto de Mutação”! Que agora existe na academia essa coisa de trabalhar numa linha emergente, entende? Só que na prática eu pude constatar que ainda é balela, exatamente, ainda é balela, entende? Porque quando eu estive na bolsa da Biblioteca aqui da FABICO, eu tive a oportunidade de, de acompanhar a gurizada fazendo seus trabalhos de TCC, alguns que eu acompanhei. E eu me lembro claramente que teve uma menina que eu acompanhei que ela estava ruando, o diabo, o cão, porque o trabalho dela era uma abordagem emergente, né? Então deu para constatar, a gente pode ver aí no Curso de Biblioteconomia, os TCCs, é tudo muito engessadinho, entendeu? Exatamente! Porque a abordagem que ela tava fazendo, ainda não é uma abordagem bem aceita e bem administrada na academia, entendeu? E na Biblioteconomia menos ainda, porque ela nem era do Curso de Biblioteconomia. É toda caretinha, entende? Emergente, ela era emergente, aí ela... A emergente tem essa visão mais Holística e menos fragmentada. Tem alguns trabalhos, por exemplo, que eu pude perceber, que eu já vi, li, da Museologia que você tem um texto de TCC praticamente em bloco, um bloco de texto, entende? Na Biblioteconomia se você não fizer pontinho por pontinho, item por item,

topicozinho, qué, qué, qué, qué, periga cê tirar um zero. Porque o corpo docente não acompanha isso. Acho eu. [...]

Quadro 10 – Case Graduanda de Meia-idade 8

FABICO / UFRGS, 23/10/2017

Eu, eu sou casada há 33 anos, eu tenho dois filhos, a menina [...] com 27, o [...] com..., ah. O [...] com 27 e a [...] com 30, risos. Olha só como eu tô velha, ela já tá com 30, risos. A [...] tá com 30 e ah...(Sobre ter trabalhado?) Já, já trabalhei. Eu fiz de tudo na minha vida, eu já fui secretária, recepcionista, já trabalhei em loja, já fui balconista, empacotadora, enfim, tudo aquilo que tu imaginar eu já fiz. Antes de casar, aí quando eu, a [...] nasceu, aí eu parei de trabalhar. É, eu trabalhei 1 ano, mas aí ela vivia doente, aí o meu marido disse não, eu ficava com pena, tu tá gastando mais do que tu tá ganhando, né? Risos. Aí eu parei de trabalhar. Aí quando eu resolvi voltar a trabalhar, tava grávida do [...], risos. Aí fiquei em casa de novo, aí fiz o Curso de Magistério. Eu já tava com uns 37 anos quando eu resolvi fazer o Curso de Magistério. Aí fiz o Curso de Magistério, mas não era aquilo que eu queria. E, e meu marido foi meu maior incentivador, um dia vendo o Jornal ele disse assim, chegou em casa e disse, tu sabia que tem um Cursinho Pré-Vestibular da UFRGS aqui no, no Vale? [...]. Aí eu fui fazer, eu fui me escrever pro tal Cursinho risos. Ah...vou fazer Biblioteconomia agora, né? Risos. Aí fiz o Cursinho, fiz dois anos de Cursinho e passei aqui. [...]. Curti muito fazer o Curso, adorei o Curso, eu só não vou fazer outro porque é muito cansativo, é muito cansativo. [...] Agora vou curtir o meu neto, risos. [...].

